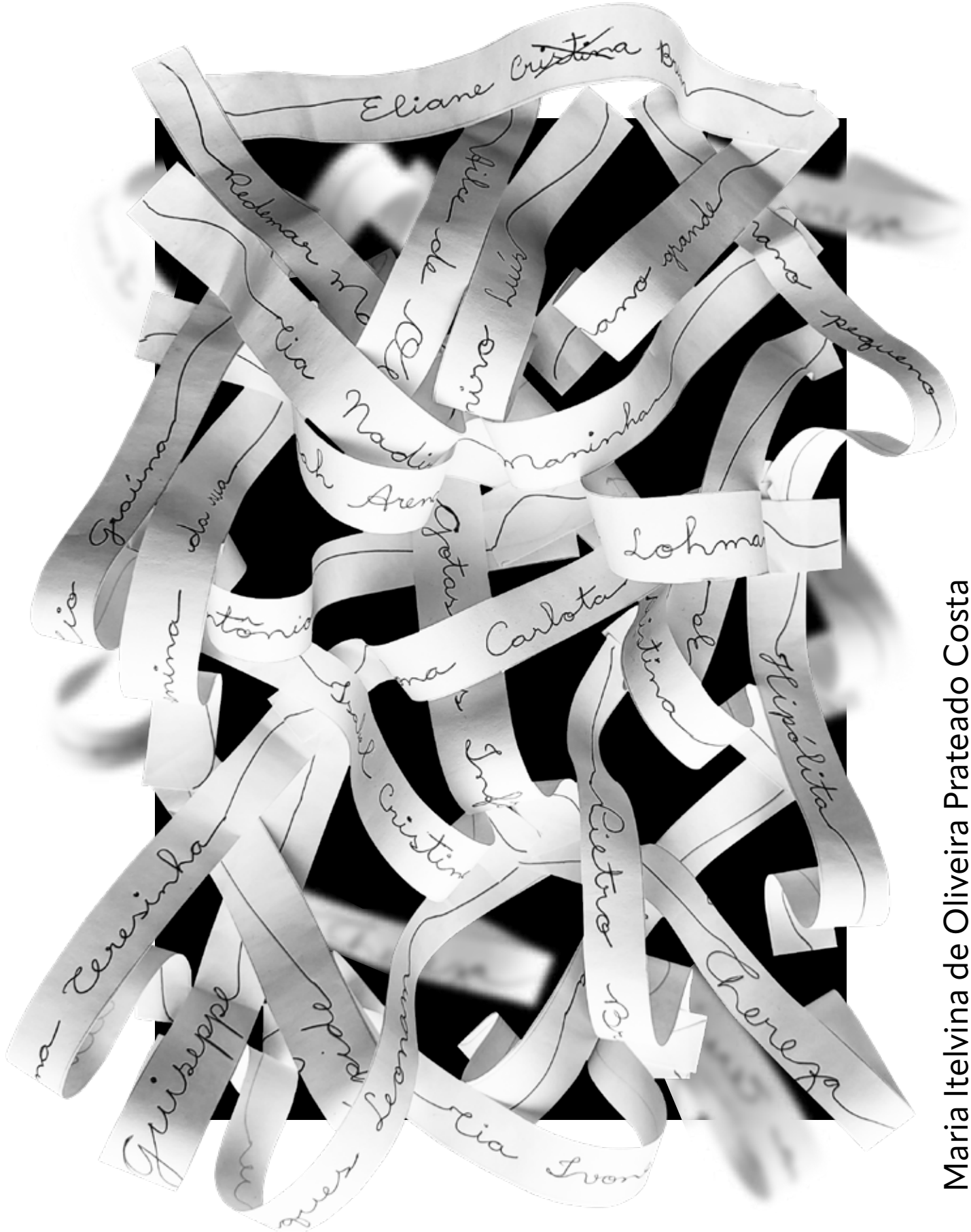


EXPERIMENT[AÇÕES] DE LEITURAS DA

# CasAteliÊ:

PARFOR/PEDAGOGIA/UCS



Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa

MARIA ITELVINA DE OLIVEIRA PRATEADO COSTA

EXPERIMENT[AÇÕES] DE LEITURAS DA

# CasAteliÊ:

Parfor/Pedagogia/UCS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa em História e Filosofia da Educação – Curso de Mestrado Acadêmico da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profª Drª. Sônia Regina da Luz Matos

Caxias do Sul  
Novembro de 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C837e Costa, Maria Itelvina de Oliveira Prateado  
Experiment[ações] de leituras da Casa Ateliê [recurso eletrônico] :  
Parfor/Pedagogia/UCS / Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa. – 2025.  
Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, 2025.

Orientação: Sônia Regina da Luz Matos.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Leitura. 2. Educação. 3. Cartografia. I. Matos, Sônia Regina da Luz,  
orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 028

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

## **“Experiment[Ações] de leituras da CasAteliÊ: Parfor/Pedagogia/UCS”**

**Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

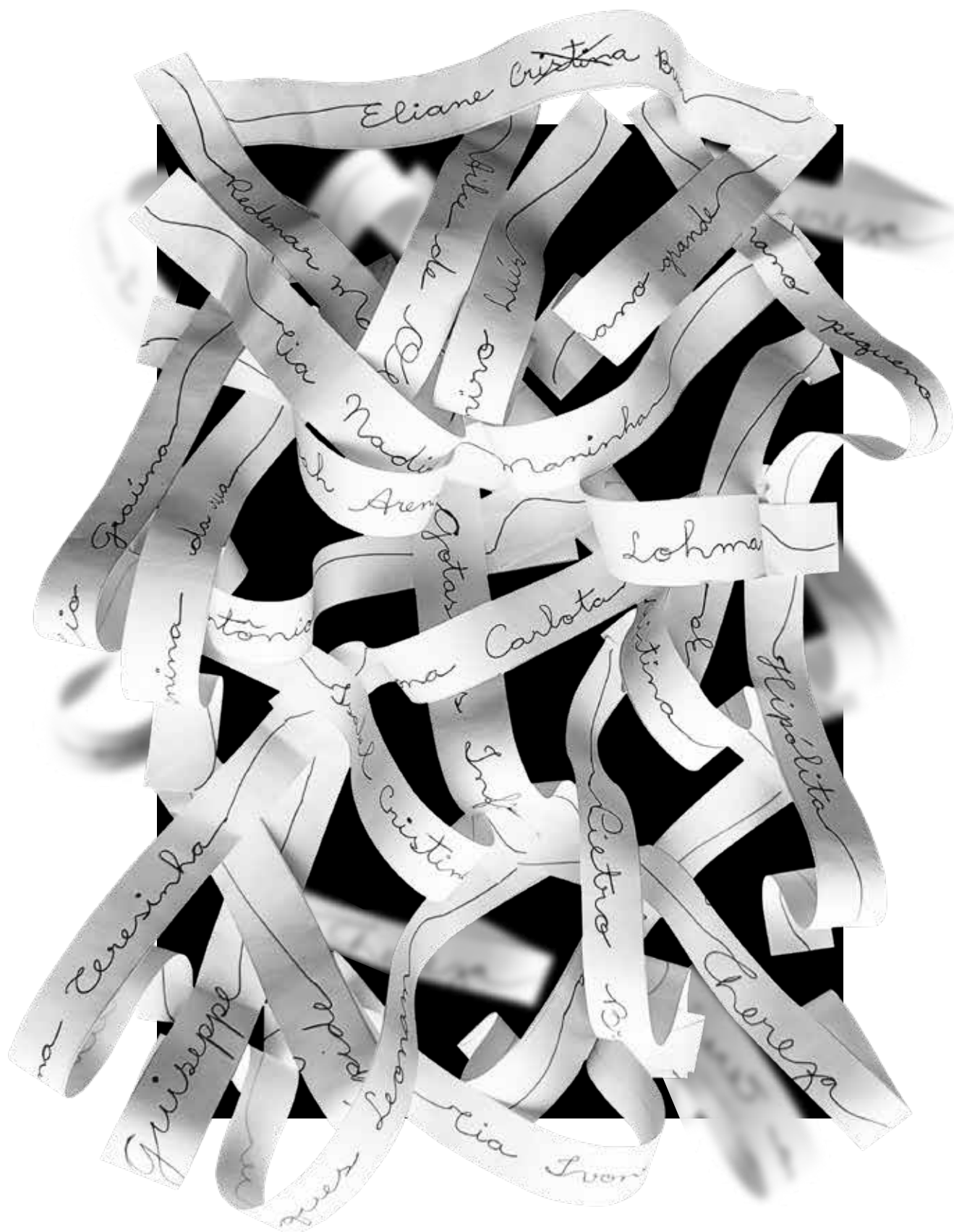
Caxias do Sul, 26 de novembro de 2025.

Dra. Sônia Regina da Luz Matos (presidente UCS) \_\_\_\_\_

Dra. Cineri Fachin Moraes (UCS) \_\_\_\_\_

Dra. Nilda Stecanela (UCS) \_\_\_\_\_

Dra. Fabiane Olegário (UNIVATES) \_\_\_\_\_



**IMAGEM 1**

**Local:** CasAteliÊ

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

**Materiais:** caneta esferográfica preta, papel branco 80g/m<sup>2</sup>, papel cartão preto.  
Caxias do Sul/2024.

# AGRADECIMENTO

A vida tem sido tecida por várias linhas de encontros, afetos e parcerias com outras vidas. Algumas delas nomeio e agradeço por serem acolhida, suporte e, de algum modo, darem sustent[Ação] aos estudos e à concretiz[Ação] dessa escrita de dissert[Ação] de Mestrado Acadêmico em Educ[Ação].

Manu e Paulo, amores, por apoiarem, comemorarem e serem presenças intensas.

Maria José e Roberto Prateado (*in memoriam*), pais amados, por todo esforço feito para que eu pudesse estudar, por acreditarem e incentivarem. Vocês estão sempre pertinho!

Maria Carolina, Maria Consuelo e Roberta, irmãs e companheiras de jornada, por vibrarem com as conquistas.

Volnei Canônica, amigo e compadre, por acolher Manu, Paulo e a mim com respeito desde o nosso primeiro encontro e por oportunizar a aproxim[Ação] do Quindim pelo Ateliê Araçari.

Vagner Peruzzo, amigo querido, pelas inúmeras parcerias pedagógicas e pela bonita convivência.

Adriana Camelo, Keli Kroth, Luciana Miola e Micheli Rech, amigas, pela acolhida, confiança, escutas e por tantas construções comuns.

Todas as crianças que tive oportunidade de conviver, por compartilharem alegria, curiosidade e beleza.

Cada professora e professor que encontrei em form[Ações], pelas trocas e aprendizagens.

Professora Dr<sup>a</sup> Sônia Regina da Luz Matos, por dar-me a mão e caminharmos juntas durante o Mestrado. Por suas palavras certeiras, sua disponibilidade de estar ao lado, suas orient[Ações] cuidadosas e por sempre estar presente.

Professoras Dr<sup>a</sup>. Cineri Fachin Moraes, Dr<sup>a</sup> Fabiane Olegário e Dr<sup>a</sup> Nilda Stecanela, por aceitarem compor a banca examinadora e por contribuírem para a qualific[Ação] da dissert[Ação].

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento da bolsa de Mestrado.

*“Eu não desisti”, respondeu John.  
(Woolf, 2005, p. 141)*

Esta pesquisa é agregada à linha de pesquisa História e Filosofia da Educação (PPGEdu/UCS) e ao grupo de pesquisa Pedagogia Crítica, Clínica e da Diferença (PCCD). Ao ter por objetivo cartografar, no AteliÊ, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023, pergunta: Como cartografar, no AteliÊ, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023?. Além disso, realiza cinco movimentos investigativos distribuídos no sumário os quais são: **CasAteliÊ, PesquisAteliÊ, AteliÊ Parfor/UCS como experiÊncia de leituras, 3 modos de fazer e Apontamentos de vagância.** **CasAteliÊ** trata do percurso da pesquisadora e do seu envolvimento com o tema e o problema da investig[Ação]. Quanto à **PesquisAteliÊ**, ela mostra o funcionamento e a definição do método cartografia (Costa, 2014; 2020) e apresenta os quatro operadores cartográficos do AteliÊ Parfor/UCS, são eles: a leitura pela escrita e a escrita pela leitura literária (Corazza, 2011a); os objetos sólidos (Woolf, 2005); o texto literário (Perrone-Moisés, 2012; Barthes, 1978); e a noção de *punctum* (Barthes, 1984). Já em **AteliÊ Parfor/UCS como experiÊncia de leituras**, demarca-se AteliÊ como espaço-tempo de experiÊncia (Lapoujade, 2017; Matos 2024a). Também se apresenta brevemente o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, pois as três professoras-participantes do AteliÊ desta pesquisa estão vinculadas ao Parfor/UCS/Pedagogia/2023. Chega-se, então, aos **3 modos de fazer**; nesta parte da pesquisa, mostram-se os operadores cartográficos na feitura do AteliÊ Parfor/UCS arrastados pelo conceito de *punctum* (Barthes, 1984), como um dos operadores de leitura de *punctum*. Descrevem-se os modos de fazer do que se passa nos três AteliÊs Parfor/UCS e algumas de suas experiment[Ações] com [Ações] de leituras de *punctum*. O último movimento investigativo, **Apontamentos de vagância**, retoma os operadores do AteliÊ e mostra que a PesquisAteliÊ faz do ato de ler um investimento na experiÊncia com texto literário, que ganha contorno de multiplicidade de sentidos pelas manifest[Ações] vivas de leituras e escritas das acadêmicas do curso de Pedagogia/Parfor/UCS. Nesse contexto, as experiment[Ações] de leituras no AteliÊ Parfor/UCS funcionam como experiÊncias e contribuem para uma form[Ação] de professoras que afirmam vida em meio às leituras (Corazza, 2011b; Matos; Schuler; Corazza, 2015; 2021). A pesquisa é cartografada pela oper[Ação] de seus quatro (4) operadores e pelas leituras de *punctum* realizadas pela pesquisadora a partir das [Ações] de leituras do AteliÊ Parfor/UCS. Assim, é possível afirmar que o movimento de escreleiturar-se (Matos, 2024c) abre fluxos e libera forças de vida aprisionada.

O texto também pode ser encontrado, em formato de revista digital, no link: <https://online.fliphtml5.com/gincju/hkob/>

**Palavras-chave:** AteliÊ; Pedagogia; Parfor; Leitura; Experiência; Educação.

# ABSTRACT

This research is added to the History and Philosophy of Education research line (PPGEdu/UCS) and the Critical, Clinical and Difference Pedagogy research group (PCCD). When aiming to map, at AteliÊ, the reading [Actions] of Pedagogy/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023 students, the question is: How to map, at AteliÊ, the reading [Actions] of Pedagogy/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023 students?. Furthermore, it carries out five investigative movements distributed in the summary which are: **CasAteliÊ**, **PesquisAteliÊ**, **AteliÊ Parfor/UCS as a reading experience**, **3 Ways of Doing** and **Vacancy Notes**. **CasAteliÊ** deals with the researcher's journey and her involvement with the theme and the research problem[Action]. As for **PesquisAteliÊ**, it shows the functioning and definition of the cartography method (Costa, 2014; 2020) and presents the four cartographic operators of AteliÊ Parfor/UCS, they are: reading through writing and writing through literary reading (Corazza, 2011a); solid objects (Woolf, 2005); the literary text (Perone-Moisés, 2012; Barthes, 1978); and the notion of *punctum* (Barthes, 1984). In **AteliÊ Parfor/UCS as a reading experience**, AteliÊ is demarcated as a space-time of experience (Lapoujade, 2017; Matos 2024a). The National Basic Education Teacher Training Program is also briefly presented, as the three AteliÊ teacher participants in this research are linked to Parfor/UCS/Pedagogia/2023. We then arrive at the **3 Ways of Doing It**; In this part of the research, the cartographic operators in the creation of AteliÊ Parfor/UCS are shown to be drawn by the concept of *punctum* (Barthes, 1984), as one of the *punctum* reading operators. The ways of doing what happens in the three AteliÊs Parfor/UCS and some of their experiments with [Actions] of *punctum* readings are described. The last investigative movement, **Vacancy Notes**, takes up the AteliÊ operators and shows that **PesquisAteliÊ** makes the act of reading an investment in the experience with literary text, which takes on a multiplicity of meanings through the vivid manifestations of readings and writings of the academics on the Pedagogy/Parfor/UCS course. In this context, the reading experiments[Actions] at AteliÊ Parfor/UCS function as experiences and contribute to a training[Action] of teachers who affirm life through readings (Corazza, 2011b; Matos; Schuler; Corazza, 2015; 2021). The research is mapped by the operation[Action] of its four (4) operators and by the *punctum* readings carried out by the researcher based on the [Actions] readings at AteliÊ Parfor/UCS. Thus, it is possible to affirm that the movement of writing one-self (Matos, 2024c) opens flows and releases trapped life forces.

The text can also be found in digital magazine format at the following link: <https://online.fliphtml5.com/gincju/hkob/>

**Keywords:** Studio; Pedagogy; Parfor; Reading; Experience; Education.

# LISTA DE IMAGEM

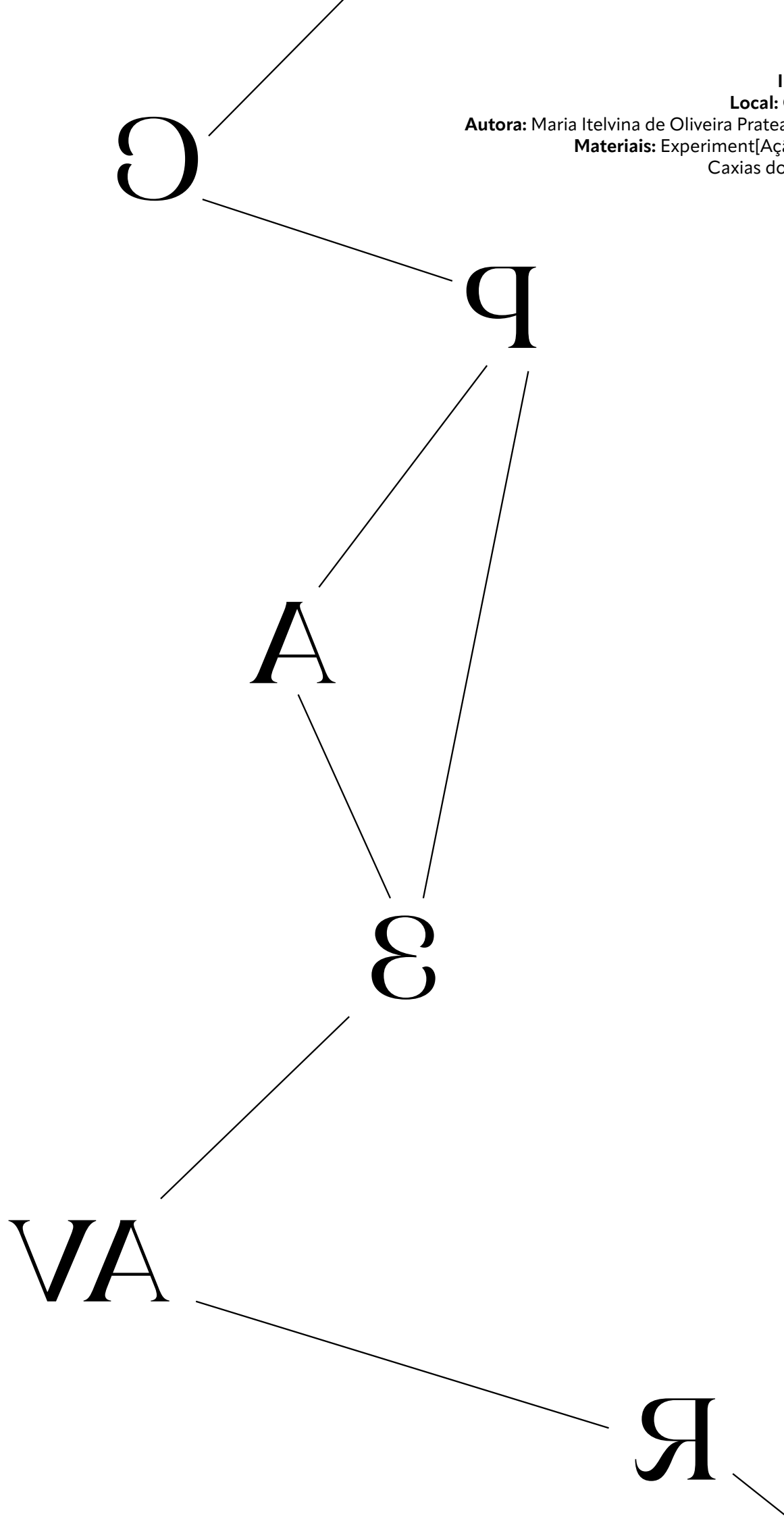
Imagem 01	<b>05</b>
Imagem 02	<b>11</b>
Imagem 03	<b>19</b>
Imagem 04	<b>24</b>
Imagem 05	<b>28</b>
Imagem 06	<b>38</b>
Imagem 07	<b>42</b>
Imagem 08	<b>45</b>
Imagem 09	<b>47</b>
Imagem 10	<b>50</b>
Imagem 11	<b>54</b>
Imagem 12	<b>57</b>
Imagem 13	<b>60</b>
Imagem 14	<b>64</b>
Imagem 15	<b>70</b>
Imagem 16	<b>76 e 77</b>
Imagem 17	<b>82 e 83</b>
Imagem 18	<b>85</b>
Imagem 19	<b>90</b>
Imagem 20	<b>92 e 93</b>
Imagem 21	<b>96</b>
Imagem 22	<b>98 e 99</b>
Imagem 23	<b>102 e 103</b>
Imagem 24	<b>105</b>
Imagem 25	<b>111</b>
Imagem 26	<b>116</b>
Imagem 27	<b>118 e 119</b>
Imagem 28	<b>120 e 121</b>
Imagem 29	<b>122 e 123</b>
Imagem 30	<b>133</b>
Imagem 31	<b>142</b>

**IMAGEM 2**

**Local:** CasAteliÊ.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

**Materiais:** Experiment[Ação] digital.  
Caxias do Sul/2025.



# SUMÁRIO<sup>1</sup>

## **P** **PesquisAteliÊ 34**

Texto literário **39**

Objetos sólidos **43**

Leitura pela escrita e  
escrita pela leitura por  
meio da [Ação] visual **48**

*Punctum* **51**

Leituras de *punctum* **55**

## **C**

### **CasAteliÊ 14**

Pelas frestas **20**

Desvios **21**

Deambul[Ação] **22**

Alargamentos **25**

À mostra **25**

Na espreita **26**

Variedade dos modos **29**

Fios concretos **33**

## **A**

### **AteliÊ Parfor/UCS como experiÊncia de leituras 58**

Parfor/UCS/Pedagogia **61**

As participantes **65**

AteliÊ: experi[m[Ações]] **67**

A força da experiÊncia pela  
experi[m[Ação]] **71**

## **3**

### **3 modos de fazer 78**

Elementos da feitura do AteliÊ Parfor/UCS **80**

Modo de fazer 1: Cheganças **89**

Da experiÊncia do modo de fazer 1 **93**

Modo de fazer 2: As vogais antes dos sapatos **94**

Da experiÊncia do modo de fazer 2 **97**

Modo de fazer 3: A guria dos 7 **100**

Da experiÊncia do modo de fazer 3 **104**

Irrompências em notas **108**

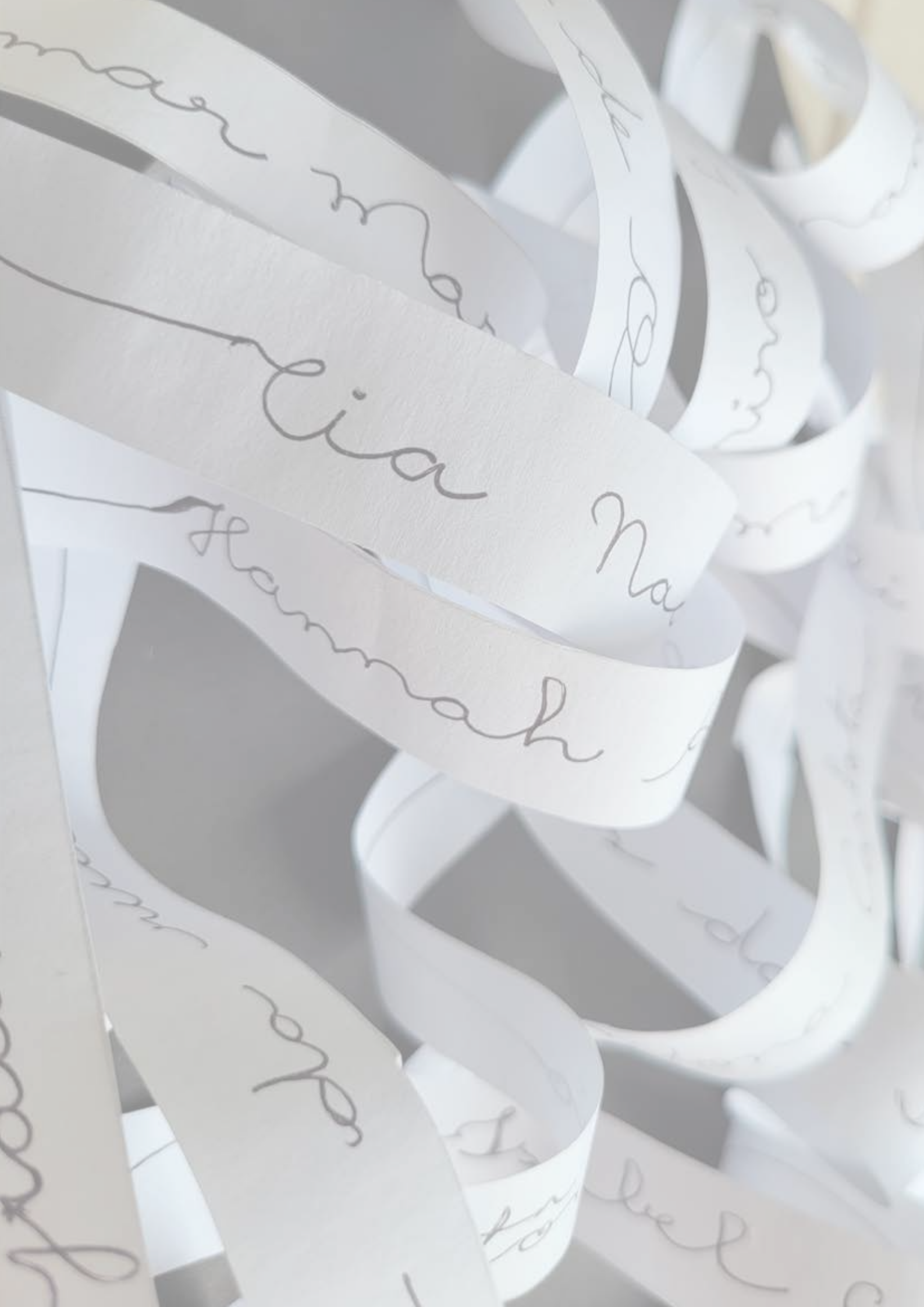
## **AV**

**Apontamentos  
de Vagância 124**

## **R**

**Referências 134**

<sup>1</sup> Sua estrutura é uma tentativa de leitura de *punctum* da pesquisadora.



Cia

Na

Hannah



# CasAteliÊ

# CasAteliÊ<sup>2</sup>

Como educadora, sempre me pergunto sobre quais possibilidades tenho de explorar territórios a partir dos já postos, o que me faz pensar em como potencializar a manifest[Ação] da singularidade de uma professora-pesquisadora, juntamente com a das crianças, dos jovens e das professoras com quem convivo, quando atuo em AteliÊ de leitura como professora, gestora e formadora de professoras. Nesse contexto, também me questiono a respeito de como oportunizar [Ações]<sup>3</sup> de combate contra as forças dominantes instaladas nos discursos institucionais disciplinadores que pasteurizam a [Ação] pedagógica.

Ao trilhar caminhos variados, na busca por tensionar esses fios, faz-se a CasAteliÊ, que vai se compondo pelos movimentos das linhas de vida da pesquisadora — encontros, espaços, lugares, aprendizados e andanças — que marcam uma trajetória autoral e consistente; linhas que vibram com intensidades e se cruzam com estudos e pesquisas sobre os AteliÊs.

A CasAteliÊ já abarca um conjunto de [Ações], rel[Ações], experiment[Ações] e acontecimentos. Ela não tem um local específico, com endereço fixo; é um espaço-tempo da experiÊncia que pode ocorrer em qualquer lugar. E tem se caracterizado por tornar-se itinerante; realizar ocup[Ações] e se deslocar; funcionar em espaço-tempo flutuante; ser concreta e materializar-se em [Ações].

A partir desse contexto, esta pesquisa<sup>4</sup> de Mestrado em Educ[Ação], com seus percursos, investiga:

*- Como cartografar, no AteliÊ, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor<sup>5</sup>/UCS/Caxias do Sul-RS/2023?*

<sup>2</sup> A ligação das palavras Casa e AteliÊ feita por **A** é um dos movimentos de leitura de *punctum* da pesquisadora, assim como a marca de **Ê** no final da palavra AteliÊ. Como já esclarecido, opto por não criar outras notas sobre seus usos ou usos similares ao longo da dissert[Ação].

<sup>3</sup> O uso de colchetes em várias palavras ao longo do texto, isolando e destacando os sufixos [-Ação] e [-Ações] é um dos movimentos de leituras de *punctum* da pesquisadora. Pela [Ação], criam-se mundos. Ela movimenta forças e fluxos de multiplicidades, gera acontecimentos e potencializa a ExperiÊncia. Algumas palavras com essas termin[Ações] não são marcadas pelos colchetes por não aumentarem a potência de agir da pesquisadora, pela via da alegria. Como já esclarecido, opto por não criar outras notas sobre seus usos ou usos similares ao longo da dissert[Ação].

<sup>4</sup> A pesquisa é realizada com apoio do CNPq - Processo n°. 132568/2024-1. E, aprovada pelo Comitê de Ética - CAEE: 88283325.3.0000.5341.

<sup>5</sup> A sigla refere-se ao Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. O Parfor será apresentado no subtítulo *Parfor/UCS/Pedagogia do bloco AteliÊ Parfor/UCS como experiência de leituras*.

A pergunta investigativa é uma importante deriv[Ação] da CasAteliÊ, que é um espaço de experiÊncia da pesquisadora, que se desloca para esta dissert[Ação]. Por esta implic[Ação], trago este espaço como parte do tema, problema e objetivos de investig[Ação].

Ao arrastar para dissert[Ação] a CasAteliÊ e as suas experiÊncias de leituras literárias, convido as professoras-participantes<sup>6</sup> do Curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)/UCS/Caxias do Sul-RS a experienciar três (3) AteliÊs. Assim, constitui-se o tema desta pesquisa sobre uma experiÊncia de leituras literárias pelos operadores cartográficos da CasAteliÊ.

A investig[Ação] mostra os operadores do método desta pesquisa e a sua cartografia (Costa, 2014; 2020). Pela cartografia, esgarçam-se alguns operadores conceituais que compõem as [Ações] de leituras propostas pela CasAteliÊ. Estes operadores estão presentes em seus modos de fazer, por dentro do AteliÊ, e fazem parte desta investig[Ação].

Assim, o objetivo da pesquisa que passa a cartografar, no AteliÊ, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023 é demarcado por cinco (5) movimentos investigativos, que seguem a sequência do sumário desta dissert[Ação]: CasAteliÊ, PesquisAteliÊ, AteliÊ Parfor/UCS como experiÊncia de leituras, 3 modos de fazer e Apontamentos de vagância.

A respeito deles, explico:

- **CasAteliÊ**, anuncia acontecimentos da trajetória da pesquisadora e mostra como o AteliÊ, a leitura e a form[Ação] continuada de professoras<sup>7</sup> afetam uma vida, ao ponto de eles estarem nesta pesquisa como título, tema e problema.

<sup>6</sup> A denominação dada à professora estudante que participa do Parfor, conforme Portaria nº 220, de 21 de dezembro de 2021 (Brasil, 2021) é professora cursista. De acordo com o mesmo documento, ainda participam do Parfor o coordenador institucional, o coordenador adjunto, o coordenador local, o professor formador 1 e o professor formador 2. Embora todos sejam professores e participantes do Parfor, nesta pesquisa, professora(s)-participante(s) refere(m)-se à(s) professora(s) cursista(s). Tal uso é feito como desvio de escrita intencional, num exercício de leitura de *punctum* da pesquisadora. Como já esclarecido, opto por não criar outras notas sobre seu uso ao longo da dissert[Ação].

<sup>7</sup> O uso "professoras", no feminino, ao invés de "professores", conforme convenção da linguagem padrão, ao longo de toda escrita, dá-se por assumir que não há neutralidade neste estudo. Todas as participantes da pesquisa (acadêmicas, pesquisadora e orientadora) são mulheres. Eis o combate!

- **PesquisAteliÊ**, que trata do funcionamento do método cartografia e dos operadores do AteliÊ. Conceitualiza cartografia com o autor Costa (2014; 2020) e apresenta seus operadores conceituais com:

(1) Autoras Corazza (2011a) e Matos (2024c): Leitura pela escrita e a escrita pela leitura literária;

(2) Escritora inglesa Woolf (2005): Objetos sólidos;

(3) Autora brasileira Perrone-Moisés (2012) e escritor francês Barthes (1978): Texto literário e

(4) O conceito de *punctum*, (Barthes, 1984), especialmente no livro *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*.

No AteliÊ, as participantes da pesquisa são expostas ao estudo e à leitura *punctum*<sup>8</sup> bem como a pesquisadora operacionaliza a cartografia da pesquisa ao fazer leituras de *punctum* das [Ações] de leituras do AteliÊ.

- **AteliÊ Parfor/UCS como experiência de leituras**, que apresenta o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - Parfor/UCS e as professoras-participantes do Parfor/UCS que aceitam participar da pesquisa. Ainda, arrasta o filósofo francês Lapoujade (2017) e a pesquisadora Matos (2024a) para darem contorno à defesa de que o AteliÊ é experiência.

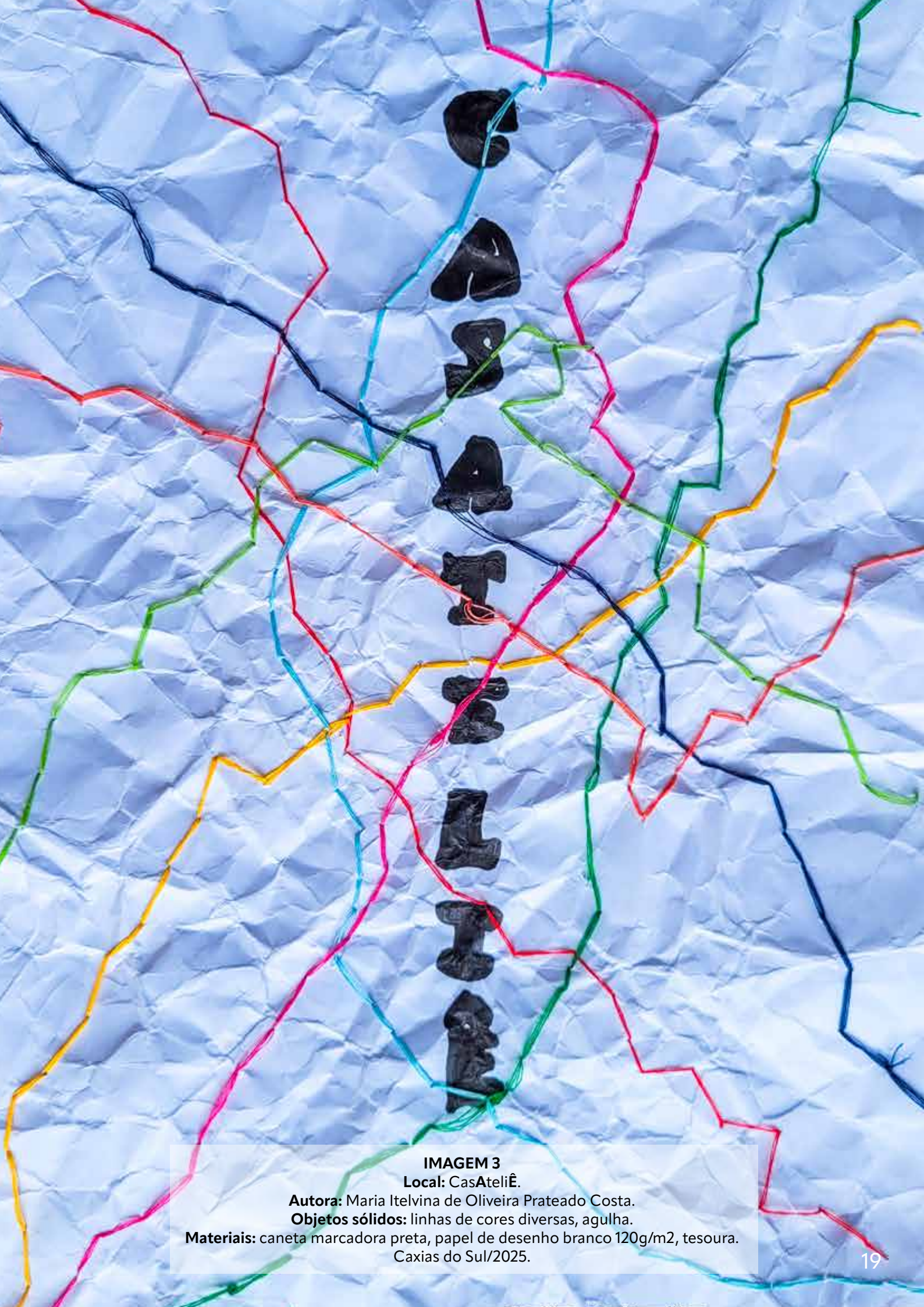
- **3 modos de fazer**, que apresenta os elementos de feitura do AteliÊ Parfor/UCS, com as chaves de estudo do texto literário adotado pela investig[Ação], a partir dos conceitos barthesianos (1984) apresentados no movimento investigativo *PesquisAteliÊ*. Mostra os 3 modos de fazer do AteliÊ Parfor/UCS, o que acontece nos três (3) encontros do AteliÊ, cartografando as [Ações] de leituras do AteliÊ, com os movimentos de leitura das três (3) professoras-participantes do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)/UCS/Presencial/Curso Licenciatura de Pedagogia-2023.

<sup>8</sup> Conceito criado por Roland Barthes e presente em seu livro: *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (1984). Quando arrastado para a pesquisa, refere-se ao que o leitor extrai ao encontrar-se com uma imagem. O conceito e sua operacionalização na pesquisa são trabalhados nos subtítulos: *Punctum e Leituras de punctum da PesquisAteliÊ*. E, em *3 modos de fazer*, nos subtítulos: *Elementos da feitura do AteliÊ Parfor/UCS, Da experiência do AteliÊ 1, Da experiência do AteliÊ 2 e Da experiência do AteliÊ 3*.

- **Apontamentos de vagância**, que mostra os elementos que constituem a experiência no Ateliê, a partir da leitura do texto literário *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras* (Brum, 2017), das vibrações do *punctum* e dos objetos sólidos nas experimentações de leitura pela escrita e escrita pela leitura por meio de [Ações] visuais, que acontecem nos três encontros do Ateliê Parfor/UCS. Ao inaugurar o fluxo de leituras de *punctum* e fazer sua experimentação, a partir das [Ações] de leituras do Ateliê, responde à pergunta investigativa. Ainda analisa a contribuição da PesquisAteliê ao curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - Parfor/UCS e à CasAteliê, ao oportunizar espaços de experiência de leituras pela experimentação por meio de Ateliê, afirmando vida em meio às leituras. (Corazza, 2011b; Matos; Schuler; Corazza, 2015; 2021).



Após este delineamento inicial da pesquisa, passo a mostrar como seu tema, seus objetivos e seu problema estão implicados com a trajetória da pesquisadora e com as [Ações] da CasAteliê até sua chegada ao Mestrado, em especial, com a feitura de Ateliês, atendendo ao objetivo específico de tratar do percurso da pesquisadora e do seu envolvimento com o tema e o problema.



**IMAGEM 3**

**Local:** CasAteliÊ.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

**Objetos sólidos:** linhas de cores diversas, agulha.

**Materiais:** caneta marcadora preta, papel de desenho branco 120g/m<sup>2</sup>, tesoura.  
Caxias do Sul/2025.

A CasaAteliê faz parte de uma literalidade de acontecimentos vividos na trajetória do Cerrado ao Vale do Taquari e, de lá, à Serra Gaúcha, que provocam a buscar e viver novas experiências em relação à ação docente, além de oportunizar a escrita desta dissertação (Costa, 2024).

A CasaAteliê é um espaço que oferece o exercício de mostrar o que há de único e de múltiplo no mundo e em cada indivíduo, além de potencializar os diferentes modos de se fazer na vida. Nela, as pessoas têm livre acesso a uma variedade de textos literários compostos também por imagens, considerados pequenos museus (Pascovska, 2013), e vivem a experiência de fazer leituras variadas. Muitas vezes, empresto a voz e os gestos às crianças e aos adultos para que se aproximem dos textos. (Costa, 2024). Em outras, flerto com eles lendo e conversando com os pares sobre suas experiências de leitura.

A CasaAteliê promove Ateliê de leituras pela literatura para crianças, jovens, professores e em formação de professoras. Tenho encontrado nas experiências de Ateliê um espaço-tempo-lugar de manifestação de experiências e de produção das leituras literárias. Como criadora de espaços de leitura pela literatura, atuo como professora, gestora escolar e voluntária. Estes espaços e movimentos têm sido matérias de composição de vida.

### *Pelas frestas*

Enquanto professora concursada da Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul (Caxias do Sul, 2022), atuo como professora de Educação Infantil nos anos de 2022 e 2023 em duas escolas municipais de meio turno. Em março deste ano, volto a atuar como professora de Educação Infantil em uma escola municipal de período integral. Ao levar a CasaAteliê para a sala referência, as crianças passam a realizar experiências com os mais diferentes tipos de materiais, propostas artísticas e com textos literários. Livros literários estão sempre disponíveis para serem manipulados e todos têm “contato direto e diário com leituras, além de espaço-tempo para brincar e conviver.” (Costa, 2024, p.64). A CasaAteliê, que é um espaço de provocação para as ações e experiências das e com as crianças,

perpassa também por espaços de inter[Ações] e brincadeiras de escuta e fala, de leituras, escritas e [Ações] visuais (Costa, 2024).

O AteliÊ é, assim, uma das deriv[Ações] da CasAteliÊ. Sua oper[Ação] acontece nas frestas da institucionalização da escola. Em sala de aula, as experiment[Ações] dão visibilidade às manifest[Ações] das crianças; na aspir[Ação] de colaborar (para que sejam respeitadas, em suas particularidades, diferenças e coletividades) e de criar condições de possibilidades de leituras e escritas literárias (Costa, 2024).

## *Desvios*

Como responsável pela gestão do segmento de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul, de novembro de 2023 a março de 2025, sou ponto focal da escrita do Plano Municipal pela Primeira Infância (Caxias do Sul, 2024b) e cuido do processo de form[Ação] continuada<sup>9</sup> de aproximadamente mil profissionais da educ[Ação]. Em ambas as situ[Ações], busco fazer desvios da macropolítica, levando a CasAteliÊ e operando AteliÊ com educadores e gestores, fomentando a experiÊncia de leituras com textos literários, por um processo de form[Ação] (ri)vigoro-roso, processual, artístico e autoral, com espaço para o reconhecimento, manifest[Ação] e [Ação] dos saberes-poderes, das culturas e dos diferentes jeitos possíveis de se constituir no universo da educ[Ação] (Costa, 2024), pois sigo comprometida em provocar nas educadoras em processo de form[Ação]/colegas de trabalho uma docência inventiva (Corazza, 2002).

<sup>9</sup> Em 2024, sou responsável por três projetos formativos: com as educadoras das Escolas de Educação Infantil de Gestão Compartilhada com o município, com as educadoras de Educação Infantil que atuam nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental do município e com os gestores das Escolas de Educação Infantil particulares de Caxias do Sul. Cartaz: <https://l1nk.dev/GS0Eo>

## *Deambul[Ação]*

Em 2019, em Lajeado-RS, crio uma importante deriv[Ação] das atividades da CasaAteliÊ: o Ateliê Prateado<sup>10</sup>, que se dedica a promover as culturas literárias para as crianças e que tem como público crianças, famílias, profissionais de áreas afins à educ[Ação], além da comunidade em geral. Ali, atuo até julho de 2021.

Ao longo de todo texto, CasaAteliê<sup>11</sup> refere-se à casa física que o Ateliê Prateado ocupa, mas também passa a estar num espaço que deambula para escola, para a universidade e para qualquer outro espaço-tempo que possa.

Nesse espaço-tempo da CasaAteliÊ, arte, literatura, corporeidade, infâncias, autoria, natureza e investig[Ação] se misturam (Costa, 2024) e geram leituras e rel[Ações] inesperadas. Através de propostas e de espaços, bem como da oferta de materiais e tempo para as experiment[Ações], passo a contemplar crianças investigando e admirando minhocas, besouros, tatus-bolinhas, diferentes tipos de flores e folhagens, seus “achadouros” (Barros, 2015, p. 151), no jardim ou no quintal da CasaAteliÊ, que é “maior que o mundo” (Barros, 2015, p. 149). Escuto o verbo “pegar delírio” (Barros, 2015, p. 83), em conversas entre e com as crianças (Costa, 2024). Vejo “lavandas, alecrins, sálvias, flores transformando-se em “comidinhas” saborosas, compondo pratos esteticamente montados com areia e lãs coloridas” (Costa, 2024, p. 60) e sendo compartilhados entre as crianças.

Várias vezes, deparo com as crianças dando “às pedras costumes de flor” (Barros, 2015, p. 131). Em outros momentos, encontro-me com elas em suas “invencionáticas” (Barros, 2015, p. 149) com “tintas, colas, miçangas, tecidos, linhas, papéis coloridos, fitas, papelões, plásticos, jornais, carvão, elementos naturais —folhas, flores, galhos, pinhas, sementes, dentre tantos outros materiais.” Também admiro “as crianças construindo grandes cidades, fazendas ou sítios arqueológicos usando pedaços de madeira, placas de papelão, carretéis de plástico, tecidos, botões, isopor [...]” (Costa, 2024, p. 61-62), argila e gesso.

<sup>10</sup> Endereço do *Instagram* do Ateliê Prateado: @ateliê.prateado

<sup>11</sup> Embora também funcione como tentativa de leitura de *punctum*, tem sentido diferente da palavra CasaAteliÊ.

Vejo ainda crianças tocando piano, violão, tambor, gaita e as acompanho experimentando seus corpos em diferentes movimentos ao som de música clássica. Aprecio a calçada de entrada da CasaAteliê pintada constantemente com água e pincel ou desenhada com giz. O portão da rua, transformado em suporte para expor obras visuais e experiment[Ações], torna-se galeria a céu aberto para os vizinhos e pessoas que transitam pela rua (Costa, 2024).

Vivo vários momentos com educadores durante a cri[Ação] e execução de curso de form[Ação] continuada de professoras a respeito de form[Ação] leitora (Cardone, 2020), ao produzir conteúdos para as redes sociais sobre culturas das infâncias (Santos, 2021), literatura (Brenman, 2020; Ribeiro, 2020) e Ateliê (Ateliê Prateado, 2021); também, ao supervisionar estudantes da Univates (Santos; Costa; Schwertner, 2022) dentro do Ateliê, construo espaço que se torna referência em educ[Ação] não formal na cidade de Lajeado-RS.

As diversas [Ações] e encontros “com pessoas, textos e livros” para preparar e realizar “50 horas de *lives*<sup>12</sup> sobre temáticas relacionadas às infâncias, à literatura e à educação com estudiosos das áreas exploradas durante a pandemia” me permitem “ampliar as leituras e os estudos” (Costa, 2024, p. 63), além de avultar a vontade de cursar Mestrado em Educ[Ação], propósito que ganha mais força quando me vinculo ao Instituto de Leitura Quindim<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Algumas ainda estão disponíveis no *Instagram* do Ateliê Prateado: @ateliê.prateado. A exemplo: Relação família-escola e o diálogo necessário (Ramos, 2021).

<sup>13</sup> O Instituto de Leitura Quindim foi o primeiro espaço de experiment[Ação] e de aproxim[Ação] da pesquisadora com a cultura local, quando chegou a Caxias do Sul, em 2021. O Quindim nasceu de um desejo de formatar um espaço onde crianças, jovens e adultos pudessem ter acesso à Literatura Infantil, Juvenil e também a conteúdos teóricos de qualidade sobre essa temática. Um lugar para pensar o ‘ecossistema do livro’, tendo o leitor, especialmente o público infantil e juvenil, como núcleo central desse processo que ajuda a humanizar o dia a dia e a história de diferentes populações. Um espaço de referência que envolva a família e todos que promovem a leitura é a concretude de que a biblioteca é o local mais democrático e que precisa ser valorizado (Instituto de Leitura Quindim, 2022).

#### IMAGEM 4

**Local:** CasAteliÊ.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa\*.

**Objetos sólidos:** linha, agulha.

**Material:** papel cartão preto, tesoura.

Caxias do Sul/2024.

\* Bordado à mão a partir do traçado de desenho de observ[Ação] de uma escultura feito pela Manoela Prateado dos Santos, com 3 anos e 7 meses, em um AteliÊ conduzido pela pesquisadora, em 2020.



## *Alargamentos*

No Quindim, fico imersa em milhares de livros literários (Costa, 2024) e participo de várias [Ações] ligadas à democratiz[Ação] do acesso à literatura. Ao me envolver na curadoria de mais de quinhentos livros literários que compõem kits para a form[Ação] de cinco bibliotecas no Brasil (Rech, 2022) e ao participar do júri na escolha dos trinta melhores livros literários infantis da Revista Crescer, nos anos de 2022, 2024 e 2025 (Rogerio, 2025), amplio o repertório de leituras literárias e estudo sobre diversos aspectos da literatura.

Atualmente, contribuo como “voluntária, conselheira e assessora do espaço” (Costa, 2024, p.63). Nas edições de 2023 e 2024 da Feira do Livro de Caxias do Sul<sup>14</sup>, faço medi[Ações] de mesas sobre literatura infantil e bibliotecas escolares pelo Quindim (Soares; Canônica, 2024; Lucena, 2023). Participo da comissão organizadora do 2º Festival do Leitor Quindim<sup>15</sup> e ainda realizo uma mesa sobre a escrita de livro literário no evento.

## *À mostra*

Ao criar e supervisionar o Ateliê Araçari (Marques, 2021b), no Instituto de Leitura Quindim, monto<sup>16</sup> e conduzo Ateliês de arte e textos literários com crianças e educadores (Marques, 2022). Parte das produções de leituras do Ateliê e os processos artísticos das crianças participantes são matérias para realizar curadoria e montar a exposição de arte *Traços das Infâncias*, que fica exposta na galeria de arte do Quindim durante os meses de novembro e dezembro de 2021.

A exposição *Traços das Infâncias* é um convite a adentrar a diferentes experiment[Ações] de linguagens materializadas por gestos, materiais, cores e traços, além de transitar por linhas de sentimentos e vivências das crianças, que, ao experimentarem diferentes materiais, estabelecem rel[Ações], tomam decisões e deixam suas marcas visuais como produção das leituras literárias (Marques, 2021b).

<sup>14</sup> A Feira do Livro de Caxias do Sul foi criada no ano de 1983, por meio da lei nº 2.828 de 11 de outubro de 1983, e é o maior evento literário da cidade e da região. Tem por objetivo popularizar o livro e democratizar o acesso à leitura. Durante o evento, são realizadas palestras, bate-papos, sessões de autógrafos e oficinas, visando à troca de informações sobre a promoção da leitura e produção literária (Caxias do Sul, 2024a).

<sup>15</sup> <https://www.institutoquindim.com.br/s-projects-side-by-side>

<sup>16</sup> “Montar” e as outras palavras que derivam delas, na pesquisa, têm o sentido de elaborar e realizar de forma prática. Como já marcado, opto por não repetir essa explic[Ação] ao longo do texto.

Junto ao Ateliê Araçari, a CasAteliê também desloca para diferentes espaços da cidade e ocupa eventos culturais, proporcionando experiências de Ateliê de forma mais democrática à comunidade de Caxias do Sul-RS (Marques, 2021a).

### *Na espreita*

Por sempre estar envolvida nos Ateliês que monto e conduzo, trago vestígios de uma experimentação durante o processo de composição do espaço do Ateliê Araçari (Instituto de Leitura Quindim, 2022), em que planejo fazer intervenções nas paredes com desenhos gigantes de criança, com objetivo de provocar diferentes experiências estéticas com as [Ações] visuais.

Assim, mostro alguns movimentos e intensidades que se passam no processo de experimentação de leituras literárias, na tentativa de cartografar, por meio dos materiais, o que pode ser expresso pelas leituras. Até hoje, o espaço do Ateliê Araçari se afecta com a potência de [Ação] via alegria, diante das composições das imagens de leituras feitas, pois o tempo da experiência e suas implicações extrapolam o tempo cronológico, situando-se no presente especioso (Lapoujade, 2017).

Esse movimento também mostra como as experiências da CasAteliê vêm me constituindo como pesquisadora, o que de certo modo implica esta escrita.

Manu, uma menina que desenha [imagem 5] e que sempre me acompanha no processo de materialização do Ateliê Araçari, está imersa no universo dos livros e das narrativas; por isso, cria e me conta suas histórias quase que diariamente. Nessa roda viva, há personagens que habitam com muita força o seu universo. No início de uma manhã, peço à Manoela [Manu] para me contar mais uma história com seus personagens preferidos e vamos juntas ao espaço organizado previamente com papel *kraft* branco gigante no chão, lápis preto, borracha, pincéis, potes de tinta acrílica e guache de diferentes cores, tudo acompanhado de uma vasilha com água e um pano de limpeza à volta. Convido a menina a desenhar a sua história naquele enorme papel usando lápis. Espreitando, encontro-me com

os movimentos de desenhos da Manu. Corpos inteiros se entregam em um território comum. Nada está dado a priori. Falas acompanham suas linhas que saltam numa intensidade de fluxos e forças que vão se compondo na experiment[Ação] de imprevisíveis. Ela traça o que lhe afeta. Em sua intensidade narra, dá vazão, cria novos mundos, Manoela... Como a palavra é insuficiente para abarcar a vida, ela usa miudezas. Linhas compõem desenhos. Forças não conformadas às formas. A torre e a menina de longos cabelos: Rapunzel? As flores: o pé de feijão? E, a mão no fundo mar: a da Fiona? Cores fortes, formas e traços peculiares. Olhos, braços e corpos desproporcionais à lógica rígida. As linhas que a habitam se espalham. Sabotam a ordem. Fazem dobradas. Arrastam o vivido e o novo. Manoela subverte as personagens e os enredos. Experimenta imagens e narrativas com linguagens e intensidades próprias. Cria vida evocando o minúsculo, o menor. Criva seu estilo que resiste à captura da estereotipia. Manu faz leituras literárias na imagem 5.

Estou ali, ao lado... diante da imagem de Manu. A menina saboreia mundos a partir das rel[Ações] entre os elementos que os compõem, opondo-se a uma perspectiva de que já está tudo dado. Experimenta novas leituras, novas possibilidades de lidar com suas expressões junto à leitura literária. Nesta perspectiva, sua leitura não é interpretativa nem linear, é rizomática [uma raiz superficial como a de uma grama], feita de conexões. Por não ter um ponto interpretativo único, sempre tem condições abertas para experimentar as leituras no plural, porque ela pode permitir-se que talvez surja algo novo, feito de novo, de novo, de novo. Na imagem 5, a leitura opera num emaranhado das linhas, das malhas rizomáticas, pois os rizomas são conectivos, não têm um ponto central, estão em constante produção, são a trama (Deleuze; Guattari, 1995) do que nos passa pela experiênciA. No caso da imagem 5, numa leitura literária sem interpret[Ações] fora da imagem. É na imagem que as malhas rizomáticas da leitura se fazem. A imagem da leitura feita por Manu, narra, ocupa, movimenta-se, inquieta-se, demarcando um modo possível de estar com a vida. Acompanho. Vejo. Suspeito. Espio pelas frestas do seu processo de experiment[Ação] não arbóreo, de moviment[Ação] de linhas abertas, de cores, de ondul[Ações]... infinitas leituras para quem vê a leitura de



**IMAGEM 5**

**Local:** CasAteliÊ.

**Autora:** Manoela Prateado dos Santos<sup>17</sup>.

**Materiais:** papel *kraft* branco, lápis preto, borracha, pincéis, tinta acrílica e guache de cores variadas.

Caxias do Sul, 2021.



Manu. Sua obra extrapola o texto gráfico, toma seu corpo. Manoela manifesta suas leituras literárias, experiencia, vive. Arrasta-me... Na rel[Ação] com ela, nós cartógrafas (Costa, 2014). Atenho-me ao processo. Sigo os trajetos que articulam linhas de [Ação] que produzem novas leituras, modos específicos de existir com a literatura e conceber a vida com a leitura literária, compondo o próprio viver.

Entre as linhas das leituras que faço da imagem 5, componho algo ao cartografar com ela; componho a imagem da leitura literária feita no espaço-tempo CasAteliÊ. Tal exercício ativo de operar mundos das leituras torna-nos múltiplas! Às vezes, encontro-me solitariamente com as linhas das leituras feitas por Manoela, por estar atravessada de forma singular diante da leitura dela. Em outros momentos, o encontro é povoado por muitas outras possibilidades de leituras. As experiment[Ações] e as linhas das leituras feitas pelas imagens de Manu afetam, marcam um tipo de procedimento de leitura que envolve diversos materiais: papel *kraft* branco, lápis preto, borracha, pincéis, tinta acrílica e guache de cores variadas. Faço parte do seu território, onde a CasAteliÊ oferece condições e possibilidades de leituras literárias múltiplas quando também abre para a leitura a oper[Ação] com materiais de diferentes matérias<sup>18</sup> e materialidades<sup>19</sup>.

### *Variedade dos modos*

As experiÊncias do espaço-tempo CasAteliÊ com Ate-liÊ, com livros, leitura, escritas, literaturas, materiais diversos [objetos] se misturam com a experiÊncia em docência, em gestão educacional e em form[Ação] de professoras leitoras de literaturas ou não.

<sup>18</sup> É formada por partículas que não se dividem. Constitui o universo observável e ocupa lugar no tempo e no espaço.

<sup>19</sup> Da ordem da sensação física que a matéria desperta quando em contato com o corpo.

Este espaço-tempo, como já mostrado e brevemente mapeado, se expande para esta pesquisa e arrasta a força de experimentar um processo de form[Ação] de professora e de atu[Ação] docente que favorecem a experiment[Ação] e a autoria das expressões de leituras, pois é “[...] preciso desfazer a trama desses hábitos sólidos para introduzir nela novas conexões, costurar novas peças que vão estendê-la e que trazem novas ramificações.” (Lapoujade, 2017, p. 62). Assim, criam-se lugares possíveis que (re)conhecem e (re)acolhem os saberes-poderes que dão brechas para a produção de pensamento e para a variedade dos modos de tornar-se professora, que convocam o plural e o não pensado, sustentam a curiosidade e as perguntas, obstruindo a rotina educativa.

A CasAteliÊ investe numa docência que pesquisa (Corazza, 2011b) a leitura que escreve e a escrita que lê literatura. Tal pesquisa se faz no dia a dia, em meio às leituras literárias dos possíveis, dos achadouros (Barros, 2015), de uma docência que investiga e (se) experimenta, que vacila, que questiona, que está atenta aos movimentos sutis e desimportantes (Barros, 2015) que circulam, que alimentam a vontade latente de experimentar modos de estar professora.

Investe ainda numa docência em que a professora, sendo professora-pesquisadora, está atenta à forma como os discursos circulam nos documentos, na organiz[Ação] dos espaços institucionais e na cultura instalada de trato com as pessoas. Este tipo de docência está comprometido em fazer esquivas da reprodução de formas dominantes e busca caminhos minúsculos, sujos, desviantes do autoritarismo.

Essa docência parte dos saberes-poderes construídos historicamente pela sociedade e os coloca em jogo, tomando-os como potência de muitas outras cri[Ações], descobertas, busca de soluções e de novos sentidos para suas leituras. Ela reconhece que o saber-poder e as soluções encontradas para os problemas políticos e institucionais postos são flutuantes, instáveis, momentâneos. Dessa maneira, está sempre em retirada, achando-se e perdendo-se de suas (in)certezas ao questionar, tensionar, (des)estabilizar, (se) espantar, sorrir, fruir com a vida e se fazendo, também, com a sua [Ação] pedagógica envolvendo leituras literárias.

Tem como forte aliada pedagógica a aula experiment[Ação], composta

pelo espaço-tempo da CasAteliÊ, em que descentraliza de si a [Ação], convida a todas a estarem em presença, a experimentar, a movimentar o pensamento, agindo e criando algo coletivo, talvez singular, que afeta os participantes do AteliÊ. Ou seja, esse tipo de aula da CasAteliÊ evoca uma docência que manifesta a [Ação] nas forças literárias das leituras e escritas coletivas. Essa docência, em aula, acredita e potencializa a pujança dos que participam de suas propostas.

Nessa aula experiment[Ação], os signos<sup>20</sup> literários são aventados a vacilarem, assumirem muitos outros lugares, evocando e sustentando a manifest[Ação] de múltiplos sentidos.

Professora-pesquisadora se fazendo enquanto ensina, ensina se fazendo; ensinando ao estar junto e também se afastando para ensinar.

Assim, a docência e a professora-pesquisadora estão em um contínuo “fazer-se”, carregadas de ética e da matéria produzida pela surpresa, pelo imprevisto, pelo impensado das leituras e escritas, que proporcionam o espaço-tempo da CasAteliÊ.

Assim, a pesquisa se encontra na trajetória da CasAteliÊ.

Assim, convida as professoras-participantes do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)/UCS/Caxias do Sul-RS/2023, do Curso de Licenciatura em Pedagogia para participarem dos AteliÊs. O curso tem cinco (5) professoras-participantes do Parfor/UCS, e três (3) delas aceitam experienciar os AteliÊs propostos para esta pesquisa.

## *Fios concretos*

No decorrer de três (3) encontros no AteliÊ, propõe-se ler e escrever para fazer escapar as possibilidades da vida se fazer pela experiment[Ação], pela leitura literária<sup>21</sup> e pela fruição do livro: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida em palavra*, da autora Eliane Brum (2017). A experiment[Ação] do texto é uma das principais propostas de experiÊncia de

<sup>20</sup> Embora “signo” esteja ligado à semiótica, durante toda dissert[Ação], ele assume o significado da perspectiva filosófica abordada por Lapoujade (2017) que faz a lig[Ação] entre signo e experiÊncia. O filósofo francês afirma que tudo é signo e que sua signific[Ação] não acontece com a união do significante ao significado, pois “[U]m signo não se refere a uma coisa, mesmo em uma relação rudimentar de designação. Temos que saber o que de fato estamos significando da coisa, à qual aspecto da coisa o signo visa.” Por isso, “[U]m signo não significa porque ele se relaciona com o objeto. Ele significa através de um signo que o liga ao objeto naquilo que este tem de significado e este último se torna ele mesmo um signo.” Assim, só é possível afirmar que “o acontecimento-pensamento significa ao mesmo tempo meu pensamento (um) [...] se o interpretante (dois) — a emoção ou o sentimento de pertencimento — apreende esse aspecto do acontecimento (três) para fazer significar essa interpretação.” (Lapoujade, 2017, p. 36, 37). Como já esclarecido, o sentido e o uso de “signo” no estudo, opto por não usar outras notas ao longo da escrita.

<sup>21</sup> O tópico *Texto literário*, da *PesquisAteliÊ*, explica o porquê da escolha do texto literário citado e em *3 modos de fazer* é apresentado como o AteliÊ da pesquisa acontece.

leitura e de [Ação] do AteliÊ com as professoras-participantes do Parfor/UCS. Os sentidos de leituras se materializam em imagens, como tentativas de extr[Ação] de *punctum*<sup>22</sup>.

Como cartógrafa do processo investigativo, sou parte da geografia que pesquiso (Costa, 2014) e me componho nas propostas do AteliÊ Parfor/UCS. Escrevo, leio, estudo e materializo [Ações] visuais de sentidos das leituras, antes, durante e depois do AteliÊ. Alguns de tais registros estão na composição de imagens e de textos desta investig[Ação], como um dos exercícios de experiment[Ação] da pesquisadora não é neutro, diante do próprio objetivo desta pesquisa, que é:

Cartografar, no AteliÊ, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023.

Durante os encontros do AteliÊ, as professoras-participantes fazem experiment[Ações] e materializam [Ações] visuais de leitura. Parte do que se passa em cada encontro é documentada pela cartógrafa com notas de escritas e com o total de duzentas e setenta e oito (278) imagens fotográficas.

As matérias geradas nos encontros do AteliÊ Parfor/UCS abarcam os fios concretos da pesquisa que disparam muitas outras conexões. No percurso da cartografia, as fotos e as notas são revisitadas inúmeras vezes e servem de matéria para novas leituras, escritas e pensamentos. Durante todo o processo de estudo, são escolhidas doze (12) fotografias de [Ações] das professoras-participantes no AteliÊ para compor a dissert[Ação]. Quatro (4) delas são apresentadas em *3 Modos de Fazer* e fazem vibrar as leituras de *punctum* da pesquisadora. As outras oito (8) fotografias estão distribuídas a partir do movimento investigativo *PesquisAteliÊ* e são propuloras de escritas ao longo do estudo.

Como é preciso fazer escolhas, apurar as rel[Ações] estabelecidas, tocar e ser tocada pelas imagens, criar sentidos, ler potência de [Ação] no material para atingir os objetivos da pesquisa, essas doze (12) fotografias estão no trabalho por:

<sup>22</sup> O conceito de *punctum*, do autor francês Barthes (1984) e a leitura de *punctum* serão trabalhados no próximo movimento de pesquisa intitulado: *PesquisAteliÊ*.

(1) comporem com os quatro (4) operadores da cartografia - texto literário, escreleituras, objetos sólidos e o *punctum*;

(2) deixarem rastros dos movimentos de pensamento no AteliÊ e, ainda,

(3) intensifiquem as vibr[Ações] cartográficas das *Irrompências em Notas* apresentadas em *3 Modos de Fazer*.

No processo de composição da escrita, a pesquisadora “muda a função do verbo” (Barros, 2015, p. 83) de cada fotografia que “pega delírio” (Barros, 2015, p. 83) quando passa a ser operada como imagem, como texto, como encontro e experiment[Ação] de leituras, o que proporciona imersões e novas composições juntamente com os textos escritos e de imagens das professoras-participantes.

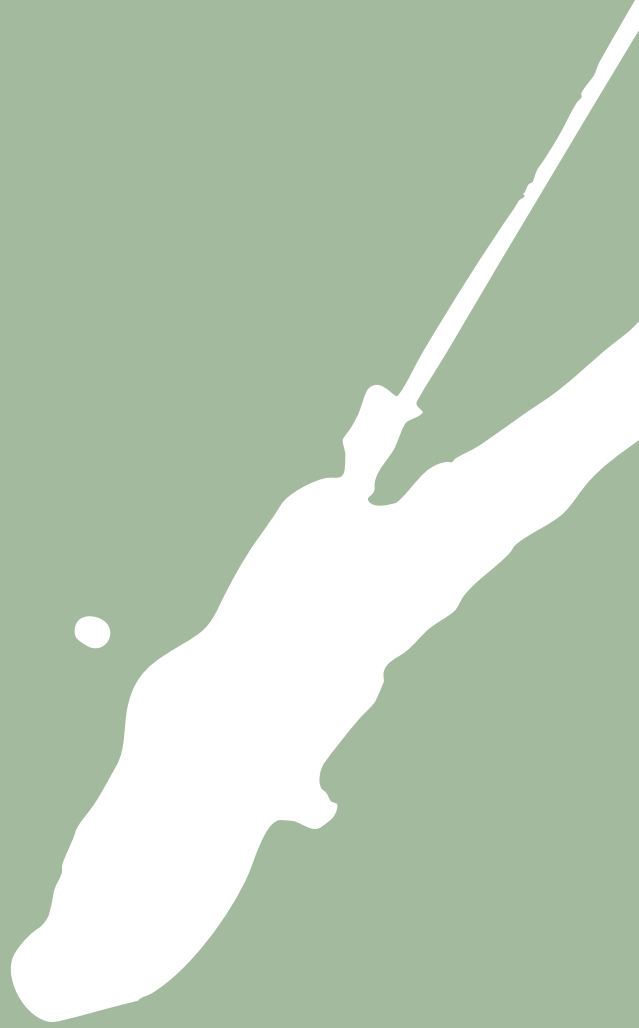
Como o “delírio” está “no começo” (Barros, 2015, p.83) da oper[Ação], as imagens, que têm sentidos abertos e vacilantes, permitem a cartógrafa escutar “a cor dos passarinhos” (Barros, 2015, p.83) ao fazer intervenções digitais - como composições e decomposições; como destaques de elementos e de cores; como recortes, colagens e ampli[Ação] dos detalhes - nas [Ações] visuais de leituras, utilizando os programas *Adobe Photoshop* e *Adobe Illustrator*, em mais um exercício próprio de experiment[Ação], para destacar seus *punctuns* ou vestígios de escreleituras.

Para que o leitor também possa escutar “a cor dos passarinhos” ao mudar “a função do verbo” para que pegue “delírio” (Barros, 2015, p.83), as imagens apresentadas na pesquisa não são nomeadas e nem recebem títulos.

É importante realçar que todas as imagens da dissert[Ação] são parte das produções que ocorrem no espaço-tempo da CasAteliÊ. Junto a elas, há a indicação do local, da cidade e do ano em que foi realizada, da autoria, dos materiais e dos objetos sólidos que fazem parte das [Ações] de leituras literárias.



Após a apresent[Ação] do primeiro movimento investigativo, chega-se à PesquisAteliÊ, que apresenta-se como o método da pesquisa e mostra os seus quatro (4) operadores cartográficos: o texto literário, os objetos sólidos, a leitura pela escrita e a escrita pela leitura e o *punctum*.



# PesquisAteliÊ

# PesquisAteliÊ

A CasAteliÊ é concebida pelas experiment[Ações] e acontecimentos que atravessam e constituem as linhas de vida da pesquisadora ao longo de mais de trinta anos de caminhada profissional, especialmente, por [Ações] que envolvem AteliÊs nas escolas e na Gestão, no AteliÊ Prateado e no AteliÊ Araçari. Com sua paragem no Mestrado em Educ[Ação], a CasAteliÊ, como espaço-tempo de experiment[Ação], ocupa o espaço de forma[Ação] de professoras vinculada ao Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)/UCS/2023, do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Nesse sentido, realiza-se esta pesquisa, pelo método cartográfico, que denomino de PesquisAteliÊ, pois acontece ao modo de AteliÊ para o Parfor/UCS e carrega a proposta da CasAteliÊ. Assim, AteliÊ Parfor/UCS<sup>23</sup> acontece em três (3) encontros de experiment[Ações] de leituras com a particip[Ação] de três (3) acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS.

O AteliÊ Parfor/UCS coloca as acadêmicas expostas a experiment[Ações] de leituras do texto literário: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras*, da autora Eliane Brum (2017) e ao estudo conceitual sobre *punctum* (Barthes, 1984).

O método da pesquisa tem sua força junto aos estudos do autor Costa (2014; 2020) — que afirma a cartografia como um método vivo e pulsante. O método da PesquisAteliÊ se trama dessa forma desde seus objetivos específicos que são expressos no sumário desta pesquisa, acompanham o seu percurso inseparável do método, como mostro novamente:

1. Pela CasAteliÊ, tramam-se alguns movimentos cartográficos do percurso da pesquisadora e do seu envolvimento com o tema e o problema da pesquisa.
2. Aqui, na PesquisAteliÊ, mostro o funcionamento do método cartografia com autor Costa (2014; 2020) e apresento os quatro (4) operado-

<sup>23</sup> Em 3 modos de fazer é apresentado todo funcionamento do AteliÊ na pesquisa e a sua cartografia.

res cartográficos com os conceitos das autoras Corazza (2011a); Matos (2024c) — leitura pela escrita e escrita pela leitura. Woolf (2005) — *Objetos sólidos*. Perrone-Moisés (2012) e o autor Barthes (1978) — texto literário. E, *punctum* surge com Barthes (1984).

Este trajeto mostra a PesquisAteliÊ ligada ao que se passa no decorrer da pesquisa e à experiÊncia da pesquisadora, desde os AteliÊs compostos pela CasAteliÊ. A cartografia é a produção da PesquisAteliÊ que evoca a manifest[Ação] de variadas maneiras de estar na experiment[Ação] cartográfica (Costa, 2020). O processo cartográfico nesta pesquisa funciona como provocadora de novas rel[Ações] com o mundo investigativo, ao se aproximar dos movimentos minúsculos, dos vazios, das desimportâncias (Barros, 2015), das palavras e das leituras e escritas literárias, muito presentes nas imagens desta pesquisa. Afinal, é pela cartografia que:

[...] no espaço não-cultivado das importâncias culturais e sociais que ele (cartógrafo) colocará seu olho e corpo. Ele perguntará por aquilo que brota nos espaços mais improváveis, pelos montículos de vida que se fazem nos cantos, naquilo que o próprio espaço costuma refugar ou avaliar enquanto importante. Neste sentido, dizemos que o pesquisador é um gramado em grama e que sua cartografia não deixa de ser um desenho dos desdenhos sociais (Costa, 2014, p. 72).

O interesse de mostrar uma cartografia que se faz com a PesquisAteliÊ está nos “montículos de vida” (Costa, 2014, p.72) que “são inseparável(veis) de suas consequências” e que produzem “um efeito no pensamento ou sob a forma de uma outra ideia que a ela(eles) se associe(m), ou de uma percepção que a(os) individualize(m), ou ainda, de ação que a(os) prolongue(m). ” (Lapoujade, 2017, p. 51). A pesquisa coloca o “olho” no que esgueia, ou seja, no que é dado como já pronto, já dito e já acabado e busca potencializar a capacidade de pensar e agir de todos os envolvidos, pela ampli[Ação] do repertório de experiÊncias de leituras literárias, no espaço deste AteliÊ.

Para o processo desta PesquisAteliÊ, apresentam-se os elementos que passam a compor a feitura do AteliÊ Parfor/UCS. Eles fazem parte e são retirados das experiment[Ações] anteriores da CasAteliÊ. Tais elementos se tornam operadores da prática no AteliÊ de leituras literárias. São eles três (3):

1. O texto literário, elemento retirado da pesquisadora brasileira Perro-ne-Moisés (2012) e do escritor francês Barthes (1978);
2. Objetos sólidos, que surge da literatura da escritora inglesa Woolf (2005);
3. Da leitura pela escrita e a escrita pela leitura por meio da [Ação] visual, extraído das pesquisadoras em educ[Ação] Corazza (2011a) e Matos (2024c).

Junto a eles, os três (3) elementos de composição das experiment[Ações] da CasAteliÊ, agrega-se, nesta pesquisa, um novo operador, o quarto elemento (4), atraído pelo conceito de *punctum* (Barthes, 1984), ou seja, a oper[Ação] do *punctum*, levada para dentro do AteliÊ Parfor/UCS.

A cartografia, como composição da PesquisAteliÊ, permite que a pesquisa arraste do livro *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia* (Barthes, 1984) o conceito *punctum* e o faça vibrar nos movimentos de leitura do AteliÊ Parfor/UCS. A oper[Ação] do *punctum*, como parte desta experiÊncia de leitura, demarca o AteliÊ e alguns movimentos de seus modos de fazer a leitura literária.

Na sequência, é descrito cada um dos quatro (4) operadores que compõem a feitura do AteliÊ Parfor/UCS.



## *Texto literário*

O texto literário torna-se um dos operadores do AteliÊ Parfor/UCS, pois desloca ao leitor o poder de atribuir sentido a ele e permite múltiplas leituras. É composto por práticas de escrituras<sup>24</sup> e se constitui do atrito entre os signos da leitura que libera o significante de seu significado, ou seja, constitui-se uma leitura que inventa seus sentidos próprios ao ler. Ao focar na forma e provocar o distanciamento da decodific[Ação], rompe com as estruturas preestabelecidas, bem como burla e subverte a língua em seu próprio funcionamento de uma interpretação universal para a leitura: a do que o autor quis dizer quando escreveu o texto literário.

Seus sentidos de leituras estão abertos, sem estarem prontos ou acabados, pois o texto literário:

... tem uma estrutura plural e a leitura é a busca de um caminho através do mapa intrincado dos significantes. Achado esse caminho, ele não nega os outros, apenas afirma como um itinerário possível [...] Não há receita de leitura, pois a verdadeira leitura é criação, e esta não se ensina (Perrone-Moisés, 2012, p. 29-30).

Desse modo, o texto literário permite várias entradas e vai se compondo nos sentidos do lido. Sua leitura é apenas uma possível dentre tantas outras. A leitura desse tipo de texto constitui um processo de produção de sentidos, ou seja, de signific[Ações] (Perrone-Moisés, 2012) abertas, múltiplas aos sentidos porvir, ou seja, é polissêmica e convida, no caso do AteliÊ Parfor/UCS, a criar linguagem de imagem de leituras e escritas, como na imagem 15.

Sua leitura ainda traz a potência do leitor como compositor dos seus sentidos enquanto se compõe em meio aos sentidos literários; a leitura se inscreve no texto e o texto é inscrito por ela. O leitor torna-se autor enquanto lê, o que pode levá-lo a ficar à deriva ao adentrar em suas fendas investigativas, na busca por novos sentidos de expressar o que se passa enquanto lê, a fruir com o texto o que provoca inquiet[Ação], tensiona-

<sup>24</sup> Aqui, toma-se todo discurso em que as palavras são teatralizadas, encenadas como significantes e não como instrumentos. "Toda escritura é uma escrita, mas nem toda escrita é uma escritura, no sentido barthesiano do termo. (Perrone-Moisés, 2012, p. 70).

mento, algo único em sua experiência leitora, como expresso na imagem 4. A PesquisAteliÊ, quando cunha as forças do texto literário como o primeiro operador do AteliÊ Parfor/UCS, investe no texto como uma matéria viva, que provoca e, até, violenta o ato de pensar. O texto desloca o leitor do lugar de consumidor das interpret[Ações] clichês já dadas para determinado texto literário e se abre, permite a aproxim[Ação], para afirmar-se como um itinerário possível (Perrone-Moises, 2012), ou seja, polissêmico, com mundos e culturas diversas, que provocam a multiplicidade de formas e agir.

A escolha do texto literário *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras*, da premiada escritora, jornalista e documentarista gaúcha Eliane Brum (2017) para ser lido nos encontros do AteliÊ Parfor/UCS, se dá por quatro (4) critérios:

(1) ser o livro de afecção de leitura alegre da pesquisadora;

(2) ser interesse da pesquisa mulheres lerem mulheres;

(3) ser característica da escrita possibilitar a leitora a experiência de estabelecer uma conexão com as intensidades do texto, que é autobiográfico e

(4) permitir às leitoras a experiência de ir compondo a leitura num sentido plural, fomentando outras leituras, num “entre”, num encontro de forças abertas à escritura, afastando-se da necessidade de buscar o significado interpretativo, criando um ato político sobre o texto literário, de aliança crítica, de se estar em rel[Ação] de maneira rizomática com a leitura, porque:

Um rizoma não começa nem conclui, se se encontra no meio, entre as coisas... A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 37)

O estilo de escrita do texto literário da autora Brum (2017) pode funcionar como “e... e... e...” e como contorno polissêmico sobre o ato da leitura, e ainda abre a possibilidade da experiment[Ação] de novos ensejos da língua que lê escrevendo. E dá enfoque à grandiosidade das desimportâncias (Barros, 2015) e dos minúsculos movimentos de leituras e escritas na constituição da form[Ação] de professoras do Parfor/UCS.

Nesse movimento, o texto literário escolhido para o AteliÊ Parfor/UCS pode possibilitar o deslocamento de lugares aos “de-vires” de movimentos de leituras nômades, ou seja, polissêmicas. Ainda, o texto literário pode tornar-se potência de leituras e ganhar espaço de leituras clandestinas, em que o tempo e espaço deste AteliÊ são colocados dentro da experiÊncia viva e intensa expressos em muitas imagens nesta pesquisa.



**IMAGEM 7**

**Local:** AteliÊ Parfor/UCS

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

**Objetos sólidos:** tecido de mostruário de estofaria, alfinete, galho, lã com textura.

**Materiais:** papel de desenho preto 120g/m<sup>2</sup>, giz de cera branco.

Caxias do Sul, 2025.

## *Objetos sólidos*

O segundo operador conceitual das [Ações] da CasAteliÊ passa pela força de oferecer condições e possibilidades para o espaço das expressões dos sentidos das leituras literárias, por meio de materiais concretos. Para isso, disponibiliza-se uma diversidade de materiais concretos, ou seja, objetos que impulsionam a possibilidade de manifest[Ação] e de materializ[Ação] de [Ação] visual dos sentidos da leitura que podem escrever durante a experiÊncia no AteliÊ.

A PesquisAteliÊ se apossa desse percurso de [Ações] da CasAteliÊ sobre os materiais concretos na efetu[Ação] de expressar os sentidos das leituras literárias e denomina de "materiais" aqueles objetos cujos significados já estão representados neles mesmos, como escolarizados, e, de "objetos sólidos" (Woolf, 2005), aqueles objetos cujos signos causam estranheza e funcionam como a-significantes.

Ela, a PesquisAteliÊ, por ter um cunho cartográfico voltado para o território literário, encontra uma linha literária, do conto "*Objetos Sólidos*" escrito pela autora britânica Virgínia Woolf (1882-1941), em 1920, para argumentar sobre a relevância conceitual do operador objetos sólidos nas práticas pedagógicas das [Ações] da CasAteliÊ, que são estendidas para o AteliÊ Parfor/UCS.

O conto "*Objetos Sólidos*" (Woolf, 2005) trata de descrever dois amigos, na cena inicial. Um deles, John, ao caminhar pela orla da praia na companhia do amigo, encontra um objeto inusitado, um pedaço de algo que ele não identifica. Esse fato irrompe uma aguda transform[Ação] em suas tentativas de trazer sentidos, de experiÊncias e de modos de estar na presença daquele objeto e de outros que ele passar a encontrar. O conto descreve que

[...] John havia estado nesse dia nas áreas públicas de Barnes, onde achara, sob uma moita de tojo, um pedaço de ferro bem pouco comum. Era, na conformação, quase idêntico ao vidro, maciço e globuloso, mas tão frio e pesado, tão metálico e negro, que evidentemente era estranho à Terra, tendo sua origem numa das estrelas mortas, se não fosse em si mesmo escória de uma lua. Em seu bolso pesava muito; e pesou muito em cima da lareira, irradiando frio (Woolf, 2005, p. 116).

Tais objetos, tão sólidos cujas “melhores espécimes ele levaria para casa” (Woolf, 2005, p. 115), ocupam um lugar específico em sua morada: “No entanto o meteorito ficou na mesma prateleira com o caco de vidro e a porcelana em forma de estrela.” (Woolf, 2005, p. 115). Para ter mais desses objetos, John não mede esforços:

Munido de uma bolsa e de uma vara comprida na qual se adaptava um gancho revolveu todos os monturos de terra; escarafunchou sob densos emaranhamentos de mato; buscou por todas as vielas e espaços entre paredes onde se habituara a esperar descobrir objetos desse tipo jogados fora. (Woolf, 2005, p. 115)

Os objetos coletados provocam John a habitar o território das dúvidas, a valorar os movimentos minúsculos, a dar uma atenção aos objetos e a seu ato de pensar. A rel[Ação] com os objetos o deixa:

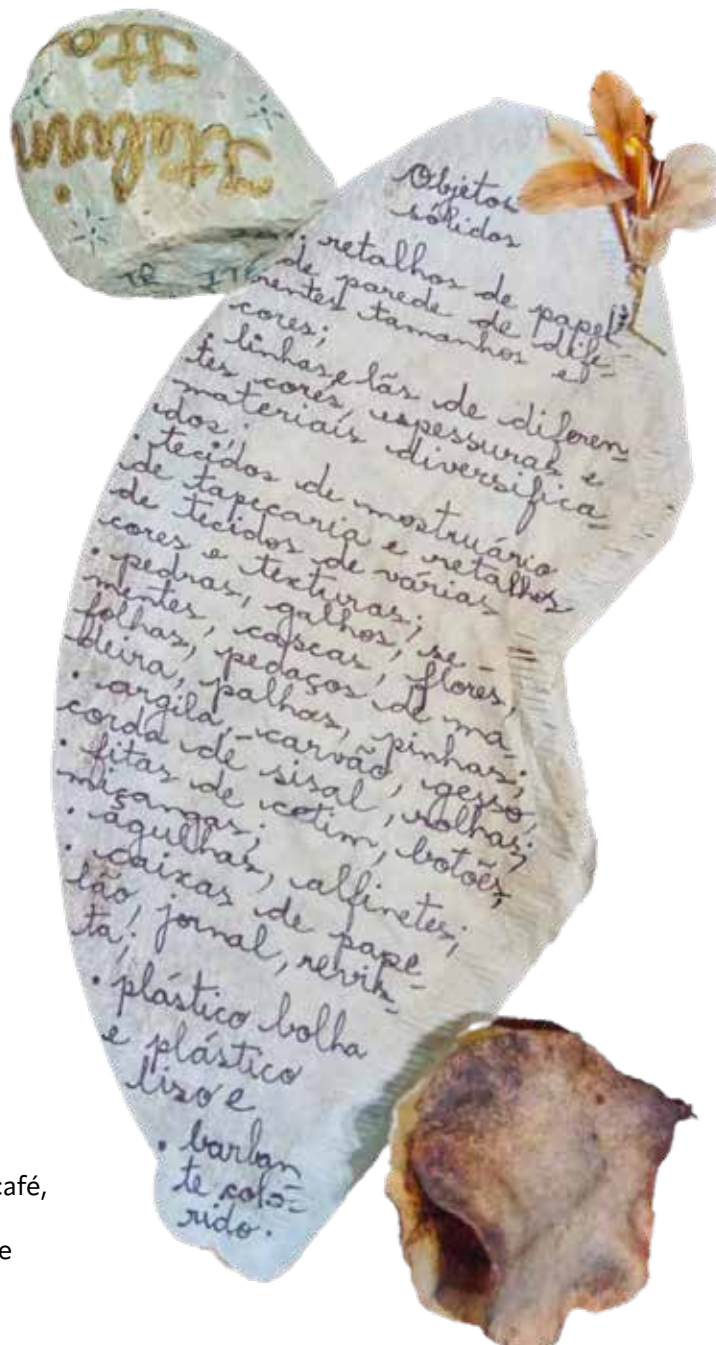
Fascinado pelo contraste entre a porcelana, tão vívida e alerta, e o vidro, tão contemplativo e calado, ele se perguntou, pasmo e perplexo, como os dois tinham vindo a existir no mesmo mundo, para plantar-se, além dos mais, no mesmo cômodo, na mesma estreita faixa de mármore. Mas a pergunta permaneceu sem resposta (Woolf, 2005, p. 114).

E ao estar diante destes objetos, John se sente inquieto pois percebe que somente lhe resta viver com eles dentro de sua moradia, estando sob a presença viva das vias de um tipo fabula[Ação]. Assim, um caco de porcelana

Posto sobre a lareira, no lado contrário ao do caco de vidro [...] dava a ele [John] a impressão de ser uma criatura de outro mundo - fantástica e extravagante como um arlequim. Parecia estar fazendo piruetas no espaço, tremeluzindo como uma estrela que pisca. (Woolf, 2005, p. 114).

Um objeto sólido disparador de signos nada significados ainda para John, objeto tão sólido e tão volátil à fabul[Ação].

Assim como para John, os objetos sólidos no Ateliê Parfor/UCS são apropriados de forma peculiar, permitem leituras únicas e múltiplas. Embora tenham inform[Ações] próprias, ao serem escolhidos, ganham novas inform[Ações], tornando-se outros, permitindo que as fabul[Ações] das leituras literárias aconteçam pela leitura que carrega sentidos de escritas e pelas escritas que carregam e abrem os sentidos das leituras. Os objetos sólidos mais frequentes nas experiment[Ações] de leituras literárias da CasAteliê, que são levados para o Ateliê Parfor/UCS são os listados na imagem 8:



#### IMAGEM 8

**Local:** CasAteliê.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

**Objetos sólidos:** filtro para café, pedra, flor e casca.

**Material:** caneta permanente preta fina.

Caxias do Sul, 2025.

Estes materiais concretos quando disponibilizados podem proporcionar a produção de modos de expressão dos sentidos da leitura literária experienciada no Ateliê Parfor/UCS. Alguns deles podem ter força conceitual de estarem sendo operados como os objetos sólidos, encontrados por John. Assim, os materiais e os objetos sólidos disponibilizados e a rel[Ação] entre eles possibilitam a invenção e/ou a elabor[Ação] de uma imagem de escrita das leituras, uma espécie de momento de fabul[Ação] do encontro entre os materiais, os objetos sólidos e as montagens das leituras.

Os materiais concretos, como objetos operadores para elabor[Ação] das expressões das leituras literárias que são levados para o Ateliê Parfor/UCS, despertam a imagin[Ação], permitem fruição, criam imagens das leituras e das escritas, causam sens[Ações] e são impulsionadores de devaneios. Os objetos sólidos, especialmente, tornam-se importantes para a expressão das leituras no Ateliê Parfor/UCS por nos desprender das interpret[Ações] e descrições escolarizadoras sobre a leitura literária. As imagens derivadas do uso destes objetos podem ter o poder de causar estranheza, sustentar dúvida, desestabilizar, incomodar, mobilizar leituras polissêmicas. Ainda podem ter o poder de causar outras e novas [Ações], do pensar e do agir com a leitura literária.

Os objetos sólidos e os materiais presentes em cada Ateliê são muitos e diversos e podem, no transcorrer investigativo da PesquisAteliê, ou seja, da pesquisa cartográfica, ir se compondo com os participantes. Embora muitos tenham seus signos próprios, os materiais concretos, quando ofertados nos Ateliês, podem tornar-se signos abertos que permitem múltiplas leituras e combin[Ações]. Suas diversas formas, tamanhos, cores, matérias e materialidades tanto se avivam, quanto aguçam rel[Ações] e atribuições de sentidos diversificados ao ato de ler escrevendo o texto literário. Por isso, os materiais e os objetos sólidos funcionam como elementos potencializadores das [Ações] e do surgimento do impensável sobre o ato de expressar a leitura ou às leituras que escrevem como imagens, como na imagem 7.



## *Leitura pela escrita e a escrita pela leitura por meio da [Ação] visual*

A leitura literária desta pesquisa arrasta consigo a expressão de sentidos do que se lê. O escrito tem potencial de arrastar o que se faz com o lido. Esse ato, que envolve a leitura que lê escrevendo e a escrita que escreve lendo, é nomeado por Corazza (2011a) de “escrileituras”.

Nos movimentos dos AteliÊs da CasAteliÊ, a leitura pela escrita e a escrita pela leitura torna-se um dos operadores da cartografia deste método de pesquisa. As imagens de leituras expressas no decorrer deste texto são parte da materializ[Ação] deste ato de leitura literária, que traz a força dos objetos sólidos (Woolf, 2005) e dos materiais para expressar a [Ação] visual das escrileituras; assim, afirma-se: “eis o ato de escrileiturar-se” (Matos, 2024c, p. 3) como terceiro operador dos AteliÊs.

Este terceiro operador, que movimenta as feitura da CasAteliÊ, é levado para o AteliÊ Parfor/UCS. Assim, a leitura pela escrita e a escrita pela leitura por meio da [Ação] visual amplia a potência de fazer nascimentos (Barros, 2015) de textos e escritas imprevisíveis, pelos achadouros (Barros, 2015, p. 151) da escrita que lê texto literário. Dito de outro modo, a experiÊncia da leitura pela escrita cria achadouros e faz nascimentos (Barros, 2015) construindo novos textos, que, por vezes, se fazem por meio de imagem (como as experiment[Ações] de leitura literária das imagens 9 e 13).

Em cada encontro do AteliÊ Parfor/UCS, é realizada leitura coletiva do livro literário e um debate de sens[Ações] sobre o texto. Prioriza-se o livro, o livro como obra literária. As leituras e os sentidos delas são escritos e expressos pelos/nos/com os objetos sólidos e os materiais.

As escrileituras são intensificadas nas possibilidades das rel[Ações] expressas em um texto visual. A materializ[Ação] destas rel[Ações] são parte da expressão de um texto de [Ação] visual imersos nesta tentativa, por vezes, disruptivas de fazer escrileituras. As experiment[Ações] das escrileituras, da leitura pela escrita e da escrita pela leitura, têm potencial inventivo quando escolhem algum dos objetos sólidos (Woolf, 2005). Tal exercício de movimentar-se “com” a leitura do texto literário, envolve um

tipo de ato de pensar mais próximo de um fazer nascimentos (Barros, 2015) de textos em meio à vida, pela vida. Na leitura pela escrita por meio da leitura expressa pela [Ação] visual, no AteliÊ Parfor/UCS, investe-se num tipo de “texto-vida, pelo movimento” (Matos, 2024c, p. 3) das escreleituras, “texto vida-leitura-escrita-viva” (Matos, 2024c, p. 5).

O processo de materializ[Ação] das [Ações] visuais, ou seja, o ato de escreleiturar-se (Matos, 2024c) abre uma potência da fruição literária e filosófica, pois chama pela vida que lê. Este tipo de fruição é aumentada, pois “Tal fruição entra pelas sensibilidades de polissêmicas experiências do itinerário da leitura pela escrita” (Matos, 2024c, p. 4) e a leitura pela escrita e a escrita pela leitura por meio da [Ação] visual criam condições de possibilidades para fazer nascimentos (Barros, 2015, p. 83) de um “texto-vida” (Matos, 2024c, p. 3).

O ato de escreleiturar-se (Matos, 2024c) constitui-se por movimentos da [Ação] visual que deixa pistas das moviment[Ações] de composições textuais únicas, as quais também enfrentam o instituído e o normativo sobre o que é leitura e escrita escolarizada. Ao fazer a leitura pela escrita e da escrita pela leitura na [Ação] junto ao texto literário, acontece um tipo de processo investigativo na sua própria experiment[Ação] de [Ação] visual, o que gera outros textos e escritas nas brechas, nas fraturas dos signos emitidos pelo texto literário, durante o AteliÊ Parfor/UCS.

Dito de outra maneira, a leitura pela escrita e a escrita pela leitura por meio da [Ação] visual se faz pelos imprevisíveis movimentos da experiÊncia com o texto literário. Os encontros gerados desta experiÊncia circulam nas leituras pelas escritas e escritas pelas leituras, como expressos na imagem 6.



**IMAGEM 10**

**Local:** CasAteliÊ.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

**Materiais:** lápis de cor aquarela, pincel, água,  
papel de desenho branco 120g/m<sup>2</sup>.

Caxias do Sul, 2024.

## *Punctum*

O quarto operador cartográfico deste método de PesquisAteliÊ chega à CasAteliÊ nesta dissert[Ação] quando vivo o mestrado como professora-pesquisadora. Antes, eu tinha a investig[Ação] como algo presente, não propriamente a pesquisa. O encontro com o conceito ou movimento *punctum* se dá a partir da leitura do livro *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*, do escritor francês Barthes (1984). Assim, traço um ensaio com aspectos da obra que dão força operativa para o procedimento de leitura experimentado no AteliÊ Parfor/UCS e que passa a constituir o espaço-tempo da CasAteliÊ, a partir desta pesquisa.

Carrego-o, o *punctum*, para as experiÊncias das leituras no espaço do AteliÊ Parfor/UCS. E, o livro *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*, de Barthes (1984) como parte de um encontro de pesquisa, o qual se aproxima do achado de John, como quem depara com o objeto sólido (Woolf, 2005), quando ele depara com aquele pedaço de coisa na beira da praia. Este objeto, o livro, sólido, também acontece neste momento da pesquisa como um achadouro manoelez (Barros, 2015) que vai ser arrastado para experiÊncia de operar um tipo de leitura de *punctum*.

A pesquisa faz nascimentos (Barros, 2015) quando localiza a leitura literária do francês Roland Barthes (1915-1980) e traslada com os *punctuns* das fotografias dispostas nas imagens da obra *A Câmara Clara* (Barthes, 1984). Ele, um crítico, explorou temas não clássicos para se inscrever em livros de literatura como: moda e fotografia.

Foi *sex appeal* à primeira leitura de sua última obra. O livro *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* foi escrito em 1979, quando o autor vivia o pesar pelo falecimento de sua mãe Henriette Barthes (1893-1977). Esse livro é composto por texto-mosaico (Kristeva, 2005), dividido em duas partes, mescladas por 48 fragmentos e por 24 fotografias. Morte, lembranças, afetos e luto rondam o texto, que é marcado pelo estudo da fotografia, desmontando a imagem pré-concebida sobre ela. O francês decide nesta obra que prefere escrever sobre a experiÊncia com as fotografias, pois, para Barthes (1984), a fotografia é inclassificável por reproduzir o momento

que existencialmente não mais acontecerá. Neste ponto, aproximo o conceito de experiência de Lapoujade (2017) com a escrita sobre fotografias expressa nesta obra.

O livro *A Câmara Clara* tem uma escrita que é “resistência apaixonada a qualquer sistema redutor” (Barthes, 1984, p.19) da fotografia, ou seja, sobre os aspectos técnicos dela. O livro se posiciona politicamente ao tematizar, pelas imagens da fotografia o que

[M]ais valia de uma vez por todas, transformar a razão minha declaração de singularidade [...]. Resolvi tomar como ponto de partida de minha busca apenas algumas fotos, aquelas que eu estava certo de que existiam para mim. (Barthes, 1984, p. 19).

Nesse livro, a fotografia pode apresentar três (3) práticas ou três emoções ou ainda três intenções: fazer, suportar e olhar. E, três posições: *operator*, aquele que fotografa; *spectrum*, o alvo a ser fotografado; e *spectator*, quem observa a imagem (Barthes, 1984). Ao se identificar como *spectator*, Barthes (1984, p. 39) anuncia que “...eu só me interesso pela Fotografia por “sentimento”; eu queria aprofundá-la, não mais como uma questão (tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso”. E, declara que só assume essa posição porque vive uma emoção diferente do *operator*.

Essa obra é um tipo de texto literário ao modo de imagens de fotografia que se expandem para um Barthes (1984) que escreve ao mesmo tempo que lê as imagens fotográficas, escreve a sua leitura por texto-mosaico (Kristeva, 2005). Assim, nesta pesquisa, tomo-o como parte dos processos das leituras do Ateliê Parfor/UCS, pois a pesquisa se aproxima deste movimento do texto barthesiano, que é como um ato de escriteiturar-se (Matos, 2024c), ou seja, promover movimento da [Ação] visual que deixa pistas das moviment[Ações] do que “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39) no ato de ler quando se escreve e de escrever quando se lê.

As leituras e escritas barthesianas com as imagens fotográficas compostas no livro apresentam um co-habitar do *studium* e do *punctum* em sua matéria.

O *studium* está num procedimento do ato de que “vejo, sinto, portanto

noto, olho e penso" (Barthes, 1984, p.39) pela ordem da leitura de força mais ordinária da imagem fotográfica, relacionado a aspectos culturais, históricos e políticos, que (a gostar ou não) carrega marcas pessoais, isto é, um funcionamento interpretativo da fotografia. Quando Barthes encontra com a imagem fotográfica de sua mãe enquanto vive o luto, mostra o funcionamento do *studium*, no livro, com o título feito ao modo de *punctum*: Jardim de Inverno.

(Não posso mostrar a Foto do Jardim de Inverno. Ela existe apenas para mim. Para vocês, não seria nada além de uma foto indiferente, uma das mil manifestações do "qualquer"; ela não pode em nada constituir o objeto visível de uma ciência; não pode fundar uma objetividade, no sentido positivo do termo; quando muito interessaria ao *studium* de vocês: época, roupas, fotogenia; mas nela, para vocês, não há nenhuma ferida.) (Barthes, 1984, p. 110).

O *punctum* está no próprio título da cena descrita acima, "Jardim de Inverno". O procedimento do ato de que "vejo, sinto, portanto noto, olho e penso" (Barthes, 1984, p.39) está atravessado pela imagem fotográfica que transpassa, que pega o detalhe, a delicadeza que desencadeia uma certa abertura de sentidos e de signos que estão e não estão na imagem, mas que deles acontecem as fabul[Ações] entre o ver, o sentir, o notar, o olhar e o pensar. Logo, esse "entre" é parte do próprio atravessamento da imagem-leitura-escrita, um tipo de escreleituras (Corazza, 2011a) que tento operacionalizar no AteliÊ Parfor/UCS.

A leitura pela escrita e a escrita pela leitura literária, as escreleituras, a terceira oper[Ação] presente nesta pesquisa, ganha reforço conceitual junto ao *punctum*, quando o torna um espaço operativo para leitura. O *punctum* como oper[Ação] de um processo de leitura pode transitar entre o que "vejo, sinto, portanto noto, olho e penso" (Barthes, 1984, p.39) durante o AteliÊ Parfor/UCS, como nas imagens 1 e 11.

Este processo de leitura que transita pela experiment[Ação] da oper[Ação] do conceito *punctum* naquilo que não se pode dizer, daquilo que não está inscrito, abrindo os sentidos das escreleituras entre o que "vejo, sinto, portanto noto, olho e penso" (Barthes, 1984, p.39) constitui-se na leitura que escreve e na escrita que lê provoca, tensiona o ato de pensar pelas expressões de elabor[Ações] de imagem escritas.

N - 1\* = M

\* os mortos,  
a mulher e  
as filhas mais velhas

**IMAGEM 11**

**Local:** CasAteliÊ.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira  
Prateado Costa.

**Materiais:** caneta marcadora preta,  
régua, papel de desenho branco 120g/m<sup>2</sup>.  
Caxias do Sul, 2024.

## *Leituras de punctum*

Como cartógrafa, estou multi-implicada com o funcionamento do Ateliê Parfor/UCS. Realizo experiment[Ações], crio rel[Ações] e acontecimentos com textos literários, com os objetos sólidos e os materiais, com a leitura pela escrita e com a escrita pela leitura por meio da [Ação] visual de possíveis *punctum*.

Com a tentativa de arrastar o *punctum* como uma experiência de leitura, no Ateliê Parfor/UCS se apropria, se espreita, se devora, se espera, se entrega, se sustenta uma superfície para que as [Ações] de leitura aconteçam abrindo os sentidos entre o que “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39). Tal movimento barthesiano apresenta-se no livro por meio de imagens fotográficas que chegam como se fossem movimentos de esgrima nas [Ações] de linguagem escrita e de procedimentos de leituras institucionalizadas. Pelo *punctum*, as imagens produzidas nesta pesquisa podem passar por um tipo de experiência de leitura-de-vir, como nas imagens 2 e 12.

Os movimentos de esgrima sobre a linguagem escrita e lida do texto literário são tensionados no Ateliê pelas [Ações] visuais da leitura pela escrita e da escrita pela leitura materializadas pelas participantes do Ateliê Parfor/UCS, por meio da apropri[Ação] dos conceitos de *punctum* e *studium* (Barthes, 1984) e da aproxim[Ação] de cada participante com a leitura literária: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras*, da escritora Eliane Brum (2017).

A experiência com a leitura de *punctum* tem o poder de fazer uma espécie atenção investigativa, que libera sentidos por meio da experiment[Ação] de ler o minúsculo, pois “dá uma direção. Dirigimo-nos, mental ou fisicamente, na direção do objeto visado, através de uma série de signos intermediários, de experiências colaterais que nos conduzem até ele ou à sua vizinhança [...]” (Lapoujade, 2017, p. 52), por dar espaço de linguagem à leitura que escreve e a escrita que lê entre o que “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39) durante o Ateliê Parfor/UCS.

As leituras de *punctum* potencializam a multiplicidade de deslocamentos e configur[Ações] voltadas para a experiÊncia literária. Ele, o *punctum*, como parte da experiÊncia literária, forma e deforma com fluidez e a leitura de *studium*, esquivava-se de uma interpret[Ação] universal, como os achados de John (Woolf, 2005).

Após mostrar o funcionamento da cartografia e apresentar os quatro operadores da pesquisa, a PesquisAteliÊ, que é assim chamada por provocar movimentos de experiment[Ações] em todos os envolvidos nesta pesquisa, dá continuidade à investig[Ação] e passa a mostrar as professoras-participantes do AteliÊ, o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, Parfor/UCS, e defende o AteliÊ como experiÊncia.

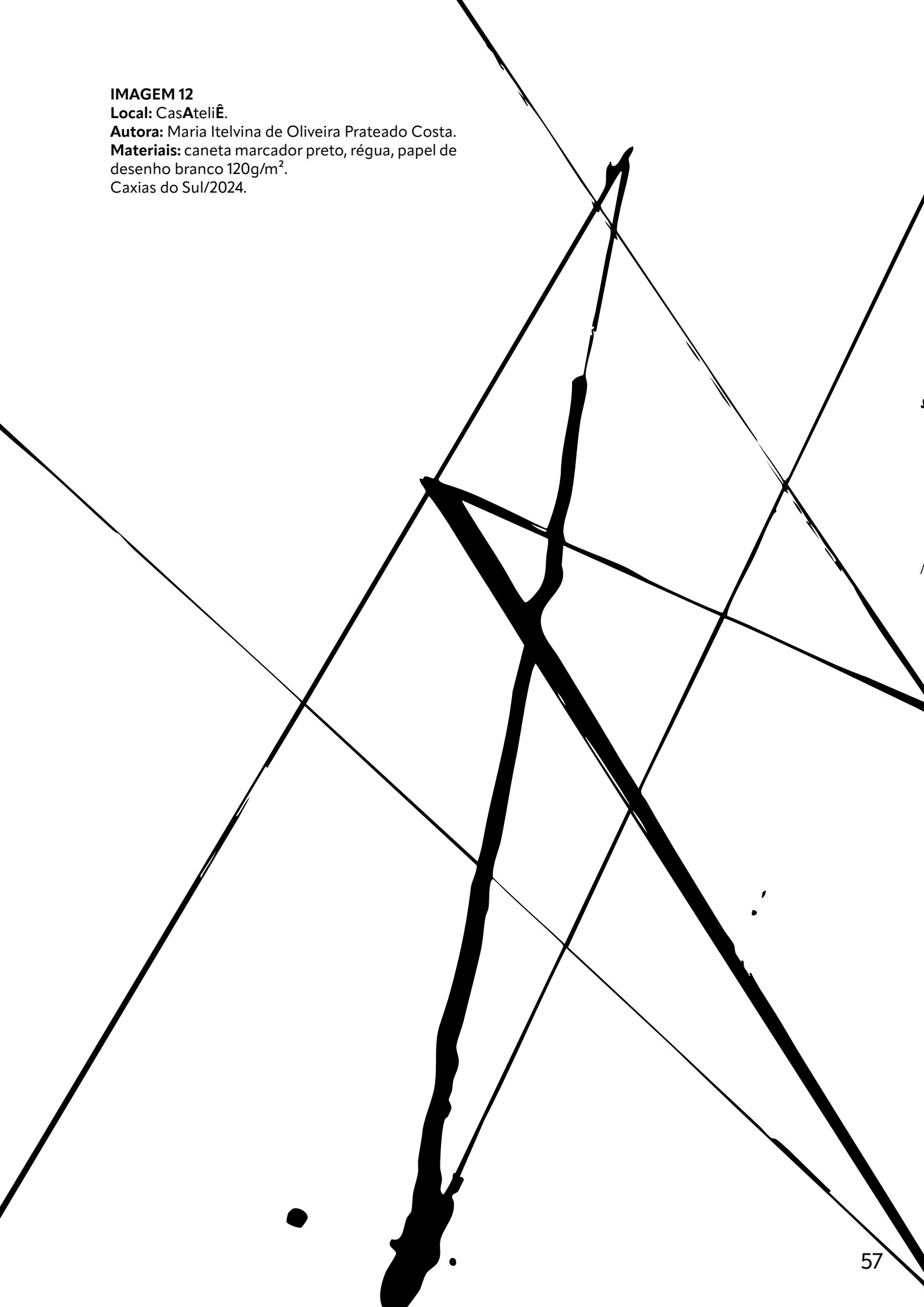
**IMAGEM 12**

**Local:** CasAteliÊ.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

**Materiais:** caneta marcador preto, régua, papel de desenho branco 120g/m<sup>2</sup>.

Caxias do Sul/2024.



# AteliÊ Parfor/UCS como experiÊncia de leituras

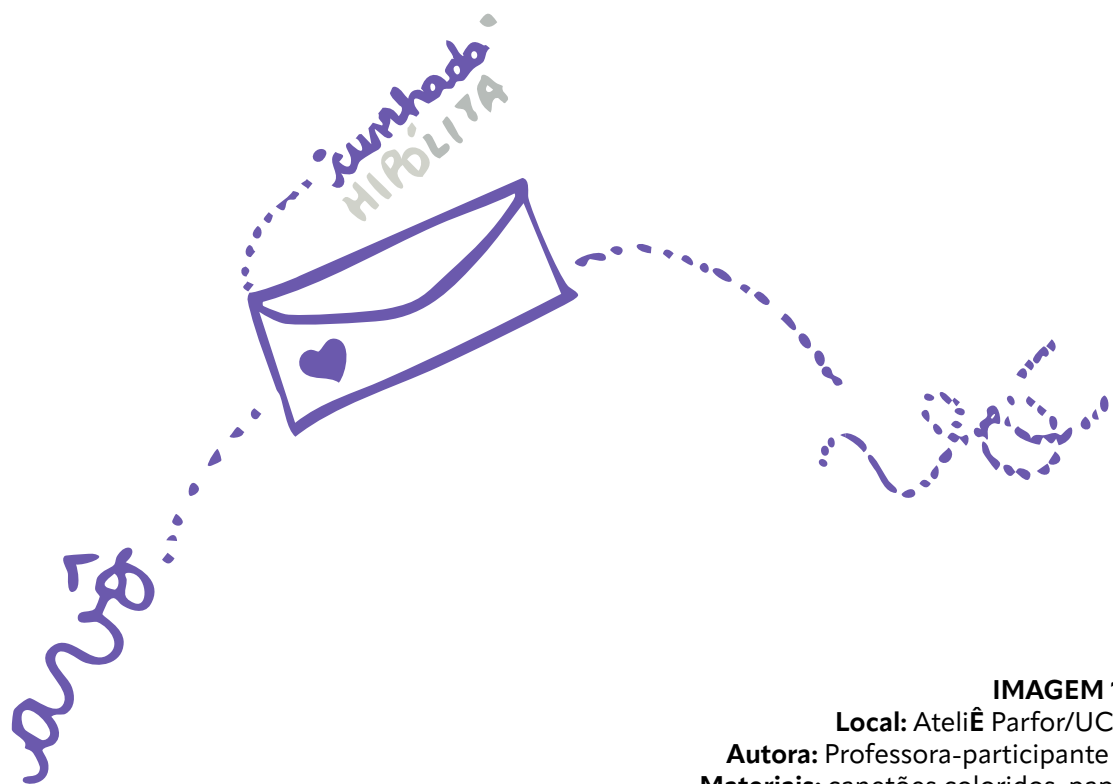
## ATELIÊ PARFOR/UCS COMO EXPERIÊNCIA DE LEITURAS

Depois de expor o método da PesquisAteliÊ, a continuidade da pesquisa se faz pelo sumário, que, de agora em diante, acompanha o *AteliÊ Parfor/UCS como experiÊncia de leituras*, e dele derivam os subtítulos: *Parfor/UCS/Pedagogia* e *As participantes* para apresentar as três participantes da PesquisAteliÊ e o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica a que estão vinculadas, o Parfor/UCS. *AteliÊ: experiment[Ações]* e *A força da experiÊncia pela experiment[Ação]* para demarcar o AteliÊ, que se compõe junto ao conceito de experiÊncia de Lapoujade (2017).

O AteliÊ Parfor/UCS realiza experiÊncias de leituras, em três (3) encontros, com as três (3) professoras-participantes do Curso de Licenciatura da Pedagogia (Parfor/UCS/2023). Neste espaço, é proposta a leitura do texto literário: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras*, da escritora Eliane Brum (2017). Nele, são operacionalizados os quatro (4) operadores da pesquisa cartográfica (PesquisAteliÊ): a leitura literária, os objetos sólidos, a leitura pela escrita e a escrita pela leitura por meio da [Ação] visual e o *punctum*.

A CasAteliÊ acontece pela experiÊncia literária nos espaços de AteliÊ. No decorrer desta pesquisa, demarco bem a relevância do território do AteliÊ. Com isto, tratar da palavra AteliÊ requer uma afirm[Ação] de que este espaço é um espaço-tempo de experiÊncia de leituras literárias, como a materializada na imagem 10. Antes de me ocupar desta denomin[Ação] e da rel[Ação] entre o AteliÊ e experiÊncia, demarco o convite feito para as participantes do Programa Nacional de Formação de Professoras<sup>25</sup> da Educação Básica (Parfor/UCS) e descrevo um pouco deste Programa e das participantes.

<sup>25</sup> Embora, oficialmente, o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) use a palavra professores, no texto desta pesquisa sempre será usada no feminino, professoras, pois todas as participantes do estudo são mulheres e "Em 2023, 2,4 milhões de docentes atuaram na educação básica. Do total, 79,5% (1,9 milhão) eram mulheres. Além disso, o censo registrou mais de 144 mil profissionais em cargos de direção, sendo 81,6% (cerca de 117 mil) diretoras (Brasil, 2024).



**IMAGEM 13**

**Local:** AteliÊ Parfor/UCS.

**Autora:** Professora-participante 2.

**Materiais:** canetões coloridos, papel kraft branco.

Caxias do Sul, 2025.

## *Parfor/UCS/Pedagogia*

Com o convite da entrada no Parfor/UCS/Pedagogia/2023 na pesquisa, brevemente, trago algumas linhas sobre este Programa. As professoras-participantes [denominadas de professoras cursistas pelo Parfor] do Ateliê estão vinculadas ao Programa Nacional de Formação de Professoras da Educação Básica (Parfor), pertencente à Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, que foi instituída no Brasil, em 29 de janeiro de 2009, por meio do Decreto 6.755, como tentativa de resposta à necessidade do país em investir em políticas públicas para melhorar a qualidade do ensino na educação básica.

Além de apresentar as diretrizes e os objetivos da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, o decreto explicita que a finalidade do Parfor está ligada à organização da formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica, para as redes públicas, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

O Parfor acontece como uma das políticas de formação de professores. O decreto 8.752, de 9 de maio de 2016, que regulamenta atualmente a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, indica ainda a necessidade da criação de Fóruns Estaduais Permanentes de apoio à Formação Docente, em regime de colaboração entre os entes federais, estaduais, municipais e ações específicas do Ministério da Educação, além de instituir e disciplinar a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada de professores, para a rede pública de educação básica em colaboração entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios (Brasil, 2009).

O regulamentado pela Portaria nº 220, de 21 de dezembro de 2021, é sobre o Parfor, que reforça o regime de cooperação entre União os estados, os municípios e o Distrito Federal (por meio de suas secretarias de educação) e as Instituições de Ensino Superior (através de Acordo de Cooperação Técnica com a CAPES e secretarias de educação), selecionadas por chamamento público para a realização do Programa, junto à CAPES.

Esse regulamento, além de discorrer sobre as atribuições da CAPES, dos estados, dos municípios e do Distrito Federal e das Instituições de Ensino Superior (IES), contempla as instituições públicas e privadas sem fins lucrativos. Ainda, a Portaria apresenta os objetivos e as características do Programa, destacando os requisitos que tornam aptas as IES a oferecerem os cursos de licenciatura no Programa Nacional de Formação de Professoras da Educação Básica (Parfor), abordando questões relativas ao financiamento do Programa (Brasil, 2021).

Os compromissos<sup>26</sup> do Parfor estão ligados ao incentivo e às condições de políticas públicas para que sejam oferecidos cursos de licenciaturas, cujas propostas pedagógicas contemplem as demandas específicas da formação inicial de educadores e a oferta da formação superior em licenciatura específica nas áreas de conhecimento em que a profissional, da rede pública, atua na educação básica. O Parfor ainda tem o compromisso de fomentar a formação e a pesquisa na escola onde as professoras que participam do Programa trabalham, na busca por aproximar a educação básica da educação superior.

O Programa oferece três (3) modalidades de formação, atendendo às Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação oferecidos<sup>27</sup>:

- (1) 1ª licenciatura — para professores que não possuem curso superior;
- (2) 2ª licenciatura — para professores com graduação, mas que lecionam em áreas diferentes daquela que têm formação; e
- (3) estudos pedagógicos complementares — para professores bacharéis sem licenciatura, que precisam de estudos complementares para habilitá-los ao exercício do magistério.

Essa dissert[Ação] desenvolve sua pesquisa com a primeira opção deste Programa, junto à Universidade de Caxias do Sul, com as cursistas do Curso em Licenciatura em Pedagogia, ano 2023, na modalidade presencial.

<sup>26</sup> Capítulo I, Seção II, art. 4º da Portaria nº 220, de 21 de dezembro de 2021 (Brasil, 2021).

<sup>27</sup> A exemplo das Diretrizes Nacionais Curriculares do curso de graduação em Pedagogia, licenciatura (Brasil, 2006).

Para concorrer às vagas ofertadas num dos cursos de licenciaturas, pelo Programa Nacional de Formação de Professoras da Educação Básica, a professora interessada necessita cadastrar seu currículo na Plataforma Paulo Freire (Brasil, 2023), que subsidia a formulação e a gestão de programas e ações destinadas à formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica, e manifestar ali interesse em um dos cursos de licenciatura disponibilizados na Plataforma. Na sequência, é necessário o deferimento da secretaria de educação à qual está vinculada e comprovar estar no exercício da docência na rede pública de educação básica, atuando na área do curso solicitado.

A Universidade de Caxias do Sul (UCS), que já tem uma tradição constituída na formação inicial e continuada de professores, desde 1967, inicia sua atuação educacional com a integração de cinco (5) faculdades, entre elas a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 10 de fevereiro de 1967, por meio do Decreto Lei nº 60.200 da Presidência da República (Brasil, 1967), sendo concebida como uma instituição universitária comunitária, regional, multicampi e sem fins lucrativos, mantida pela Associação Universidade de Caxias do Sul. Desde o ano de 2022, é uma das Instituições de Ensino Superior que ofertam cursos do Parfor, de acordo com o resultado do Edital 08/2022 da CAPES. Em 2023, inicia o curso da primeira licenciatura em Pedagogia/Parfor/UCS, presencial em Caxias do Sul, com duração de 8 semestres. Quando as professoras-participantes da PesquisAteliÊ fazem suas [Ações] de leituras no AteliÊ Parfor/UCS, estão no 5º semestre do curso.

IMAGEM 14

Local: Ateliê Parfor/UCS.

Autora: Professora-participante 2.

Materiais: canetões coloridos, papel

kraft branco.

Caxias do Sul, 2025.

“UM HÓSPEDE NA  
PRÓPRIA CASA”  


o cheiro vivo  
da morte

uma fusão  
que separa  
biografia

  
na  
prefeitura

## *As participantes*

A PesquisAteliÊ conta com um grupo de três (3) professoras-participantes<sup>28</sup> que cursam Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS e trabalham como professoras em escolas vinculadas à Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul, RS (SMED/ Caxias do Sul). Sou colega de profissão da SMED/Caxias do Sul.

Antes de elas serem convidadas para esta pesquisa, estive em três (3) momentos acadêmicos, na sala de aula da UCS, com elas, nos meses de julho, agosto e outubro de 2024. O primeiro encontro acontece no encerramento da disciplina "*Educação e Cotidiano Escolar e Não-Escolar II*" (PED2018PF), no 3º semestre do curso, ano de 2023/3. Em virtude do estágio docente, vinculado à bolsa de Mestrado do CNPq na modalidade GM, realizo AteliÊ de literatura em mais dois momentos da disciplina "*Didáticas Específicas: Alfabetização*" (PED2020PF), no 4º semestre do curso, ano 2023/4.

O convite para particip[Ação] na PesquisAteliÊ é feito a todas participantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia (UCS), modalidade presencial, na Sede localizada em Caxias do Sul-RS. Das cinco (5) professoras-participantes matriculadas no semestre-ano de 2023/5, período em que ocorre o AteliÊ Parfor/UCS e que estão no 5º semestre do curso, três (3) delas participam da pesquisa.

Antes de dar continuidade ao terceiro movimento da PesquisAteliÊ, em que apresento a pujança do AteliÊ como espaço-tempo de experiment[Ação], destaco que o tema desta pesquisa não tem como foco investigar a form[Ação] de professoras. Porém, é importante considerar que tal processo andarilha pela proposta de AteliÊ, que cruza pela form[Ação] de professoras, e que, portanto cabe dizer uma posição sobre ela, mesmo que não seja o propósito desta pesquisa, porque ela:

(1) é uma vibr[Ação] da CasAteliÊ;

(2) surge pela linha da experiÊncia da pesquisadora em feitura de diversos AteliÊs literários em sua caminhada profissional, inclusive em processos

<sup>28</sup> Como já dito, a denominação oficial dada às professoras estudantes que participam do Parfor, conforme Portaria nº 220, de 21 de dezembro de 2021 (Brasil, 2021), é "professora cursista"; na pesquisa, opto por chamá-las de "professoras-participantes".

de form[Ação] continuada de professoras;

(3) se estrutura também como a necessidade de ampliar os conhecimentos acadêmicos sobre o tema e

(4) quer contribuir com a form[Ação] das professoras-participantes do Parfor/UCS.

Desse modo, até agora, a PesquisAteliÊ investe não diretamente na form[Ação] de professoras, mas no espaço AteliÊ Parfor/UCS porque dedica em tornar as leituras linhas que movimentam de modo “desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 33) a form[ação] de professoras. É neste espaço que a leitura ganha contornos de multiplicidades, de manifest[Ação] vivas.

Além disso, o espaço do AteliÊ faz aliança (sempre uma aliança é frágil como uma linha) com a experiÊncia de ler textos literários nos encontros com as professoras-participantes do Parfor/UCS. ExperiÊncia que passa pelo ato de resistência e transgressão à institucionalização da leitura reduzida à interpretação e à gramática, pois labuta pelo “trançar e destrançar a trama da linguagem, livrando-a dos fios mortos do estereótipo, [...]” (Perone-Moisés, 2012, p. 125) de que a leitura e o texto literário não chegam a todos e todas os brasileiros e as brasileiras.

O espaço do AteliÊ potencializa outros modos de leituras e rechaça qualquer movimento de didatização e de controle do uso da linguagem e da prescrição normativa sobre o ato ao direito à leitura. Neste espaço, as experiÊncias com textos literários são experiment[Ações] de múltiplos tipos de textos literários. A proposição da dissert[Ação] de convidar as professoras-participantes da Pedagogia/Parfor/UCS 2023, Caxias do Sul-RS para viver o AteliÊ toca suavemente, sem nenhum foco investigativo, o Programa Nacional de Formação de Professoras da Educação Básica (Parfor), na Universidade de Caxias do Sul-RS. Por isso, são traçadas algumas linhas de escrita sobre este Programa, com a intenção de deixar uma contribuição para o espaço que investe em afirmar a vida (Corazza, 2011b; Matos; Schuler; Corazza, 2015; 2021), em meio às leituras literárias, junto ao espaço-tempo CasAteliÊ.

## *AteliÊ: experiment[Ações]*

O AteliÊ é um espaço-tempo de encontros, de experiÊncia pela experiment[Ação]. Suas montagens convocam à [Ação], entendendo que o “agir sempre existe no limite das forças do que se experimenta (...), do que acontece, sem projeto controlado, programado (...) O agir ganha espaço de experiência.” (Matos, 2023, p. 495), por seu caráter de [Ação] prática e de [Ação] conceitual e por movimentar as forças da multiplicidade.

Uma das qualidades do AteliÊ está nas provoc[Ações] de manipul[Ação] de outras rel[Ações], que fazem emergir o inesperado, que furam o fluxo, gerando estranheza e possibilitando a vida se compor, por meio das experiÊncias.

Esses tensionamentos proporcionam deslocamentos que fazem escorrer a dúvida, o “entre”, a contradição, pois “é na contradição entre dois extremos que algo nos força a pensar, nos faz perceber o sentido e o valor de pensar em algo não-pensado. E, assim, pensamos como quem caminha sobre um fio composto pela consistência e a contradição.” (Kohan, 2007, p.88). Logo, podemos ter condições de inaugurar o extra do ordinário, como parte desta força de pensar algo não-pensado.

O modo de operar do AteliÊ está na experiment[Ação] “como condição de movimentar e constituir os efêmeros da experiência” (Matos, 2024a, p. 13), no processo, na problematiz[Ação], na busca por formas de violentar o pensar, numa provoc[Ação] que acontece pelas errâncias de leituras literárias. Pela experiment[Ação], abrem-se espaços para (com)posições, e talvez algumas delas inimagináveis e/ou provenientes desta força de pensar algo não-pensado.

O espaço do AteliÊ reconhece a força de cada participante como portador do desconhecido, da incerteza do escondido, do que vaza, esgarçando as possibilidades de se fazer escrituras ao lidar com os objetos sólidos e com os materiais.

O AteliÊ, como um tipo de tempo, o de viver junto de diversas maneiras junto ao texto literário, torna-se uma rel[Ação] de coabitar as rítmicas: o ritmo individual ou “idiorritimia”(Perrone-Moisés, 2012, p.165) em consonância com a rítmica do viver junto são experimentados como “movimentos

paradoxos entre rítmicas que fazem o viver junto não sobrepor a rítmica do viver só [...], a rítmica idiorritmia tem a força da pessoa [...], capaz de fazer, em seu tempo [...], um sopro diante daquilo que é imposto” (De Conto; Matos, 2024, p. 572).

A operacionaliz[Ação] do AteliÊ é um dos modos de “fazer do saber uma festa” (Barthes, 1978, p.21), importando ali, como espaço-tempo, as experiment[Ações] estabelecidas que se tornam experiÊncias.

O AteliÊ busca neutralizar o poder instalado no interior do discurso institucionalizado de quem bem lê e de quem bem escreve, de quem pode acessar os textos literários e de quem não os acessa. Nesse espaço, trapaçeia-se este discurso fazendo com que uma língua dentro de si mesma (Barthes, 1978) se dobre pela “idiorritmia” (Perrone-Moisés, 2012, p.165) e pela rítmica do viver junto (Perrone-Moisés, 2012) com o texto literário.

Esse espaço também funciona com “contestador-estilístico” (Costa, 2018, p. 2), pois usa como estratégia a “retirada (por meio de formas de expressão, fantasias e condutas clandestinas, não dogmáticas)... que é intolerável a qualquer forma de poder.” (Costa, 2018, p. 3), como o poder do discurso institucionalizado sobre o ler e o escrever, sobre acesso aos textos literários pelas professoras, pelas escolas e pelos estudantes.

Em outras palavras, várias forças são acionadas quando quatro (4) mulheres<sup>29</sup> estão em movimento de AteliÊ e se encontram para ler. Uma delas diz respeito ao discurso e ao lugar de autoridade, que se dissolve, pois todas se tornam iguais na rel[Ação]. Embora haja alguém que faça as proposições de cada encontro, elas são trabalhadas nas forças do coletivo, acionadas pelas intensidades e pelos movimentos do AteliÊ.

Cada professora-participante tem o seu “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39) ao entrar em contato com o texto literário e ser afetada ou não por ele, como se expressa na extr[Ação] e nas rel[Ações] com o *punctum* e na escolha e nas rel[Ações] que estabelece com os objetos sólidos e com os materiais durante a [Ação] visual de sua leitura pela escrita e da escrita pela leitura.

<sup>29</sup> A pesquisadora juntamente com as três (3) professoras-participantes.

A força está no coletivo que se aproxima de idiorritimias. Em AteliÊ, o texto está em movimento: desenho, colagem, escrita convencional. O poder da extr[Ação] da leitura pela escrita está no texto.

A extr[Ação] e a cri[Ação] de leituras por meio da [Ação] visual é uma tentativa de subversão de alguns dos discursos dominantes que circulam sobre o institucionalizado. O AteliÊ é um espaço-tempo que inventa os próprios problemas, que provoca e lida com os imprevistos e tem como principal matéria, a vida (Corazza, 2011b). AteliÊ é combate! É apropri[Ação] da potência de vida!



## *A força da experiÊncia pela experiment[Ação]*

AteliÊ é um espaço que afirma vida, um espaço de produção inventiva (Matos, Schuler; Corazza, 2015), que permite diversas composições didáticas e que funciona como espaço-tempo de pesquisa, de experiÊncia pela experiment[Ação].

Com esta perspectiva de AteliÊ como experiÊncia (Matos, 2024a), faz-se necessária uma parada para esgarçar o conceito de experiÊncia pela perspectiva filosófica de Lapoujade (2017), que afirma: “feito paulatinamente, pedaço por pedaço, sem que esses pedaços convirjam para uma unidade final; [...], juntando seus diferentes pedaços de experiÊncias entre si” (Lapoujade, 2017, p. 78). Nesse sentido, a experiÊncia não tem nada de unidade, de conjunto ou de totalidade. Ela não é uma soma de encontro entre os variados tipos de experiÊncias. Estes pedaços de experiÊncia entre si não formam uma única coisa ou uma cronologia, nem mesmo uma acumulação de fatos vividos.

Assim, a PesquisAteliÊ assume a experiment[Ação] como força da experiÊncia e como princípio do espaço-tempo do que nos passa no AteliÊ (Costa, 2025). A experiment[Ação] carrega consigo um caráter inesperado; o que pode acontecer em uma experiÊncia escapa a qualquer tentativa de controle arbitrário neste espaço. As coisas externas existem por si só, independente da crença de alguém; o que gera o choque da experiÊncia, ou dito de modo mais direto a

[...] ação da experiência é [...] a parte do movimento detectável da percepção. O elemento percepto chega como surpresa junto ao espírito racional. A percepção por não ainda carregar o juízo, (sic) faz operações fora do controle racional e procede pela ação. (Matos, 2024a, p. 7).

Desse modo, a experiment[Ação] faz desvio do sistema de captura da experiÊncia como se ela fosse ordinária, e ela, por ser inseparável da [Ação], acontece e torna-se em constante movimento.

Como já dito, o AteliÊ é espaço-tempo de experiÊncia que se faz pela experiment[Ação]. Por isso, a experiÊncia na perspectiva do filósofo francês

David Lapoujade (1960)<sup>30</sup>, passa a ser estudada para dar força ao que se faz. E, para esgarçar mais ainda o conceito de experiênc*ia*, aproximo-a especificamente da obra *William James, a construção da experiênc*ia** (Lapoujade, 2017). Nela, o autor apresenta o pragmatismo de William James (1842-1910)<sup>31</sup> e o pensa como uma espécie de [Ação] do processo de experiênc*ia* (Matos, 2024a).

Lapoujade (2017), neste livro, afirma que a experiênc*ia* agarra a realidade no momento em que ela acontece e torna fato tudo aquilo que pode se experienciar; e cada factual experienciado abre um sistema [rizomático] de fluxo imediato. A experiênc*ia* está no que nos acontece e é apreendida pelo acontecimento do que nos passa (Costa, 2025). Assim, ela não para, não acumula, não hierarquiza, ela sempre se abre de modo externo ao que nos passa.

O ato da experiênc*ia* é formado por um bloco próprio e relativo de dur[Ação], que tem ritmo, como as rítmicas barthesianas (Perrone-Moisés, 2012), e tempo particulares, nomeado por William James como “presente especioso” (Lapoujade, 2017). O tempo da experiênc*ia*, que não pertence à consciênc*ia*, provoca abertura de novas rel[Ações] temporais de intensidades operadas por um presente especioso gerando rachadura no tempo cronológico (Matos, 2024a).

As experiênc*ias*, como parte do presente especioso, se cruzam e se interpenetram, compondo uma grande teia de [Ações], integrada a uma série de outros presentes especiosos.

É no intervalo do tempo de presente especioso que ocorrem os processos das intensidades do experienciado. Por meio das intensidades, a experiênc*ia* torna-se um dado, que passa a agir e a tornar-se um signo. A signific[Ação] deste signo é que passa a ter outro *status* deste processo que não é mais da experiênc*ia*, e sim do dado da experiênc*ia* que pode se transformar em matéria de interpret[Ação] ou não (Lapoujade, 2017).

<sup>30</sup> Professor de estética na Université Sorbonne e importante filósofo francês da atualidade. Foi aluno do filósofo Gilles Deleuze (1925-1995), um dos mais relevantes pensadores da filosofia da diferença, e organizou algumas de suas coletâneas de textos.

<sup>31</sup> Foi professor, psicólogo, filósofo americano, fundador do pragmatismo e criador do empirismo radical, voltado para o pensamento prático.

Matos (2024a, p. 7) afirma que

a experiência fica entre o signo e o sentido, ela não é nem um e nem o outro. Por vezes, tal movimento sem sincronismo binário do signo para o sentido, pode apresentar-se como uma expressão instável para a experiência,

que tem como característica o pluralismo das rel[Ações] e a continuidade.

Dessa forma, o pensamento ou o acontecimento-pensamento se constitui na experiÊncia, que acontece no presente especioso e se transforma em dado. Quando ocorre a apropri[Ação] do acontecimento, o dado passa a ser matéria de interpret[Ação], por seri[Ação] de signos que se movimentam e possibilitam traçar diferentes linhas de uma experiÊncia.

As ideias são [Ações], transições e cri[Ações]; elas fazem agir e guiam o pensamento em uma determinada direção, num processo de verific[Ação] prática. O conhecimento é fluxo, feito gradativamente a partir da junção de pequenos, diversos e diferentes pedaços de tecidos e linhas de experiÊncias que se relacionam e se conectam entre si, sem formar uma unidade final, gerando grandes *patchworks* e suas *networks* (Lapoujade, 2017).

As continuidades e as descontinuidades se misturam e compõem a experiÊncia que se dá, como já dito, nas rel[Ações]. O conhecimento se faz no pluralismo das rel[Ações] ora conjuntivas e ora disjuntivas experienciadas, conforme os “choques recebidos e as séries percorridas” (Lapoujade, 2017, p. 67).

O tempo, que mistura passado e futuro num fluxo contínuo, que assume intensidades próprias, fratura o presente (presente especioso); o espaço, que assegura a continuidade dos fluxos e se constrói por meio de conexões e entrelaçamentos, é o lugar onde a experiÊncia acontece; e o pensamento, que é constituído a partir da apropri[Ação] e da signific[Ação] da experiÊncia, formam o *continuum* da experiÊncia. Matos (2024a, p. 9-10) alerta que

As relações disjuntivas, que são experiências dadas pelas percepções, nos mantêm numa sensação de continuidade na duração da experiência [...] Pelas disjunções, mantemos o fluxo contínuo do presente especioso, que se torna acontecimento. Com isso, o contínuo carrega o fluxo disjuntivo entre o pensamento, tempo e espaço, sem rupturas [...] espaço e tempo não se equivalem, mas se penetram pelos pontos de conexões das relações disjuntivas, como se fossem operações perceptivas de remendo, de pedaços, de montagens. É no espaço que reunimos nossas percepções e as tornamos consciência...

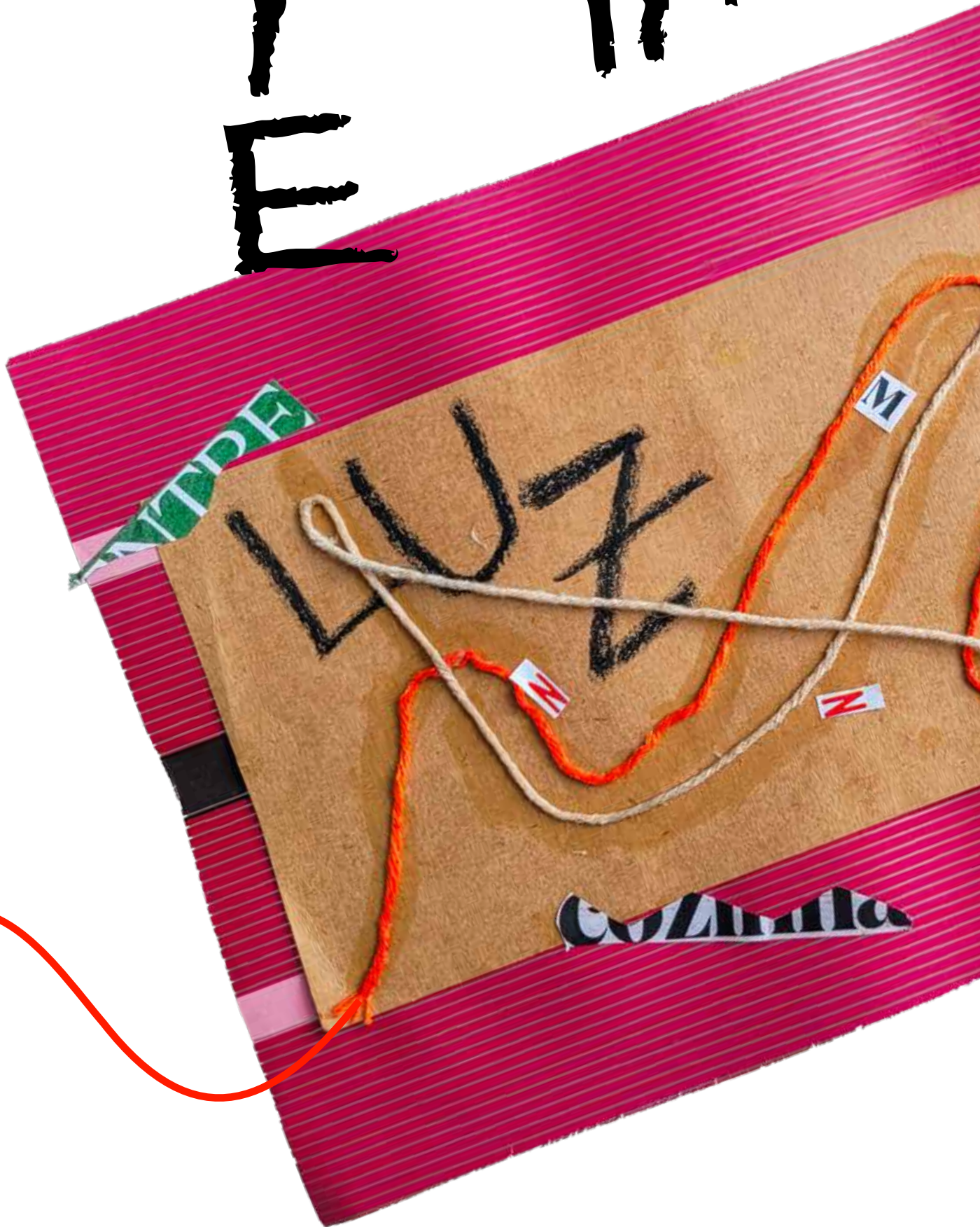
É importante marcar que “a noção de consciência responde a uma função ou a um conjunto de funções destinadas a conhecer” (Lapoujade 2017, p.44). O “sujeito” se faz, ou seja, se constitui na interpret[Ação] de suas emoções e de afecções corporais, pois ele é o conjunto de rel[Ações] que passa pelo seu corpo. “Onde o corpo está é ‘aqui’; quando o corpo age é ‘agora’; aquilo que o corpo toca é ‘isto’; todas as outras coisas são ‘lá’, ‘então’ e ‘aquilo’.” (Lapoujade 2017, p.41-42). Então, o corpo é o centro de referência da [Ação], da visão e do interesse, ele está no âmago da experiência.

Na perspectiva da PesquisAteliÊ, as experiment[Ações] em AteliÊ movimentam diferentes forças, intensidades, fluxos, afectos e perfectos gerando matéria para que os sentidos sejam significados. Ao aumentar a potência do agir, provocam-se a moviment[Ação] e o surgimento de novos signos e ideias.

As experiment[Ações] em AteliÊ funcionam ainda como espaço-tempo de rel[Ações], de desvios, de possíveis de outros discursos e de novos mundos se comporem enquanto são experimentados, pois experimentar “é considerar a teoria como uma prática criadora”, entendendo prática criadora como verific[Ação] da nova ideia, que convoca a [Ação] e o pensamento, pois “[A]gimos e pensamos para aumentar e elevar aquilo que existe.” (Lapoujade 2017, p 61-62). Elas arrastam consigo a exigência moral do imprevisível, dado que o mundo não se faz sem estar ao mesmo tempo por se fazer (Lapoujade, 2017).

A Pesquisa Ateliê também compreende que a experiência se dá pela experimentação e que “agimos quando temos confiança nos nossos motivos, nas nossas capacidades e no devir do mundo que vai realizá-los.” (Lapoujade, 2017, p. 86), mobilizando o que está na vida e inaugurando o não-pensado. Assim, os movimentos provocados pelas forças do Ateliê Parfor/UCS transpõem a leitura hegemônica sobre experiência (Matos, 2024a), uma vez que são desviantes e escapam das “verdades” prontas, da categorização universalizada. No Ateliê Parfor/UCS, as professoras-participantes fazem experimentações de leituras literárias com tentativas de leituras de *punctum*, por meio de ações visuais da leitura pela escrita e da escrita pela leitura [escrileituras], com objetos sólidos e com materiais.

pink  
E





**IMAGEM 16**

**Local:** AteliÊ Parfor/UCS.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.  
**Objetos sólidos:** retalho de papel de parede, recorte de revista, linha de algodão grossa bege e alaranjado.

**Materiais:** papel *kraft* natural, cola, giz estaca preto, tesoura.  
Caxias do Sul/2025.



# 3 modos de fazer

## 3 modos de fazer

Este bloco investigativo, que apresenta os elementos de feitura do Ateliê Parfor/UCS, mostra o modo de fazer do Ateliê e cartografa as [Ações] de leituras neste espaço, dando continuidade aos objetivos de pesquisa, que escorrem pela sequência do sumário.

O *3 modos de fazer* é composto pelos seguintes subtítulos:

- Elementos da feitura do Ateliê Parfor/UCS;
- Modo de fazer 1: Cheganças;
- Da experiência do modo de fazer 1;
- Modo de fazer 2: As vogais antes dos sapatos;
- Da experiência do modo de fazer 2;
- Modo de fazer 3: A guria dos 7;
- Da experiência do modo de fazer 3 e
- Irrompências em notas.

Em Elementos da feitura do Ateliê Parfor/UCS estão presentes os componentes da feitura do Ateliê e é mostrada a chave de estudo do texto literário *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras* (Brum, 2017) adotada pela PesquisAteliê, ao aproximá-lo dos conceitos barthesianos (Barthes, 1984).

Nos subtítulos *Modo de fazer 1: Cheganças*, *Modo de fazer 2: As vogais antes dos sapatos* e *Modo de fazer 3: A guria dos 7* são apresentados o modo de fazer de cada encontro do Ateliê Parfor/UCS.

Nos subtítulos *Da experiência do modo de fazer 1*, *Da experiência do modo de fazer 2* e *Da experiência do modo de fazer 3* são mostradas [Ações] visuais de leituras pela escrita e escritas pela leitura das professoras-participantes do Ateliê com intervenções da cartógrafa, que destaca os *punctuns* que extrai ao ler essas [Ações] do ato de escreleiturar-se (Matos, 2024c).

Tais destaques são matérias para a realiz[Ação] das leituras de *punctum*, num dos movimentos de cartografia que busca responder à pergunta de investig[Ação] da pesquisa:

*Como cartografar, no AteliÊ, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul?*

As últimas vibr[Ações], *Irrompências em notas*, são compostas pelos resultados da pesquisa provocados pelos encontros e pelos “entres” do “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39) da cartógrafa, a partir dos registros em blocos de notas, realizados no decorrer dos encontros do AteliÊ Parfor/UCS.

### *Elementos da feitura do AteliÊ Parfor/UCS*

O AteliÊ Parfor/UCS faz experiment[Ações] de leituras e sua feitura arrasta a experiÊncia leitora<sup>32</sup>, que acontece num espaço-tempo que contempla dois universos: o dado e o que ainda vai se dar em meio ao texto literário e à [Ação] visual. Esse tensionamento entre o dado e o inaugural abre espaços para “transver” (Barros, 2015) os modos de ler e escrever. Ao desestabilizar os signos dados e movimentar as forças polissêmicas da leitura pela escrita e da escrita pela leitura, a linguagem pode “pegar delírio” e fazer outros “nascimentos” de textos (Barros, 2015).

As [Ações] de leitura provocam uma rachadura no “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” e podem permitir a extr[Ação] de *punctum*. Os objetos sólidos podem potencializar rel[Ações], rompendo com modelos hegemônicos de matérias, [Ações], leituras e escritas, já que “qualquer objeto[sólido] se mescla tão profundamente à substância do pensar que perde sua forma verdadeira e se recompõe com alguma diferença[...], quando menos se espera.” (Woolf, 2005), como acontece nas imagens 3 e 16.

<sup>32</sup> Na perspectiva barthesiana, concebe-se o leitor “[...] como artista amador e, de certa forma, coautor da obra. Surge então, com mais força, o tema do prazer, na medida em que considera a leitura como uma atividade ‘perversa’, análoga à escritura, ‘prática corporal de gozo’” (Perrone-Moisés, 2012, p. 147).

O Ateliê da pesquisa ocupa o território do pensamento da multiplicidade<sup>33</sup>, por isso dispara as forças do experienciar pela [Ação] e busca operar com algumas forças das linhas de fuga<sup>34</sup> durante o ato de leitura. Suas vibr[Ações] e experiment[Ações] provocam combates, tensionam e causam fraturas nos modelos que didatizam e pedagogizam a leitura e a escrita; higienizando-as e usando-as para impor valores morais e ideais a serem alcançados, muitas vezes, não favorecendo uma aproxim[Ação] literária com os textos, apresentando-os de forma diretiva, fragmentada, fora de contexto, com partes alteradas. Conforme afirma Matos (2024c, p. 3): “a língua e a linguagem entram pelas vias: de textos acadêmicos, textos científicos, textos escolares como redação, provas e avaliações, relatórios, atividades, que determinam o ato de pedagogização da língua (Matos, 2009)”; resumindo a experiência leitora às intencionalidades do processo de escolariz[Ação] (acadêmica) de domin[Ação].

O grande disparador das experiências do Ateliê Parfor/UCS é o texto literário, e a matéria de sua cartografia é o que se passa nos encontros, nos “entres”, nas experiências com a própria leitura literária. A arquitetura didática de sua feitura contempla um conjunto de elementos que são apresentados na imagem 17:

<sup>33</sup> A filosofia da diferença se debruça sobre o que é diferente de fato, o singular; expulsando o uno, o um, a unidade da imagem do pensamento. Neste exercício, a multiplicidade se revela nas diferentes variantes do singular (Ferreira, 2020).

<sup>34</sup> Traçar linhas de fuga é fazer passar entre ordem engessada do Estado, criando rupturas que racham a lógica instaurada. Se o Estado tem uma linguagem, criemos outra fora dele; se o Estado tem uma lógica, inventemos outra que transvaze por entre suas formalizações, por isso “[...] se o Estado possui um espaço codificado, criemos espaços lisos que ocorrem fora-dentro dos mecanismos de captura [...]” (Ferreira, 2020, p. 50).

• 1 pesquisadora:

Maria Stelvina  
de Oliveira Prateca  
do Costa.

1 pesquisadora

• 3 professoras - par-  
ticipantes:

Parfor / Pedagogia /  
UCS / Caxias do  
Sul - RS

3 professoras

• 1 livro literário

meus desaconte-  
cimentos - a his-  
tória da minha  
vida com as  
palavras.

1 livro

• 1 método:  
Cartografia.

1 método

• 4 operadores:

- 1- Leitura literária
- 2- Objetos sólidos
- 3- Leitura pela escri-  
ta e escrita pela  
leitura
- 4- Punctum / Leitu-  
ras de punctum.

4 operadores:

• 1 problema:

Como cartografar,  
no Ateliê, as [ações]  
de leituras das ca-  
dêmicas de Pe-  
dagogia / Parfor / UCS  
Caxias do Sul - RS /  
2023?

1 problema

# 1 objetivo

## • 1 objetivo:

Realizar leitura pela escrita e escrita pela leitura por meio da [Ação] visual com objetos sólidos a partir da tentativa de extr[ação] de punctum da leitura do livro literário.

## • 3 encontros:

07/06 | 25  
05/07 | 25  
19/07 | 25

3 encontros

IMAGEM 17

Local: CasAteliÊ.

Autora: Maria Itelvina de Oliveira

Prateado Costa.

Materiais: lápis 6B, papel branco.

Caxias do Sul/2025.

# 1 técnica

## • 1 técnica:

[Ação] visual com objetos sólidos.

## • 12 horas totais, aproximadamente:

3 encontros de 4 horas, aproximadamente.

12 horas

Nos três (3) encontros do Ateliê Parfor/UCS, as três (3) professoras-participantes e a pesquisadora emprestam seus corpos para lerem juntas o livro literário *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras*, da premiada escritora, jornalista e documentarista gaúcha Eliane Brum (2017) e fazem tentativas de extr[Ação] e de leituras de *punctum* do texto literário, por meio de [Ações] visuais da leitura pela escrita e da escrita pela leitura [escrileituras], com objetos sólidos e com materiais.

Além do *punctum*, os conceitos<sup>35</sup> *operator*, *spectrum*, *spectator*, *studium* (Barthes, 1984) são aproximados do texto literário lido no Ateliê Parfor/UCS, o que provoca a PesquisAteliê a assumir suas próprias chaves de estudo e a inaugurar a leitura de *punctum*. As chaves de estudo adotadas pela investig[Ação] são apresentadas na imagem 18:

<sup>35</sup> Esses conceitos são apresentados no item *Punctum* da *PesquisAteliê*.

Roland Barthes  
Livro: A Câmara Clara: nota sobre a fotografia

Ateliê Parfor/UCS  
Livro: Meus desacontecimentos - A história da minha vida com as palavras

Aquele que fotografa

Operator

Autora escolhida para a leitura em grupo:  
Eliane Bulmi

Observador / consumidor da imagem

Spectator

A pesquisadora e as acadêmicas do curso de Pedagogia Parfor/UCS que leem juntas

Olho fotografado

Spectrum

Os nascentes e as moções da autora em vida e a sua relação com a palavra escrita

Da ordem da leitura superficial  
Número  
Relacionado a gostar e não gostar  
Canalga, marcas da cultura e do pessoal.  
Algo ligado à intencionalidade do fotógrafo  
f. Quita

Studium

Ligado ao que as leitoras encontraram ao entrar em contato com as intenções da autora e o livro, estrutura do texto, vocabulário usado, estilo de escrita, forma e como esses elementos movimentam a leitura.

O que atravessa a fotografia, os detalhes, a delicadeza que desencadeia sensações, afetos e perfectibilidade, do exercício do olhar, das forças não estagnadas.  
Embaralhamento no tempo  
"Lixo é" "Lixo foi"  
Lere

Punctum

Sentido que escapa  
Delicadeza  
Suspiro  
Perturba  
Existência em silêncio

Leitura de punctum

Fabulação  
Errância  
Arrepios/espanto de sentido  
Leitura ética  
Resistência  
Experiência de suspensão do discurso  
Libera a leitura para uma vida  
Presente especioso

## IMAGEM 18

Local: CasAteliê.

Autora: Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

Objetos sólidos: retalhos de papel de parede, alfinete.

Materiais: caneta esferográfica preta, papel manteiga. Caxias do Sul/2025.

No Ateliê Parfor/UCS, quem assume a posição de *operator* é a autora Eliane Brum. As professoras-participantes e a pesquisadora situam-se como *spectator*. O *spectator* é encontrado nos nascimentos e nas mortes da autora em vida e a sua rel[Ação] com as palavras. O *studium* está relacionado ao que as leitoras encontram ao entrarem em contato com as intencionalidades da autora e dos editores. E o *punctum* localiza-se naquilo que escapa das intencionalidades, na delicadeza, no que perturba. Já a leitura de *punctum*, acontece no presente especioso (Lapoujade, 2017), provoca a fruição, favorece à fabul[Ação] e libera a leitura para uma vida, que está no que escorre do “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39).

A chave de leitura apresentada na imagem 18 torna-se um importante disparador das [Ações] de leituras no Ateliê, pois potencializa a força do encontro com a leitura literária<sup>36</sup>, com o texto, com a escrita e com a vida.

Os elementos da arquitetura do Ateliê Parfor/UCS contemplam montagens didáticas ligadas aos “movimentos do pensamento da diferença que se efetuam na dispersão, descentramento, dissoluções da identidade, da origem das totalidades universais moralizadoras.” (Matos; Schuler; Corazza, 2015, p. 231) e estão comprometidas com uma experiência de subversão de leitura, no sentido barthesiano que “[...] significa: vir por baixo para trapacear com as coisas, desviá-las, levá-las alhures, para lugares onde não são esperadas” (Perrone-Moisés, 2012, p. 91); tomando-a como atos de leitura e escrita por tentativas de extr[Ação] de *punctum* e (2) tentativas de leitura e escrita por meio de [Ação] visual.

Ler para experimentar, para fabular, para alcançar a fruição literária.  
Fruição que entra

[...] pelas sensibilidades de polissêmicas experiências do itinerário da leitura pela escrita [...]. A fruição se constitui porque faz a exigência de uma prática de encontros entre rastros de dois mundos de sensibilidades diversas, o território literário pelos encontros - afectos - e os filosóficos pelos encontros conceituais” (Matos, 2024c, p.4)

<sup>36</sup> A obra de Barthes distingue sentido e significação. Entendendo por sentido, o conteúdo, ou seja, o significado de um significante, “[...] e por significação o processo sistemático que une um sentido a uma forma, um significante. A literatura nunca é sentido, a literatura é processo de produção de sentidos, isto é, significação” (Perrone-Moisés, 2012, p. 24-25).

Tais encontros são possíveis pela [Ação] de leitura com objetos sólidos e com materiais, que potencializam textos inaugurais e inventivos no Parfor/UCS, em meio à vida.

Além disso, a perspectiva adotada na chave de leitura da imagem 18 que potencializa “invencionáticas” (Barros, 2015) com a leitura e a escrita; encontros e diálogos; novas escrituras<sup>37</sup>; produção de sens[Ações], afectos e perceptos; confrontos com as contradições que a leitura literária, entendida como arte, pode provocar, aproximando as participantes do estado da arte em meio à vida, que possui sua própria linguagem a qual é polissêmica, que pode dar outros usos, outras cores, outros sons ou tantas outras possibilidades de expansão às palavras e aos objetos sólidos, tal qual “dar às pedras costumes de flor” (Barros, 2015, p. 131). Como já dito, a experiência com leituras no Ateliê Parfor/UCS extrapola a comunic[Ação], movendo consigo a possibilidade da experiment[Ação] com a leitura literária. Ao desestabilizar o “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39), possibilita-se a extr[Ação] do *punctum* e as escrituras por meio da [Ação] visual.

<sup>37</sup> “A escritura carrega o próprio ato de ler, sendo levado pela extração de pequenos traços de estilo que passam a compor outro texto. Parte-se para um “escrever com” a leitura e não mais “escrever sobre” a leitura.” (Matos, 2024b, p. 115).

Como cartógrafa, não abro mão do rigor por “[...] demarcar o modo próprio de um determinado território político e/ou ético e/ou estético.” (Matos, 2024a, p.2) e faço o exercício de cartografar o AteliÊ Parfor/UCS próximo aos movimentos da vida, na busca por responder à pergunta de pesquisa:

Como cartografar, no AteliÊ, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023?

Assim, passo a apresentar os *Modos de fazer* do AteliÊ Parfor/UCS juntamente com quatro (4) leituras pela escrita e escritas pela leitura por meio da [Ação] visual materializadas pelas professoras-participantes nos encontros (imagens 20, 21, 22 e 23) e cartografo as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023, não só ao mostrar os *punctuns* que extraio das [Ações] visuais mas também ao realizar suas leituras de *punctum* identificadas como *Da experiÊncia do modo de fazer 1, 2 e 3*.

## *Modo de fazer 1: Chegadas*

1. Prepare antecipadamente o ambiente colocando sobre a mesa:

- central:
  - a epígrafe:

Quando se escrevem memórias de palavras, os tempos se misturam. O passado não existe, assim como o futuro. O que há é um eu inventando, um passado e um futuro, no presente. Que em seguida escapa. O presente como um tempo que não existe, uma impossibilidade lógica (Brum, 2017, p. 18).

- 3 volumes do livro literário: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras*, Brum (2017), para presentear as professoras-participantes, junto com o livro da pesquisadora;
  - 1 volume do livro *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (Barthes, 1984);
  - 1 ensaio<sup>38</sup> escrito sobre o livro *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (Barthes, 1984) juntamente com as cópias, em A3, de 3 das fotografias apresentadas nele;
  - 3 cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para as acadêmicas do curso de licenciatura em Pedagogia do Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023;
  - 3 cópias do cartão convite/agradecimento pela particip[Ação] na PesquisAteliÊ;
  - 1 garrafa com café;
  - 1 bandeja com bolachas de afeição da pesquisadora;
  - 4 canecas;
  - 1 adoçante líquido e 1 pote com açúcar;
  - pote com mexedores e guardanapos
- de apoio: os itens listados na imagem 19:

<sup>38</sup> Texto sobre o operador *punctum*, apresentado em *PesquisAteliÊ*.



**IMAGEM 19**

**Local:** CasAteliÊ.

**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

**Objetos sólidos:** filtro para café, pedra, flor e casca.

**Material:** caneta permanente preta fina.

Caxias do Sul, 2025.

2. Receba as professoras-participantes. Converse sobre a pesquisa, a particip[Ação] no AteliÊ e as implic[Ações] para a pesquisa.

3. Leia, esclareça e colete as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



1. Conte sobre a aproxim[Ação] da pesquisa com Roland Barthes e seu livro *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (1984). Apresente o livro e os conceitos que interessam à pesquisa.

2. Proponha o exercício de leitura e de escrita de *punctum* e *studium* das fotos extraídas do livro: *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (Barthes, 1984).

3. Apresente os quatro operadores da pesquisa cartográfica: texto literário, objetos sólidos, leitura pela escrita e escrita pela leitura por meio de [Ações] visuais e *punctum*.



1. Entregue e apresente o livro: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras* (Eliane Brum, 2017).

2. Apresente as [Ações] visuais da leitura pela escrita e da escrita pela leitura, do texto literário, materializadas pela pesquisadora.

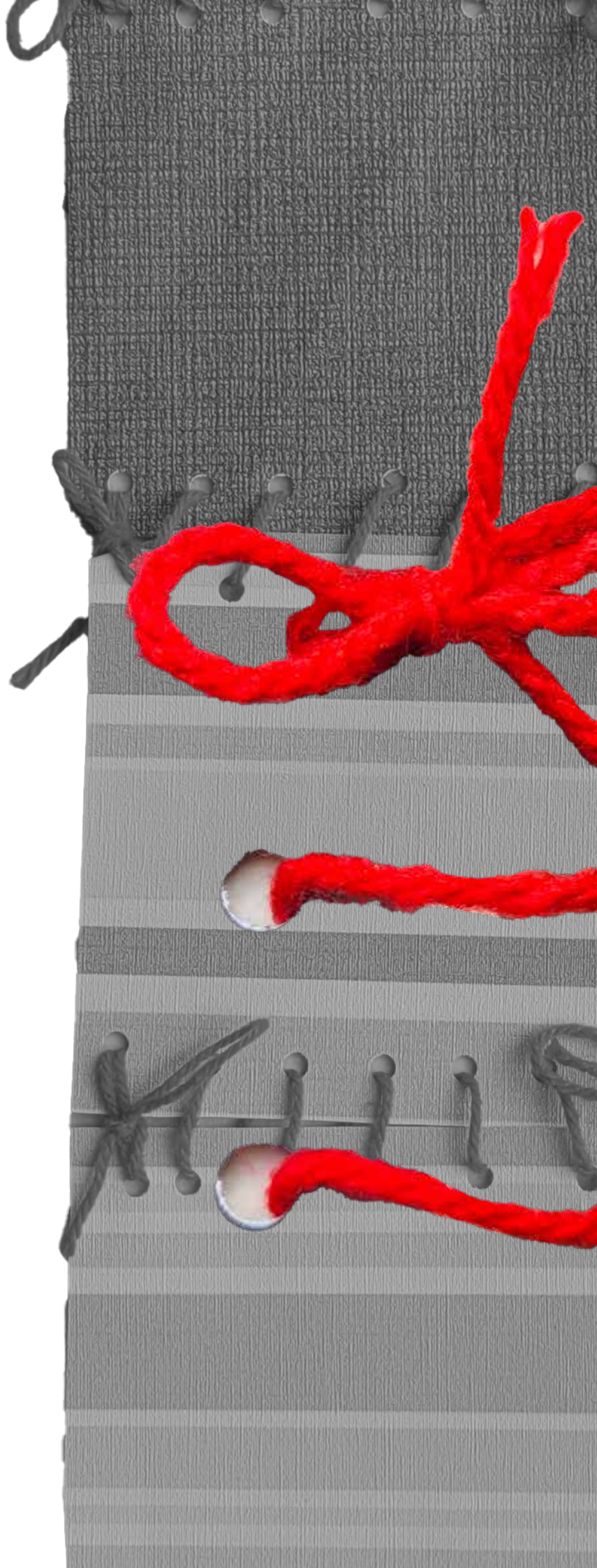
3. Leia de forma compartilhada as páginas 1 a 29 do livro.



1. Oriente a proposta das [Ações] visuais de leitura pela escrita e da escrita pela leitura com uso dos objetos sólidos e dos materiais.

2. Convide à socializ[Ação] das [Ações] visuais.

3. Realize os combinados para o próximo encontro.



**IMAGEM 20**

**Local:** Ateliê Parfor/UCS.

**Autora:** Professora-participante 1.

**Objetos sólidos:** retalhos de papel de parede, lã vermelha.

**Material:** perfurador.  
Caxias do Sul, 2025.



## *Da experiÊncia do modo de fazer 1*

Tenho um interesse vago pelos diferentes tamanhos, cores e texturas dos papéis de parede usados na[Ação] visual de leitura pela escrita e da escrita pela leitura da imagem 20, pois estão ali, já dados. Olho e vejo; não sou afetada, nem atravessada por eles. A lã vermelha tem a função de interligar os materiais, e isso também enxergo, está lá.

Afasto-me e, após um tempo, miro novamente... pego-me a pensar nos movimentos das mãos, fazendo os laços.

Isso me atravessa, me punge, me atrai, corta a leitura!  
Fico em vagância silenciosa...

O tempo cronológico é cessado; a lã vermelha e os laços levam até um estudante de psicologia, estagiário que supervisiono no Ateliê Prateado, que se emociona ao ensinar, com êxito, uma criança pequena a amarrar os cadarços de seus tênis. Ao perpetrá-lo, confronta com suas dificuldades íntimas de aprender a fazer o mesmo com seus próprios cadarços; com o quanto foi cobrado e sofreu por isso na infância... Conclui que consegue ensinar algo que julga jamais dar conta de fazê-lo.

## *Modo de fazer 2: As vogais antes dos sapatos*

1. Prepare antecipadamente o ambiente colocando sobre a mesa:

- mesa central:
  - forre a maior parte com papel *kraft* branco
  - deixe a epígrafe:

Arrisco-me a dizer que ele escolheu ali, quando recuperava a vida para descobrir que o pai havia perdido a sua, que existiria com verdade. E sua verdade habitaria a palavra escrita, forjando com ela outro destino. Só assim ele poderia preencher a ausência de um pai que morreu sem se inscrever como letra própria (Brum, 2017, p.65).

- 12 canetões de cores diferentes
- 1 volume do livro literário *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras*, Brum (2017), da pesquisadora;
- 1 volume do livro *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (Barthes, 1984);
- cópias em A3 de duas outras fotografias apresentadas no livro por Barthes (1984);
- 1 garrafa com café;
- 1 bolo de cenoura com chocolate;
- 4 canecas;
- 1 adoçante líquido e 1 pote com açúcar;
- pote com mexedores e guardanapos
- de apoio: os itens listados na imagem 19.

2. Receba as professoras-participantes e retome a conversa sobre a pesquisa, a particip[Ação] no AteliÉ e as implic[Ações] para a pesquisa.



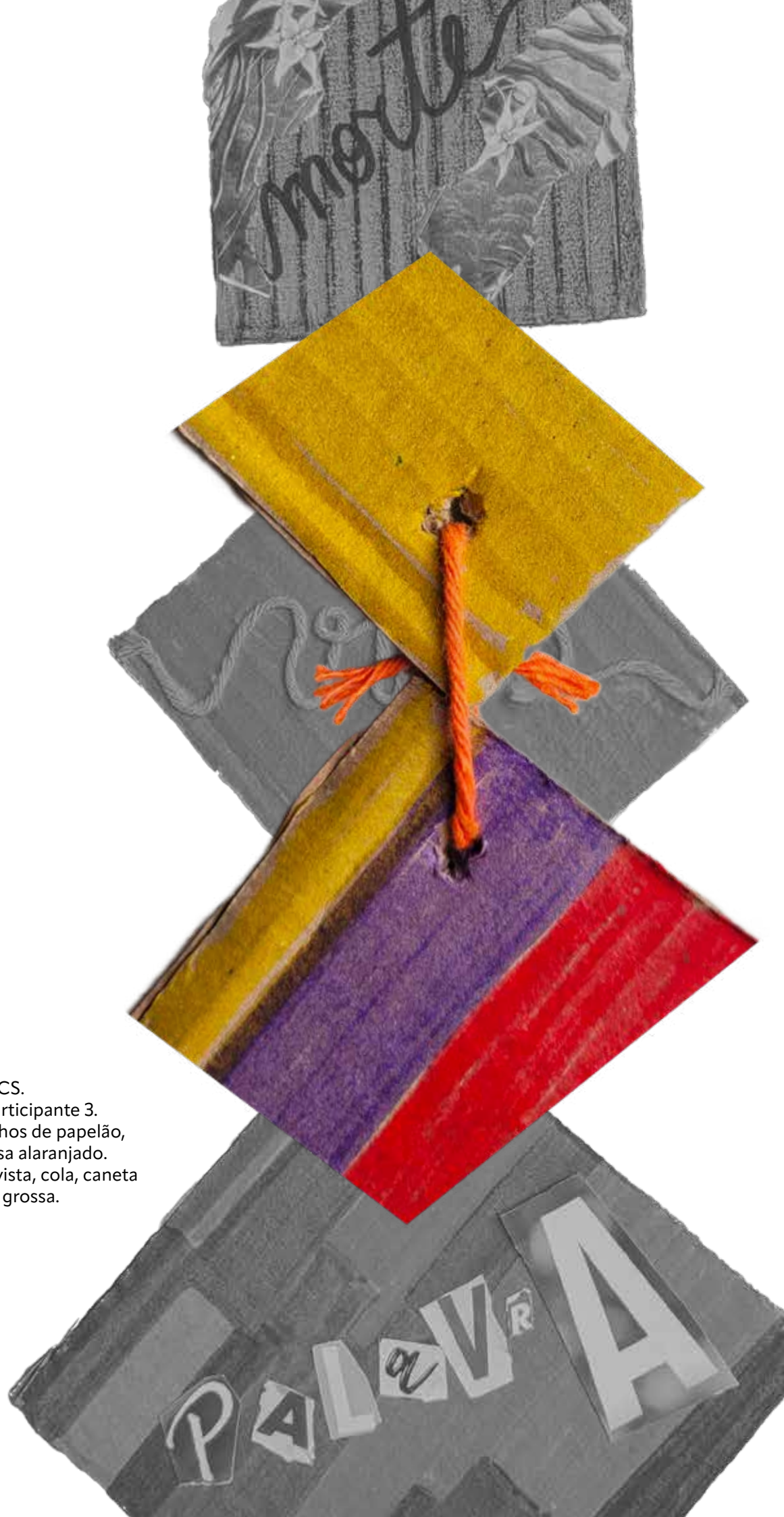
1. Retome a conversa sobre a aproxim[Ação] da pesquisa com Roland Barthes, do livro *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (1984) e os conceitos que interessam à pesquisa.
2. Proponha o exercício de leitura de *punctum* e *studium* das 2 outras fotos extraídas do livro: *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (Barthes, 1984).
3. Converse sobre os operadores do AteliÊ: texto literário, objetos sólidos, leitura pela escrita e escrita pela leitura por meio de [Ações] visuais e *punctum*.



1. Ouça os comentários das professoras-participantes sobre o livro: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras* (Brum, 2017).
2. Retome as [Ações] visuais da leitura pela escrita e da escrita pela leitura, do texto literário apresentado, materializadas pela pesquisadora antes do AteliÊ e pelas participantes no 1º encontro do AteliÊ.
3. Combine as possibilidades da leitura pela escrita e da escrita pela leitura sobre a mesa.
4. Leia, de forma compartilhada, as páginas 30 a 61 do livro.



1. Proponha a materializ[Ação] das [Ações] visuais de leitura pela escrita e da escrita pela leitura com uso dos objetos sólidos e dos materiais.
2. Proponha a socializ[Ação] das [Ações] visuais.
3. Realize os combinados para o próximo encontro.



**IMAGEM 21**

**Local:** AteliÊ Parfor/UCS.

**Autora:** Professora-participante 3.

**Objetos sólidos:** retalhos de papelão,  
linha de algodão grossa alaranjado.

**Materiais:** tesoura, revista, cola, caneta  
hidrográfica de ponta grossa.  
Caxias do Sul, 2025.

## *Da experiÊncia do modo de fazer 2*

O papelão, os recortes, a composição das letras, a escrita da palavra com caneta e com colagem de barbante são elementos que consigo identificar no pingente, enquanto *spectator*. A superfície do suporte da primeira placa do móbile é ondulado, não contém a folha lisa dos outros retângulos. Certamente sua extr[Ação] foi intencional.

Esses são os elementos das leituras de *studium*.

As leituras de *punctum* vagam por outras bandas... alcançam os bamboleios do corpo da professora-participante. Num primeiro plano, lidando com as diferentes texturas do papelão e pintando suas superfícies. Como seu corpo sente o aqui, o agora e isso de sua [Ação].

Sua rel[Ação] com as outras coisas que a cercam — ambiente, objetos sólidos, materiais, pessoas, tempo, espaço — se estabelece, pois, durante a experiment[Ação], tudo que está à volta do corpo é sentido por ele (Lapoujade, 2017).

Pondero... o 'aqui' (onde e como está seu corpo; os movimentos que faz); o 'agora' (como o corpo age); e o 'isso' (onde seu corpo toca).

Continuo pensando no 'aquilo' e no 'então' da experiment[Ação]; nas coisas de que a professora-participante não abre mão durante em seu processo de [Ação] visual de leitura pela escrita e da escrita pela leitura. Os objetos sólidos e os materiais que não usa. Os espaços que não ocupa.

Onde opta por não estar. O que o seu corpo não alcança e não experimenta.

Também busco o meu 'isso', 'aqui' e 'agora' das leituras de *punctum* que fazem parir o 'lá', o 'aquilo' e o 'então' da experiment[Ação].

E me pergunto: O que pode um corpo que vai se compondo por meio de experiment[Ações]? O quanto é limitado e dominado um corpo tomado pelo cansaço?

Sigo indagando...



**IMAGEM 22**

**Local:** AteliÉ Parfor/UCS.

**Autora:** Professora-participante 2

**Objeto sólido:** barbante bege.

**Materiais:** papel kraft natural, revista, tesoura, cola, canetinha de ponta grossa cinza, giz de cera de um tom de pele, giz estaca preto. Caxias do Sul, 2025.

A imagem 22 fala em silêncio. Manifesta uma superfície desejante.

As leituras de *punctum* situam-se na intensidade, no tempo, no noema isso-foi (Barthes, 1984). A professora-participante 2 materializa sua [Ação] de leitura naquele dia, naquela hora, naquelas circunstâncias.

O isso-é está materializado na fotografia da [Ação] de leitura que leio.

Se tal [Ação] de leitura fosse materializada hoje, não seria essa, seria outra. Mesmo com a igual escolha dos elementos e com a mesma composição, teria outros sentidos, outros contornos.

Então arrisco o isso-será que se situa em nunca uma leitura ser igual à outra, mesmo feita pela mesma pessoa, pois os mesmos signos flutuam, explodem, fazem outras conexões, tomam outros significados, de acordo com as séries de experiÊncias no intervalo do tempo.

As leituras de *punctum* da imagem 22 também provocam um extra-campo.



Penso na professora-participante 2.

Isso-foi, isso-é, isso-será.

Muitas coisas mudaram desde aquele dia em que compôs esta obra...

Novos acontecimentos

Novas experiÊncias

Corpo-geografias

Novas ramific[Ações]

Surge o **isso-e... e... e...**

Em sua casa-corpo, um novo ser **É** gerado.

## *Modo de fazer 3: A guria dos 7*

### 1. Prepare antecipadamente o ambiente:

- mesa central:
  - forre a maior parte com papel *kraft* branco
  - deixe a epígrafe:

Escrevo também para mantê-la viva. Ela me ensinou que os dentes do mundo estão sobre os nossos corpos. Muito mais no corpo dela do que no meu. Não há nada pior - nada - do que ser criança, menina e viver (e morrer) no desamparo. Em algum momento no qual nossos olhos se encontraram, eu compreendi que a guerra não era entre nós. Nunca havia sido entre nós (Brum, 2017, p.103).

- 1 volume do livro literário: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras*, Brum (2017), da pesquisadora;
- 1 garrafa com café;
- 1 bolo de aipim;
- 4 canecas;
- 1 adoçante líquido e 1 pote com açúcar;
- pote com mexedores e guardanapos
- de apoio: os itens listados na imagem 19.



1. Ouça os comentários das professoras-participantes sobre o livro *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras* (Brum, 2017).
2. Retome os operadores da PesquisAteliÊ: texto literário, objetos sólidos, leitura pela escrita e escrita pela leitura por meio de [Ações] visuais e *punctum*.
3. Converse sobre as [Ações] visuais da leitura pela escrita e da escrita pela leitura materializadas pelas participantes no 2º encontro do AteliÊ.
4. Provoque as professoras-participantes a lerem, de forma aleatória, os trechos ou capítulos do texto literário: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras* (Brum, 2017) que desejarem compartilhar com o grupo.

1. Proponha a materializ[Ação] das [Ações] visuais de leitura pela escrita e da escrita pela leitura com uso dos objetos sólidos e dos materiais.
2. Proponha a socializ[Ação] das [Ações] visuais.
3. Combine como os dados da PesquisAteliÊ serão compartilhados com as professoras-participantes.

### IMAGEM 23

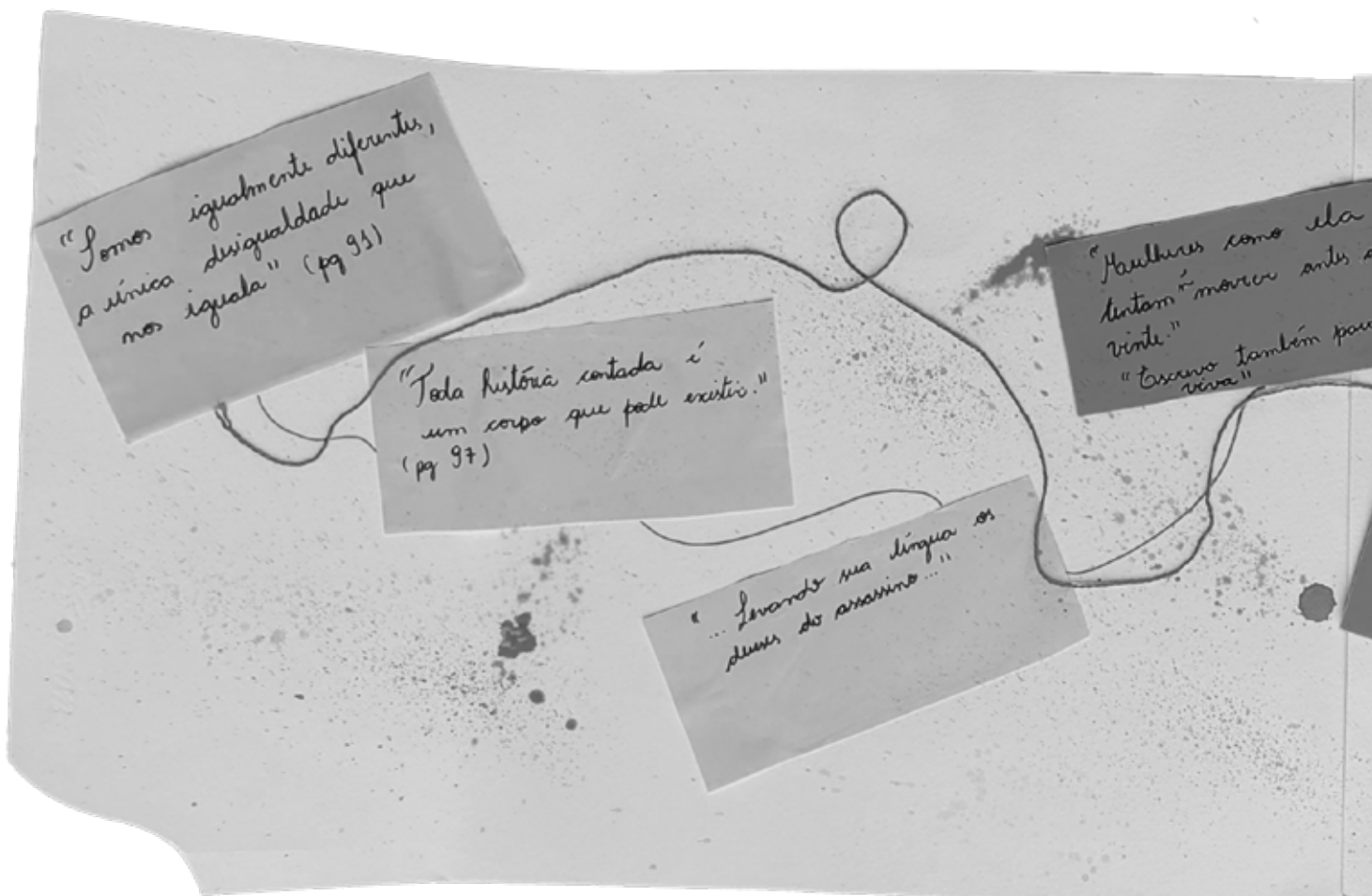
**Local:** AteliÊ Parfor/UCS.

**Autora:** Professora-participante 3.

**Objetos sólidos:** linha de algodão fina verde, linha acrílica grossa vermelha.

**Materiais:** Papel de cores néon, canetinha de ponta fina colorida, tinta aquarela, pincel, papel canson 300g/m<sup>2</sup>.

Caxias do Sul, 2025.



A [Ação] de leitura (imagem 23) é composta por 8 papéis de cores diferentes com escritas; 7 deles contêm cit[Ações] retiradas do texto lido no AteliÊ e, o último, há perguntas. A transcrição a seguir é feita conforme a escrita da professora-participante 3:

1. "Somos igualmente diferentes, a única desigualdade que nos iguala" (pg. 91)

2. "Toda história contada é um corpo que pode existir." (pg. 97)

3. "... Levando sua língua os deuses do assassino..."

4. "Mulheres como ela tentam ã morrer antes dos vinte. " "Escrevo também para mantê-la viva" (pág. 103)

5. "Senti como cada um tevasse tivesse levado o livro pra casa possuísse agora um pedaço de mim" pág. 140

6. "Não sou capaz de esconder sentimentos, o que faz de mim uma aleijada social" pág. 115

7- As palavras, que na minha infância tinham me dado um corpo, uma existência possível, dessa vez me roubaram tudo" pág 124

E depois...

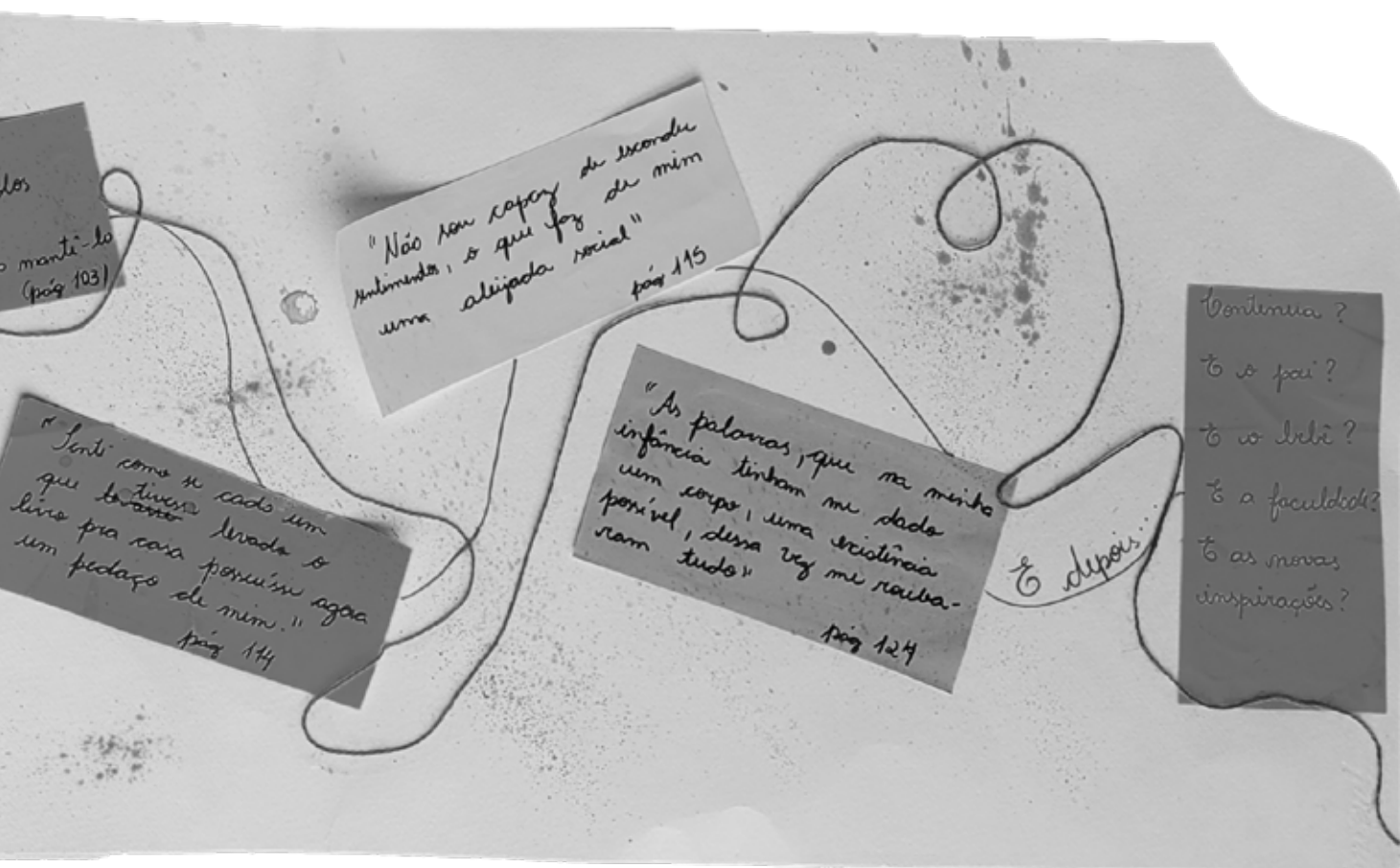
8- Continua?

E o pai?

E o bebê?

E a faculdade?

E as novas aspirações?



## *Da experiÊncia do modo de fazer 3*

A [Ação] de leitura da imagem 23 me prende, mas não consigo dizer o porquê.

A linha vermelha faz um movimento próximo à linha verde desenhada. Recordo que John, para encontrar os objetos com características peculiares, "passou a frequentar os lugares em que os cacos de porcelana mais proliferam, como as nesgas de chão que sobram entre as linhas de trem..." (Woolf, 2005, p. 139).

Tem provoc[Ação]. Mas não consigo situar... não consigo nomear... para Barthes (1984), isso é um bom sintoma.

A visão imediata da obra embaralha a linguagem. Mas, ainda estou no movimento de descrição. Ainda nas leituras de *studium*.

É água que ferve e fica gelada. Não funciona, mas incomoda.

Evoco de novo de Barthes (1984, p. 84): "A subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar em silêncio)."

Como John, que se

viu forçado a voltar a seus aposentos para improvisar uma argola de arame presa na ponta de uma vara com a qual, à força de grande habilidade e com muito cuidado, finalmente trouxe o pedaço de porcelana ao alcance das mãos. (Woolf, 2005, p. 139),

improvisado as próprias argolas, estas feitas de espera e silêncio.

Afasto.





**IMAGEM 24**

**Local:** Ateliê Parfor/UCS.

**Autora:** Professora-participante 3.

**Objetos sólidos:** linha de algodão fina verde, linha acrílica grossa vermelha.

**Materiais:** Papel de cores néon, canetinha de ponta fina colorida, tinta aquarela, pincel, papel canson 300g/m<sup>2</sup>.

Caxias do Sul, 2025.

Deixo a obra em latência, lavourando durante dias.

Pego-me matutando, fazendo ligaduras. A imagem 23 se espalha.

Finalmente consigo trazer o “pedaço de porcelana ao alcance das mãos.” (Woolf, 2005, p. 114). As folhas “neon” me transportam a uma experiência em um dos quintais<sup>39</sup> da Casa Ateliê.

A parede azul e o teto branco (já não tão azul e branco), estão tomados de *post-it* coloridos. Numa tarde de domingo ensolarada, as vozes das pessoas ecoam, juntamente com a da menina próxima a mim falando que já está pronta para colocar seu papel verde na parede.

O vento movimenta a sua alegria e a dos papéis, que a cada momento ganham novas companhias. O contorno bege das janelas começa a ganhar outras cores; parte do perímetro do rodapé frio de granitina também.

Meus olhos vagueiam e batem no desenho formado pelos pequenos e coloridos papéis na parede ondulada ao modo dos olhos de John quando “bateram num objeto extraordinário que jazia semiculto numa dessas bordaduras de grama” (Woolf, 2005, p. 113). John vê “um caco de porcelana de forma bem singular” (Woolf, 2005, p. 114); eu vejo o desenho do Guaíba quando estou perto de pousar em Porto Alegre, retornando da casa da minha mãe.

John decide ter aquela porcelana. Eu decido vagar por aquela outra sala da videoarte. O Guaíba conta as transform[Ações] que viu ocorrer à sua volta e o quanto vem sofrendo ao longo dos anos com as [Ações] e com as ocup[Ações] dos seres racionais.

- Eu avisei da outra vez [em 1941] que já não estou mais dando conta de me conter, estou doente e preciso de tratamentos intensivos, ninguém me escuta...

E, continua:

<sup>39</sup> Espaços de “nutrição estética” que a pesquisadora visita com certa frequência. Outros exemplos: sebos, museus, cinema, livrarias, shows musicais, diferentes cidades, áreas naturais... Neste caso: Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre-RS.

- Nos últimos 83 anos, tenho usado todas as minhas forças para não causar mal a ninguém e só tenho recebido mais e mais agressões.

Sobre o que aconteceu em 2024, diz:

- Sou obrigado a colocar para fora aquilo que não cabe mais no meu espaço, aquilo que me invade, já que não tenho espaço para ser eu próprio. Jacuí, Sinos, Caí, Gravataí e os arroios à minha volta chegam até mim com muita intensidade e numa velocidade diferente. Meu espaço é pouco, ao redor de mim está tudo ocupado. Então, não tenho muita escolha, nem força suficiente para conter-me.

Lamento por tudo!

É, o Guaíba também é água que ferve e fica gelada, como fica gelada. Incomoda e muito!

Suas marcas e pedidos de socorro pela cidade são vistos corriqueiramente.

## *Irrompências em notas*

Ao longo dos encontros do AteliÊ Parfor/UCS, vários registros de bloco de notas são feitos, no exercício de documentar o que “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39) e o que atravessa o “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39). Em um dos movimentos de experiment[Ação] da PesquisAteliÊ, surgem [Ações] de leitura pela escrita e de escrita pela leitura que impulsionam a materializ[Ação] de novas leituras e escritas de acontecimentos no AteliÊ. A matéria dessa experiment[Ação] compõe as *Irrompências em notas* de leituras de *punctum* da pesquisadora.



Demandas para fechar do 1º semestre de 2025, leituras pendentes, trabalhos acadêmicos por finalizar, estágios sendo realizados, avaliações à vista, relatórios por escrever, aulas a serem dadas e assistidas, estudos e escritas a avançarem (pois estão sempre atrasados), vidas pessoais a serem administradas...

Mesmo tomadas pelo jogo da macropolítica, que aposta no roubo do tempo e no aprisionamento da potência de vida, via alegria, pela intensificação do cansaço, do aumento das demandas pendentes, do reforço da culpa e por sempre estar (se) devendo ‘algos’, continua-se. Além da naturalização do *modus operandi mulher-máquina-forte-professora-que-tem-que-dar-de-tudo-e-de-todos-e-que-nem-consegue-olhar-para-si-direito*, que domina a ‘sujeita’ (que tem quase nenhum tempo e energia para pensar) e consegue facilmente neutralizar sua capacidade de reflexão e posicionamento diante de cenas, contextos e discursos... apenas (sobre)viver, lutar para não adoecer, (re)produzir, adoecer, (re)produzir, tomar remédio, (re)produzir... indignar-se...

As quatro mulheres-professoras<sup>40</sup> fazem resistência. AteliÊrizam-se pelas [Ações] de leituras.

[R - E - S - P - I - R - O]

<sup>40</sup> As três professoras-participantes do AteliÊ Parfor/UCS e a pesquisadora.



Compromisso assumido

(Em quais condições, deixo cada um tirar suas conclusões)

Aos poucos, presença

Leituras e acontecimentos sem preocupações e libertos de forma

Encontros com as outras, com os textos, consigo, com o agora

Misturas de intensidades

Corpos afetados, emoções em alerta

Risos, sorrisos, choros

Ler para fazer vazar a vida

Novas línguas do pensamento

Manifest[Ações] de mais encontros



As leituras de *studium* e as leituras de *punctum* co-habitam a imagem 20. Nenhuma análise é necessária para que a leitura de *punctum* salte; pois não está dada anteriormente. Posso até não fazê-la, caso não seja tocada por nenhum dos elementos da [Ação] visual. Ela pode apenas gritar, num primeiro momento. Mas, fere, forma um campo cego, uma força de expansão (Barthes, 1984).



O objeto sólido lã vermelha e a forma como foi usado (imagem 20) geram fluxos e intensidades de afectos e perfectos, ganham vida além da imagem, provocam o jogo com outros signos e levam para outros tempos, por meio do presente especioso, conectando-se a diferentes linhas de experiências que se relacionam formando um *patchwork* de emoções e saudades que arrastam o pensamento a um tempo muito, muito bonito.



Algumas [Ações] de leituras do AteliÊ Parfor/UCS trabalham e afectam-me de maneira singular. São textos com múltiplas entradas e saídas, que possibilitam, a princípio, três exercícios de leitura: fruir-derivar, fruir-fruir e fruir-subverter. Os objetos sólidos, as (com)posições e as suturas de rel[Ações] que estabeleço permitem aproximar, afastar, escarafunchar, ao modo de John, "sob densos emaranhamentos" (Woolf, 2005, p. 115), outros arranjos. Nessa trama, há um constante deslocamento do sujeito do discurso; cada [Ação] fala por si mesma, diz muito sem falar, ainda que nada tenha que dizer.

Também tento enunciar...



[Ação] visual de leituras, território de possibilidades de haver outros modos de ... sentir

... ler

... agir

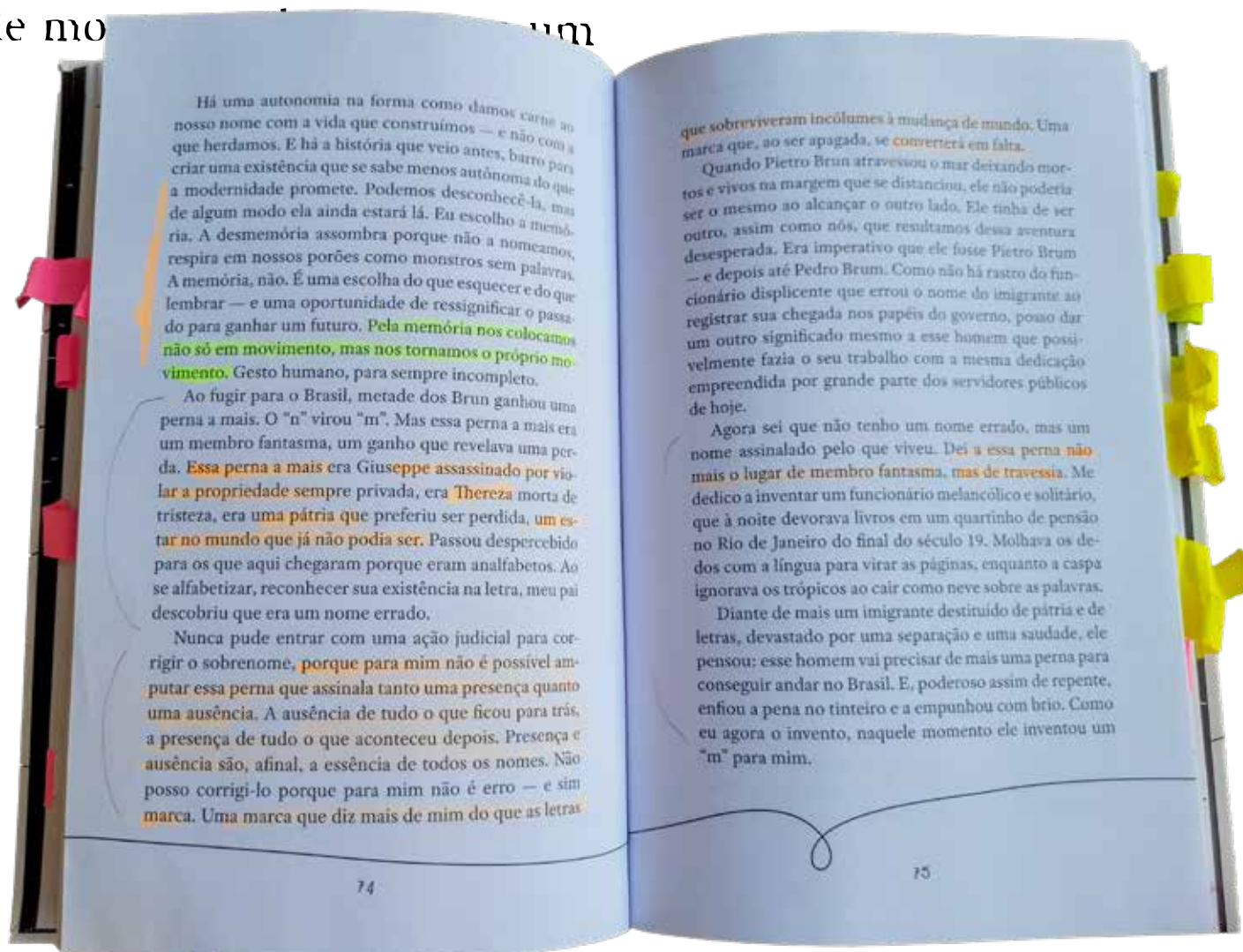
... fazer

... es(x)cre-ver (-se)



O movimento de experiment[Ação] de [Ação] visual de leituras carrega uma forma diferenciada de estar com o texto. Dos objetos sólidos e dos materiais disponíveis às escolhas; da [Ação] à materializ[Ação] da experiÊncia, acontecimentos que provocam constante de fluxo de vida, de pensamento. Corpo em [Ação], sentidos atentos navegam num desmesurável campo de possibilidades, pois nada está dado, há que se fazer escolhas, tramar rel[Ações] e lidar com o vazio. Autoria. Desvio. Prevaric[Ação] da língua, de outras contingências de linguagens e de sentidos.

E, poderoso assim de repente, a empunhou com brio. Como ele mo



que sobreviveram incólumes à mudança de mundo. Uma marca que, ao ser apagada, se convertera em falta.

Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. Ele tinha de ser outro, assim como nós, que resultamos dessa aventura desesperada. Era imperativo que ele fosse Pietro Brum — e depois até Pedro Brum. Como não há rastro do fun-



Fazer escolhas e criar rel[Ações] entre os diferentes objetos sólidos (retalhos de papel de parede de diferentes tamanhos e cores; linhas e lãs de cores, espessuras e materiais diversificados; tecidos de mostruário de tapeçaria e retalhos de tecidos de várias texturas e cores, pedras, sementes, agulhas, caixas de papelão, fitas de cetim, jornal, revista, botões, miçangas, cordões de sisal, argila, carvão, plástico bolha, plástico liso, flores, pinhas, pedaços de madeira, gesso, palhas, galhos e alfinetes) e materiais (lápiz e canetinhas de diferentes cores e espessuras; tesoura; cola; papéis de diversas texturas; revistas; giz estaca preto e vermelho; giz de cera tons de pele e de outras cores diversas; tinta guache de cores variadas e aquarela; pincéis; perfurador; régua e caneta preta marcadora fina e grossa) para materializar as [Ações] de leituras.

Para dizer o que se deseja dizer, com o que se tem disponível para dizer (pois nem sempre o que ali está é o que se almeja que esteja para conseguir dizer o que se deseja), é necessário transitar entre as bordas do saber e do não-saber e nas bordas do poder e do não-poder, do possível e do impossível, do lógico e do ilógico (Kohan, 2007). Então, subverter, irromper, migrar, tensionar sentidos, dar outros usos, imprevisíveis (com) [os] possíveis!



Mergulhos nos processos de tentativas de extr[Ação] e de [Ação] visual das leituras *punctum*: temporalidade da intensidade do tempo da vida humana; não numerável (Kohan, 2007).



Ao invés dos sujeitos, as falas são das [Ações] visuais de leituras. Ostentam-se redes de rel[Ações] crivadas com o silêncio, com as experiências de vida, com o livro lido. E... e... e... Encontros com tempos, corpos, objetos sólidos, matérias possíveis, impensados. Obras abertas. Seus sentidos clamam, invocam o improvável.



Os acontecimentos do AteliÊ proporcionam novas experiÊncias por movimentarem as forças do pensamento, tensionarem o experimentado, desequilibrarem certezas, provocarem a [Ação] de novas rel[Ações] entre diferentes matérias, por meio da desestabiliz[Ação], experiment[Ação] e a ampli[Ação] do repertório de signos.



Elas materializam e subvertem as linhas de força do discurso, compõem mapas, criam geografias, derivam, questionam e desassossegam o funcionamento posto tanto do texto lido quanto dos discursos orais que circulam nos ambientes de form[Ação] de professoras, permitindo a vida passar nos escapes da padroniz[Ação] e da didatiz[Ação] da leitura e potencializando o que pode um encontro durante o AteliÊ Parfor/UCS.



[1 x (pesquisadora + 3 professoras-participantes)] + (Serra gaúcha x frio intenso de inverno)<sup>2</sup> + 2x (4h da manhã) + (2<sup>2</sup>h x 3 sábados) + (Café + Bolachas + Bolos) = AteliÊ Parfor/UCS movimenta a CasAteliÊ pela PesquisAteliÊ



Esparramam-se em textos, fazem conexões, criam novas ramific[Ações] e perspectivas de leituras, usam linhas flexíveis, ousam pequenos desvios, furam os discursos circulantes em movimentos de autoria.

Elas ocupam os espaços, criam entres e outros; espalham, recolhem; falam, silenciam; testam, descobrem; fazem escolhas, pesquisam; agem com autoridade sobre a superfície, deixam marcas de pensamentos; criam interlocuções entre textos e saberes-poderes. Pelo acontecimento e pelas rel[Ações] de se ler-pesquisar-criar-autoria, a vida se faz.



As professoras-participantes e a pesquisadora são professoras-pesquisadoras que leem juntas em voz alta, pensam e provocam umas às outras. Vacilam, criam, buscam caminhos, ampliam repertórios, significam, manifestam modos únicos de ser, pensar, fazer e se fortalecem na cadência do Ateliê Parfor/UCS.

Juntas, abrem muitos outros tantos possíveis de form[Ação] de professoras-pesquisadoras pela ética, que aposta na leitura literária, nos encontros, no pensamento, na descentraliz[Ação] da palavra, do saber e do poder, no reconhecimento da força individual e no valor do coletivo, na construção e manutenção de um bem-comum, além da experiênciA pelos processos de experiment[Ação].



Ao se experienciar, transform[Ações] ocorrem com os objetos sólidos e, "ao mesmo tempo, como indivíduo que realiza esse fazer." (Spanhol; Matos, 2024, p. 750) remetendo à multiplicidade. Na experiment[Ação] de leituras por meio da [Ação] visual, tudo se movimenta: aprendizagens, sens[Ações], conceitos, afecções, corpos. É preciso estar, embatucar, jogar com os signos, desmanchar, fazer de novo, buscar outros caminhos. Enfim, experimentar e pensar.



De forma efêmera, a busca pela extr[Ação], cri[Ação] e materializ[Ação] das leituras por meio da [Ação] visual arrastam novos modos de sentir, pensar, fazer e manifestar a vida, via potência de agir pela alegria. Em movimento de AteliÊ, é preciso ser presença desejante para fazer escolhas e combin[Ações], para criar rel[Ações], para colocar-se em [Ação] e em experiment[Ação] estressando os sentidos e significados prontos, buscando caminhos novos para resolver os problemas criados. Também, por isso, suas aprendizagens são insuspeitas, transvazam de qualquer forma de controle.



Busca por significados próprios e múltiplos de leituras

Criar

Experienciar

Misturar

Resgatar o único pelas possibilidades de novas rel[Ações]

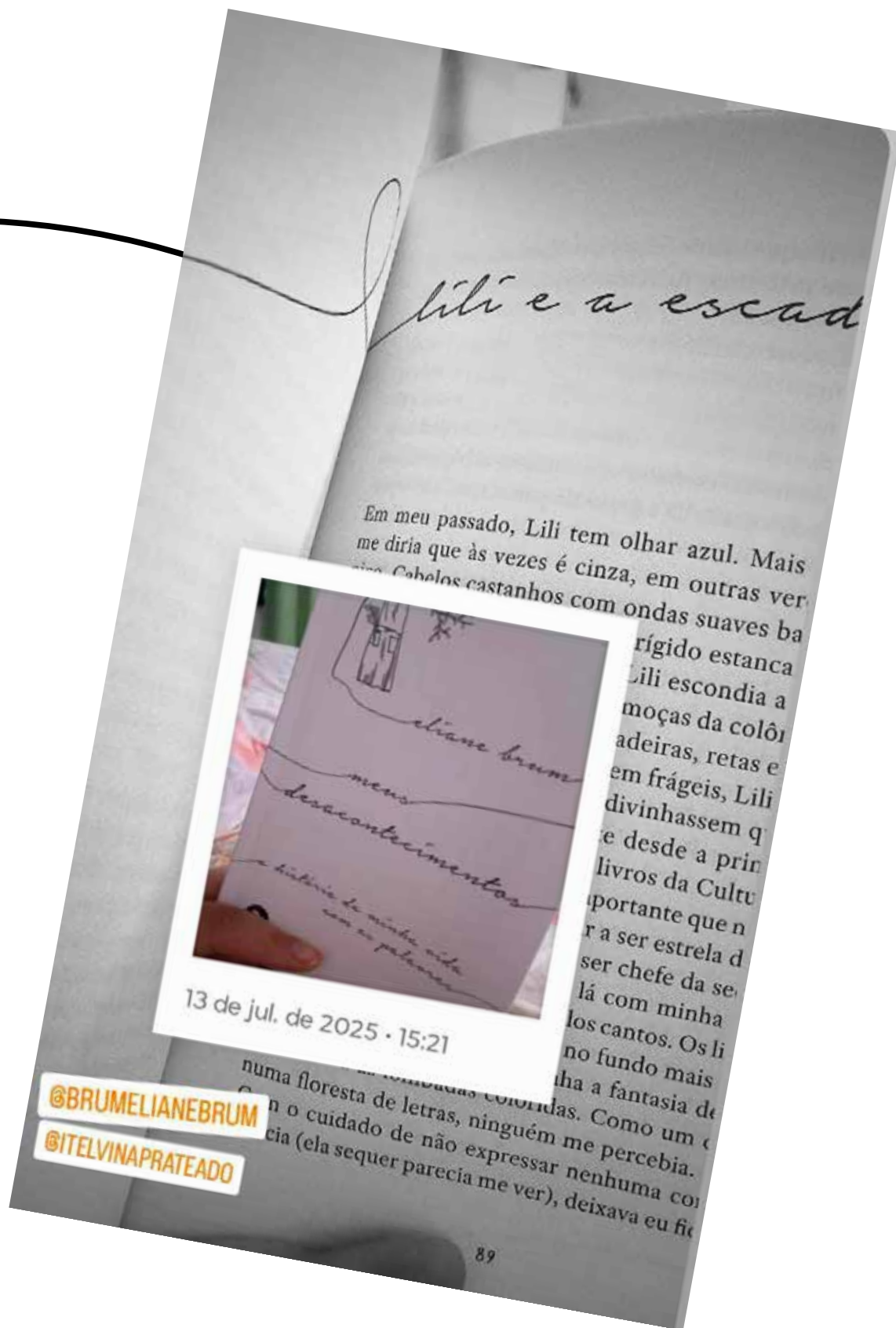
Objetos sólidos

Falas

Afectos

Textos

que circulam nos ambientes-corpos; encontros-acontecimentos (Lapoujade, 2017).



**IMAGEM 26**

**Local:** AteliÊ Parfor/UCS.

**Autora:** Professora-participante 3

**Materiais:** postagem em rede social, feita de forma espontânea.  
Caxias do Sul, 2025.

Os minúsculos continuam a ressoar em diferentes territórios. Reverberam em lugares impensados. Estar ao lado. Estar junto e só. Ler e ler e ler.



Os movimentos das professoras-participantes me sujam de uma sujeira multiplicante<sup>41</sup>, pela beleza daquilo que é do único e da multiplicidade, das possibilidades dos desvios que fogem das representações e dos valores universais. Caminhos errantes. Sensibilidade suspeita. Curiosidade. Essa sujeira coloca em rel[Ação] um conjunto de saberes-poderes vacilantes, que se misturam com os territórios moventes das linhas de leituras pela [Ação].



Emaranhar-se em frases, palavras, páginas, pensamentos. Conectar-se com o texto literário, ficar em presença e no agora, também derivar em fruição e na experiência de ler juntas e em voz alta. Corpos entregues às leituras e às escritas. Experimentar outras novas rel[Ações] materiais e imateriais com o texto literário.

<sup>41</sup> "As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras" (Deleuze; Guattari, 1995, p.16).

Nos momentos de revisão (1) das leituras literárias; (2) das notas feitas durante os Ateliês e (3) de estudos, a pesquisadora faz uma coleção de paráfrases, a partir dos movimentos das professoras-participantes no decorrer de suas [Ações] de leituras.

As paráfrases estão registradas nas imagens 27, 28 e 29, que precisam ser lidas de maneira convencional.

## Ajuntamento de paráfrases

- Há [Ações] de leituras que precisam ser inventadas para serem contadas (Brum, 2017).
- Nos tornamos o próprio movimento de uma [Ação] de leitura (Brum, 2017).
- [Ação] de leitura carrega para dentro (Brum, 2017).
- As [Ações] de leituras que não criamos são ausências no mundo (Brum, 2017).

**IMAGEM 27****Local:** CasAteliÊ.**Autora:** Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.**Materiais:** Caneta esferográfica, caderno.

Caxias do Sul, 2025

- Experimentar [Ações] de leituras para enganar a morte (Brum, 2017).
- Dar vida e permanência (flutuante) pelas [Ações] de leituras (Brum, 2017).
- [Ação] de leitura, território de liberdade (Brum, 2017).
- As [Ações] de leituras existem e forjam marcas que atravessam o tempo (Brum, 2017).
- Acolho a vida e transformo em narrativas de [Ações] de leituras (Brum, 2017).

• materializo [Ações] de leituras e descubro qual é o meu corpo (Bum, 2017).

• Todas [Ações] de leituras criadas são um corpo que se faz existir (Bum, 2017).

• Nada era tão sólido, tão rijo [...] quanto as [Ações] de leituras (Woolf, 2005).

• "Bem que poderia ter sido qualquer outra dos milhões de [Ações] de leituras, mas fui eu, eu, eu!" (Woolf, 2005).

• (...) o fato é que a [Ação] de leitura encontrou seu lugar (Woolf, 2005).

- Habitua-se ele a andar com os olhos nas [Ações] de leitura (Woolf, 2005).
- Uma [Ação] de leitura é vida da, o mundo torna a co-  
meçar (Rosa, 2019).
- [Ação] visual de leitura é mi-  
sera experi<sup>ência</sup> de morte  
(Barthes, 1984) do texto lido. É  
voz de fazer nascimentos (Bar-  
ros, 2015).
- Retrato de artista quan-  
do coisa: [Ação] de leitu-  
ra (Barros, 2015).
- As [Ações] de leituras me te-  
rapeutam (Barros, 2015).

• minha voz tem o vício  
de [Ações] de leituras (Barros,  
2015).

• Eu escuto a cor da  
[Ação] de leitura (Barros,  
2015).

• A [Ação] de leitura é van-  
tes de tudo um inútil insi-  
lido (Barros, 2015).

• A poesia está guardada em  
uma [Ação] de leitura (Bar-  
ros, 2015).

• As [Ações] de leituras me  
praticam (Barros, 2015).

• Sou livre para as [Ações] de  
leituras (Barros, 2015).

- Já emerge o cheiro das [Ações] de leitura (Barros, 2015).
- É preciso deformar as [Ações] de leituras (Barros, 2015).

## SILÊNCIO

para que tantas ou-  
tras leituras possam  
ser ouvidas

Deprecium  
maior  
et vivos  
cor po  
fieri  
reperderunt  
rescutas  
legodasletr

# Apontamentos de vagância

# Apontamentos de vagância

A CasAteliÊ já se prepara para fazer novas paragens e movimentos de experiment[Ações] de leituras e de AteliÊs em outros espaços de pesquisa, como em sala de aula, em processos de gestão escolar e de form[Ação] de professoras. Ela segue mais forte e consistente, pois a experiÊncia no Mestrado em Educ[Ação] qualifica-a significativamente junto aos estudos sobre experiÊncia pela experiment[Ação], ao agregar o *punctum* e a leitura de *punctum* aos operadores de seus AteliÊs, assim como os objetos sólidos ao operador referente aos materiais ofertados em suas [Ações].

Antes de deslocar-se, a PesquisAteliÊ retorna ao problema de pesquisa e ao seu objetivo geral, para afirmar que:

— os objetos sólidos causam estranhamentos, estabelecem outros modos de o sujeito se relacionar com a leitura e a escrita e potencializam a moviment[Ação] de pensamento pela composição de sentidos via [Ação] visual, como nas imagens 7, 16 e 20;

— o texto literário provoca o aumento da potência de vida em meio aos “entres” do “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39) que se manifestam pela [Ação] de escreiturar-se (Matos, 2024c), conforme as imagens 6 e 9;

— os movimentos de leituras provocados pelo AteliÊ Parfor/UCS reverberam no *continuum* da ExperiÊncia (Lapoujade, 2017). Há a manutenção do fluxo de presente especioso e do pensamento em outros espaços, além do AteliÊ, como visto nas imagens 25, 26 e 30; e

— os estudos sobre o *punctum* e suas experiment[Ações] ampliam o repertório e vibram próximas às leituras das professoras-participantes, mas não garantem que façam a extr[Ação] de *punctum* das leituras, nem que ele esteja presente em todas as [Ações] visuais produzidas no AteliÊ Parfor/UCS.

Por ser uma pesquisa cartográfica, os resultados da PesquisAteliÊ não estão garantidos ou dados de antemão, pois “[...] nada está assegurado a priori, uma vez que as linhas se compõem de modo rizomático, levando-nos a regiões imprevisíveis.” (Costa, 2020, p. 19). Os acontecimentos de pes-

quisa se dão de formas inesperadas, pois se constituem nas vibrações da vida, fazendo-se, o que exige da pesquisadora

um pouco de coragem diante do que vem (na sua intensidade, tempo e forma), um pouco de prudência (para que as linhas de fuga não se tornem linhas de destruição) e um tanto de sensibilidade (para que consigamos acessar um pouco das múltiplas coisas que nos atravessam ao longo de todo percurso de uma pesquisa) (Costa, 2020, p. 29),

além da confiança na trajetória e nos estudos sobre os acontecimentos dos três (3) encontros do Ateliê Parfor/UCS, em que as professoras-participantes e a pesquisadora leem juntas textos literários e estudam o conceito de *punctum* (Barthes, 1984). São ainda provocadas a extraírem o *punctum* das leituras e a materializarem a leitura pela escrita e a escrita pela leitura por meio da [Ação] visual, usando objetos sólidos e materiais disponibilizados.

Enquanto cartógrafa, ao invés de “coletar verdades”, abro “caminho para os fluxos”, ao modo de John que “começou a meter seus dedos na areia cada vez mais fundo” e lembrou-se que “depois de cavar um pouco, a água escorre pelas pontas dos dedos; o buraco então se torna um fosso; um poço; uma nascente, um canal secreto para o mar.” (Woolf, 2005, p. 112). Meus dedos alcançam onde “a verdade gagueja”, pois acredito que, na “cartografia, a queda é muito bem-vinda. Afinal, só tropeçamos quando nosso pé se encontra com algo”. (Costa, 2014, p. 75). Ao colocar meus dedos nas matérias do Ateliê Parfor/UCS e fazê-las tropeçar no *punctum* (Barthes, 1984), sou atraída pela possibilidade das “invencionáticas” (Barros, 2015) que vibram das leituras de *punctum*. Assim, realizo experiment[ações] de leituras de *punctum*<sup>42</sup> nas fraturas do “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39) das [ações] visuais materializadas pelas professoras-participantes durante os encontros do Ateliê Parfor/UCS (imagens 20, 21, 22 e 24).

Ao fazer funcionar os quatro (4) operadores da PesquisAteliê (leitura literária, objetos sólidos, leitura pela escrita e escrita pela leitura por meio

<sup>42</sup> As leituras de *punctum* citadas estão nos subtítulos *Da experiênciã do modo de fazer 1*, *Da experiênciã do modo de fazer 2* e *Da experiênciã do modo de fazer 3* de *3 modos de fazer*.

da [Ação] visual e *punctum*) durante o Ateliê Parfor/UCS e ao dar fluxo às produções de [Ação] de leitura das professoras-participantes, extraindo e realizando leituras de *punctum*, a pesquisa atende ao objetivo geral de cartografar, no Ateliê, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023 e responde à pergunta investigativa: Como cartografar, no Ateliê, as [Ações] de leituras das acadêmicas de Pedagogia/Parfor/UCS/Caxias do Sul-RS/2023?

O Ateliê Parfor/UCS, que é realizado nos meses de junho e julho de 2025, recebe sua aprovação pelo Comitê de Ética em maio de 2025, depois do trâmite legal do processo e do cumprimento de duas (2) exigências específicas. Na sequência, é feito o alinhamento de três (3) datas que todas as professoras-participantes estão disponíveis para participar do Ateliê, já que estão envolvidas em várias atividades profissionais e acadêmicas de finaliz[Ação] de semestre.

A PesquisAteliê aproxima-se do curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica da Universidade de Caxias do Sul por acreditar que sua operacionaliz[Ação] funciona como potencializadora de [Ações], ideias e pensamentos, via experiment[Ações] com textos de forma prática, que estão conectadas às suas consequências, o que impulsiona os estudos a novas [Ações], ideias e pensamentos. Tal movimento deixa como contribuição uma form[Ação] de professoras que investe em afirmar a vida em meio às leituras (Corazza, 2011b; Matos; Schuller; Corazza, 2015, 2021) e também fomenta a form[Ação] de professoras pela experiênci[Ação] com leitura e escrita de texto literário.

Atenta ao pensamento de Lapoujade (2017, p. 105) de que a crença nos faz acreditar, “na maior parte das vezes, naquilo em que os outros acreditam, ou naquilo que um Estado quer que acreditem - quando o signo se torna signo de poder”, bem como a Barthes (1978) que é cartográfico em afirmar que a língua serve ao poder (e por este motivo é preciso travar um combate e subvertê-la em seu interior), a PesquisAteliê reconhece o risco de retroalimentar, via discursos e práticas pedagógicas, as crenças que diminuem a [Ação] e o pensamento, empobrecendo as experiênci[Ações] na form[Ação] acadêmica de professoras e aprisionando suas leituras e escritas. Por isso, sua trama funciona como linha de fuga (Costa, 2020) para aumen-

tar a potência da [Ação] leitora de cada participante, por meio das experiment[Ações] de leituras no AteliÊ Parfor/UCS.

Enquanto as experiment[Ações] com o textos estão se fazendo, elas são capturadas e tornam-se encontros com/de/para as participantes do AteliÊ Parfor/UCS. Esses encontros entram em rel[Ação] com uma gigante teia de outras experiÊncias que determinam as [Ações] e fazem agir mesmo sem saber-poder o que efetivamente há de acontecer. Quando se experimenta, criam-se rel[Ações], mobilizam-se ideias, aumenta-se a potência de [Ação], de pensamento e de vida (Lapoujade, 2017).

O texto literário, os objetos sólidos e o *punctum* são as matérias iniciais a serem manipuladas pelas participantes do AteliÊ Parfor/UCS. Como têm sentidos cambaleantes e provisórios, provocam o desvio das formas didatizadas de leitura e de escrita. Pelas experiment[Ações] de leituras, convocam à [Ação] de manipula[Ação] de novas matérias, como saberes-poderes e histórias de vida, junto às matérias iniciais e fazem vibrar suas linhas do “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39).

As digitais das professoras-participantes impregnam as matérias-texto e também ganham novas composições de linhas pelas rel[Ações] instauradas com os canais de polissemia, que sustentam a [Ação] de escarafunchar pelos “entres” dos sentidos, o que pode levar à fruição e à fabul[Ação], ou seja, ao desvio do ordinário. Por vezes, os vividos, os sentidos e os pensamentos ficam materializados nas [Ações] visuais, que também assumem sentidos cambaleantes e provisórios.

Esse processo faz escorrer pelo AteliÊ uma multiplicidade de [Ações], ideias e pensamentos que liberam o fluxo de vida e de forças vitais (aprisionadas pelo sistema educacional sobre o que é o ato de leitura e escrita), como sensações e conceitos que “são pedaços de experiência condensada. Eles consolidam as percepções, incorporando-as à massa das aquisições anteriores, e formam, assim, unidades de consistência.” (Lapoujade, 2017, p.77) que se conectam com outras unidades de consistências no *continuum* da experiment[Ação], ou seja, no presente especioso, no espaço e no pensamento (Lapoujade, 2017), porque a

experiência em si mesma [...] pode crescer a partir de suas bordas. Que um momento dela prolifera no próximo por transições que, conjuntivas ou disjuntivas, continuam o tecido experiencial (...), a vida está nas transições assim como nos termos conectados. (Lapoujade, 2017, 76).

Tal movimento dá condições e possibilidades para que as professoras-participantes desbravem novas terras, novas línguas, novos mundos e traçam novas geografias pela leitura que escreve e pela escrita que lê.

A PesquisAteliÊ afirma que o AteliÊ Parfor/UCS é espaço de experiÊncia pela experiment[Ação] de leituras, pois seus movimentos forçam e desestabilizam o pensamento por meio da [Ação] de escreiturar-se (Matos, 2024c). Ele instaura a possibilidade da liber[Ação] do “texto-vida, pelo movimento” (Matos, 2024c, p. 3) das escreituras por meio das [Ações] visuais; “texto vida-leitura-escrita-viva” (Matos, 2024c, p. 5), que libera os fluxos e intensidades para “fazer nascimentos” (Barros, 2005) de modos de vida.

As experiment[Ações] do AteliÊ permitem escapar a singularidade e o diferente na rel[Ação] com a leitura e a escrita, por esgarçar o dito e não dito e por estabelecer outros provisórios e cambaleantes sentidos. Dessa maneira, a PesquisAteliÊ reafirma seu combate contra toda forma de aprisionamento do pensamento, ou seja, de institucionalização da leitura e da escrita.

Muitas das “ [...] coisas que nos atravessam ao longo de todo percurso” (Costa, 2020, p. 29) da pesquisa são mostradas nesta dissert[Ação]. Sobre os operadores da PesquisAteliÊ, é importante dizer que a experiÊncia da CasAteliÊ permitiu o verbo “pegar delírio” (Barros, 2015) durante a definição dos caminhos práticos que a pesquisa trilha. Arrastar o texto literário, os materiais e a leitura pela escrita e a escrita por meio [Ação] visual das experiment[Ações] de seus AteliÊs, embora permita certa familiaridade com seus territórios, instaura a exigência de qualificá-los teoricamente com articul[Ações] entre autores e sua prática antes da pesquisa.

Para estruturar a pesquisa, pratico “o ato de escreiturar-se” (Matos, 2024c, p. 3), busco escutar “a cor dos passarinhos” (Barros, 2005), fico à espreita das ope[Ações] dos pensamentos no decorrer dos estudos e das experiment[Ações] de escreituras na cata por matérias que saltam e pelo ainda não pensado na pesquisa. Por isso, ocorrem vários encontros com

a professora orientadora, com textos e com objetos diversificados.

Um desses encontros acontece com o conto *Objetos Sólidos* (Woolf, 2005), que instaura tantos outros encontros com suas cenas ao longo desta escrita, dentre elas, a que revela algo em comum com John e as forças das [Ações] da CasAteliÊ:

John se via assim atraído, quando saía para andar [...] simplesmente por ter visto alguma coisa que o lembrava daquele caco de vidro. Qualquer coisa, desde que fosse algum tipo de objeto, mais ou menos redondo, talvez com uma chama agonizante imersa a fundo em sua massa, qualquer coisa - porcelana, vidro, âmbar, rocha, mármore - até mesmo ovo liso e oval de uma ave pré-histórica. Habitou-se ele também a andar de olhos no chão [...] (Woolf, 2005, p. 113).

Sempre que se aproxima a realiz[Ação] de um AteliÊ, “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1984, p.39) e ando com os olhos no chão. Sinto-me atraída por sementes, folhas, galhos, flores, pedras, madeiras, rolhas, pinhas, fios, fitas, por partes de diferentes objetos. Tudo que encontro, aprecio e percebo algo de inusitado — que seja uma linha, um buraco, uma textura, uma cor, um formato — recolho e levo para compor a coleção de materiais ofertados na ocasião. Esses tipos de matérias sempre estão presentes nos AteliÊs da CasAteliÊ e, até então, são chamados de “materiais não estruturados”, termo arrastado de meus estudos sobre Educ[Ação] Infantil. Quando a pesquisa depara com o texto da Woolf (2005), algo de novo é instaurado. Tais materiais ganham outros sentidos para o AteliÊ, passam ao *status* de objetos sólidos e a funcionar como signos a-significantes, ou seja, são intrusos juntos aos materiais escolarizados, na tentativa de potencializarem a liber[Ação] de fluxos de leituras e escritas ainda não capturadas.

A chegada do quarto operador da PesquisAteliÊ, o *punctum* barthesiano (1984), dá consistência teórica à oper[Ação] do que o leitor extrai quando se encontra com a imagem. A partir da [Ação] de estudo da obra *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia* (Barthes, 1984), a pesquisa aproxima o *punctum* do texto literário, faz experiment[Ações] e inaugura os fluxos de leitura de *punctum*, pelas tentativas de extrair algo além do ordinário da leitura que escreve e da escrita que lê.

Ao longo dos estudos, realizo tentativas de extr[Ação] de leituras de *punctum* do texto literário: *Meus desacontecimentos — a história da minha vida com as palavras* (Brum, 2017) pelas escrituras em [Ações] visuais que compõem a dissert[Ação]. No AteliÊ Parfor/UCS, as professoras-participantes são apresentadas ao conceito de *punctum* e têm o primeiro contato com um estudo teórico sobre ele. Ainda realizam exercícios de extr[Ações] de *punctum* em fotografia, fazem tentativas de extr[Ação] e de materializ[ção], por [Ação] visual, de seus *punctuns* de leitura da obra da Brum (2017).

Após os três encontros, realizo experiment[Ações] de leituras de *punctum*, a partir do que salta das [Ações] visuais de leituras do AteliÊ Parfor/UCS, ou seja, daquilo que das imagens magnetiza opticamente e faz operar pensamentos.

O funcionamento dos quatro (4) operadores da pesquisa permite que as imprevisíveis linhas cartográficas sejam tramadas pelas experiment[Ações] de múltiplas entradas no texto, que ao fazer rizomas com diferentes oper[Ações] de leitura e escrita, fragilizam os modelos de pensamentos escolarizados e sustentam a vida, permitindo que algo diferente surja.

A trama ainda provoca encontros e rel[Ações], operam na liber[Ação] de forças de saber-poder e de singularidade por darem condições e possibilidades do pensamento operar, a partir da polissemia do texto, pela magnetiz[Ação] do olhar, pela fruição, pela fabul[Ação] e dão sustent[Ação] para novos modos de ser e da vida se fazer pelas experiment[Ações] de leituras das professoras-participantes e da pesquisadora da PesquisAteliÊ.

As linhas trilhadas pela cartografia da PesquisAteliÊ permitem outras ramific[Ações], evocando a experiÊncia de leituras pela experiment[Ação] no AteliÊ e de leituras de *punctum* para aumentar a potência da vida se fazer em meio à form[Ação] inicial e continuada de professoras. Mesmo que os elementos estudados e os tensionamentos criados se relacionem para atender ao rigor da pesquisa, há a volúpia por constantes outras experiment[Ações] de possíveis de leitura e escrita em meio à vida (Corazza, 2011).

Por esse afã, a CasAteliÊ parte em andarilhagem e segue investigando a experiÊncia de leitura por meio de estudos teóricos e da realiz[Ação] de

AteliÊs. Com esse objetivo, arrasta consigo todos os operadores da PesquisAteliÊ e sente a necessidade de continuar ampliando o seu repertório de leituras literárias.

Sobre o operador objetos sólidos, as investig[Ações] passam a focar no como se dá sua operaç[Ação] nas materializ[Ações] visuais das escreleituras, para potencializar as rel[Ações] de polissemia que estabelecem com os materiais durante as experiment[Ações] de leitura, com o objetivo de criar condições e possibilidades de fazer vazar os fluxos de leituras aprisionadas e, quem sabe, movimentar o pensamento.

Em rel[Ação] ao *punctum*, a CasAteliÊ segue investindo nos estudos teóricos e na investig[Ação] da rel[Ação] do *punctum* com a leitura literária, na busca por potencializar a oper[Ação] de sua extr[Ação] dos textos e sua materializ[Ação] em [Ações] visuais. A partir da PesquisAteliÊ, os AteliÊs passam a provocar as participantes a realizarem experiment[Ações] de cartografia das leituras de *punctum* criadas em seu espaço-tempo.

Para aumentar a potência do “ato de escreleiturar-se” (Matos, 2024c, p. 3), para dar sustent[Ação] às [Ações] no AteliÊ e para liberar as leituras aprisionadas, sigo em busca por aprofundar os estudos sobre as linhas filosóficas e didáticas que compõem o grande rizoma da Pedagogia da Diferença.

A PesquisAteliÊ retorna para a CasAteliÊ juntamente com uma professora-pesquisadora mais inquieta, pensante e crítica, que tem clareza dos seus combates, que está comprometida em continuar estudando e que reconhece a força das [Ações] dos AteliÊs em todas as frentes em que se dispõe a atuar. Professora-pesquisadora que acredita que uma “[...] experiência, um acontecimento interrompem a história, a revolucionam, criam uma nova história, um novo início” (Kohan, 2007, p.92), favorecendo novas geografias. Junto à cartografia da PesquisAteliÊ, parte em devir, reafirma o seu compromisso com a experiment[Ação]; busca novas conexões, perguntas, vazios e formas de manifest[Ação] de vida desviantes, errantes, minúsculas e éticas; procura por novas cartografias para fazer envergar a linha inventiva e o devir-presente-experiência como forças de aprendizado e para fomentar outros modos de a vida se fazer pelas leituras.

**IMAGEM 30**

**Local:** Ateliê Parfor/UCS.

**Autora:** Professora-participante 3.

**Materiais:** livro literário e *post-it*.  
Caxias do Sul, 2025.



...este tem lugar. Na letra,  
Luzia  
de Luz

das as cores, todas as cores,  
vivo, sou vivo, mãe, filha,  
da ética. Tenho um coração an  
fronteiras, nação  
sem  
mas me inter

# Referências

# Referências

ATELIÊ PRATEADO. [Sem título]. Lajeado, 26 fev. 2021. Instagram: @atelie.prateado. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CLwXuAmrBAi/?igsh=MXVnZGd6YTl2dmJpYw%3D%3D&img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CLwXuAmrBAi/?igsh=MXVnZGd6YTl2dmJpYw%3D%3D&img_index=1). Acesso em: 01 dez. 2025.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRASIL. **Decreto nº 60.200, de 14 de março de 1967**. Autoriza a constituição da Sociedade Universidade de Caxias do Sul. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [entre 1967 e 2025]. Disponível em:

<https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=7666>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 maio 2006. Seção 1, p. 7. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf). Acesso em: 01 dez. 2025

BRASIL. **Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009**. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica. Brasília, DF, 2009. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6755-29-janeiro-2009-585786-publicacaooriginal-109115-pe.html>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BRASIL. **Portaria nº 220, de 21 de dezembro de 2021**. Dispõe sobre o Regulamento do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - Parfor. Brasília, DF: CAPES, 2021. Disponível em:

<https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=7666>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**. Edital nº 8/2022. Dispõe sobre o resultado preliminar do Edital nº 1629612. Brasília, DF: CAPES, 2022. Disponível em:

[https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/07022022\\_Edital\\_1629612\\_SEI\\_CAPES\\_\\_\\_1628279\\_\\_\\_Edital\\_8.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/07022022_Edital_1629612_SEI_CAPES___1628279___Edital_8.pdf). Acesso em: 01 dez. 2025.

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).** Plataforma Freire. Brasília, DF: CAPES, 2023. Disponível em: <https://freire.capes.gov.br/portal/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.** Ministério da Educação divulga panorama das mulheres na educação básica. Brasília: Inep, 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202403/saiba-mais-sobre-o-panorama-das-mulheres-na-educacao-basica#:~:text=Professoras%20e%20diretoras%20%E2%80%93%20Em%202023,%2C9%20milh%C3%A3o>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BRENMAN, Ilan. **Livros, leituras e imaginação no mundo em isolamento.** [Entrevista cedida a] Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa. Lajeado, 9 jun. 2020. Instagram: @atelie.prateado. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CBO2ZWLBCkm/?igsh=b2h1dGgwbDhiZDNs>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BRUM, Eliane. **Meus desacontentamentos:** a história da minha vida com palavras. Porto Alegre: Arquipélago Editorial. 2017.

CARDONE, Janete. **Um convite ao trabalho com a literatura:** concepções, possibilidades e reflexões para a prática pedagógica. [Entrevista cedida a] Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa. Lajeado, 2 ago. 2020. Instagram: @atelie.prateado. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDYvd2TBA17/?igsh=MXcycWJtNDU2Zm5kaA%3D%3D>. Acesso em: 01 dez. 2025.

CAXIAS DO SUL. **Portaria nº 160.017, de 3 de janeiro de 2022.** Nomeia para cumprir estágio probatório. Caxias do Sul: Diário Oficial n. 2835, p. 12, 07 jan. 2022. Disponível em: <https://doe.caxias.rs.gov.br/site/janela/2849>. Acesso em: 01 dez. 2025.

CAXIAS DO SUL. Secretaria Municipal da Cultura. **Feira do Livro de Caxias do Sul.** Caxias do Sul, 2024a. Disponível em: <https://www.feiradolivrocaxias.com/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

CAXIAS DO SUL. Secretaria Municipal da Educação. **Plano municipal pela primeira infância.** COSTA, Maria Itelvina de Oliveira Prateado (org.). Caxias do Sul: Secretaria Municipal da Educação, 2024b.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o "hífen" da ligação necessária na formação docente. **Araucárias:** Revista do Mestrado em Educação da FACIPAL, Palmas, v. 1, n.1, p. 7-16, 2002. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10Jo562QHTbdQgkWjwCKQE6o7a6eBXr8L/view>. Acesso em: 01 dez. 2025.

CORAZZA, Sandra Mara. Notas. *In*: CORAZZA, Sandra Mara; HEUSER, Esther Maria Dreher (org.). **Caderno de Notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011a. p. 33 a 96. Disponível em:  
[https://drive.google.com/drive/folders/1QWX3HCx5WNu\\_eIDciU9g6JTl2jXjq\\_6B](https://drive.google.com/drive/folders/1QWX3HCx5WNu_eIDciU9g6JTl2jXjq_6B). Acesso em: 01 dez. 2025.

CORAZZA, Sandra Mara. A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, v. 11, n. 21, p. 13-16, 2011b. Disponível em:  
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/221018/000820192.pdf?se>. Acesso em: 01 dez. 2025.

COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77. maio/ago. 2014. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsm.br/index.php/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 09 dez. 2025

COSTA, Luciano Bedin. Roland Barthes e a fotografia como elemento da aula: imagem, intoxicação, viver-junto. **Dobra. Pensar com Artes**. Lisboa, Portugal. v. 2, p. 18. 2018. Disponível em:  
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188003/001082822.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2025.

COSTA, Luciano Bedin. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Revista Paralelo**. Pelotas, n. 31, p. 10-35. 10 dez. 2020. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em: 01 dez. 2025.

COSTA, Maria Itelvina de Oliveira Prateado. AteliÊ de leituras-*punctum*: Parfor/UCS/Caxias do Sul - licenciatura em Pedagogia. *In*: SOUZA, José Edimar de Souza... [et al.]. (org.). **Anais do X Colóquio de Educação Discente e 1º Congresso Internacional de Educação**: Mundos em pesquisa, educação e conexões. Caxias do Sul: Educus, 2025. p.317-323. Disponível em:  
<https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/x-cedu-ii-cined-x-coloquio-de-educacao-discente-ii-coloquio-internacional-de-educacao-mundos-em-pesquisa-educacao-e-conexoes-5964/> Acesso em: 09 dez. 2025.

COSTA, Maria Itelvina de Oliveira Prateado. Microrrevoluções: a força de constituir-se pesquisadora no/do cotidiano. *In*: STECANELA, Nilda; BIZOTTO, Débora Salvador (org.) **Varal de cartas pedagógicas**: constituir-se pesquisador(a) em Educação. Veranópolis: Editora Diálogos Freiriano, 2024. p. 58-65. Disponível em:  
<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/volume-8-varal-de-cartas-pedagogicas.pdf> Acesso em: 09 dez. 2025.

DE CONTO, Marli; MATOS, Sônia Regina da Luz. Cenas de alfabetização: Veranópolis-RS. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RAMOS, Flávia Brocchetto. (org.) **Partilhando pesquisas em tempos de recomeço**. Caxias do Sul: Educ, 2024. p. 563-583. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/partilhando-pesquisas-em-tempos-de-recomeco-5504/> Acesso em: 09 dez. 2025.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

FERREIRA, Carlos Eduardo. **Micropolítica e imagem do pensamento: a criação em Gilles Deleuze**. 2020. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em: <https://pos.uel.br/filosofia/teses-dissertacoes/micropolitica-e-imagem-do-pensamento-a-criacao-em-gilles-deleuze/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

INSTITUTO DE LEITURA QUINDIM (Caxias do Sul). Ateliê Araçari. **Instituto de Leitura Quindim**. Caxias do Sul, 2022. Disponível em: <https://www.institutoquindim.com.br/Ateliearacari>. Acesso em: 01 dez. 2025.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade, ignorância: ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAPOUJADE, David. **William James, a construção da experiência**. Tradução de Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1, 2017.

LUCENA, Adriana. **O desafio das bibliotecas na formação de leitores**. Mediação de Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa. Caxias do Sul, 2023. Instagram: @institutodeleituraquindim. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CyWjFzKgbF\\_/?igsh=dGc4aGU3N3ppZmww](https://www.instagram.com/p/CyWjFzKgbF_/?igsh=dGc4aGU3N3ppZmww). Acesso em: 01 dez. 2025.

MARQUES, Lucas. Instituto Quindim participa da edição de primavera do Le Marché Chic. **Instituto de Leitura Quindim**. Caxias do Sul, 2021a. Disponível em: <https://www.institutoquindim.com.br/post/instituto-quindim-participa-da-edi%C3%A7%C3%A3o-de-primavera-do-le-march%C3%A9-chic>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MARQUES, Lucas. Instituto Quindim e Ateliê Araçari apresentam a exposição "Traços das Infâncias". **Instituto de Leitura Quindim**. Caxias do Sul, 2021b. Disponível em: <https://www.institutoquindim.com.br/post/instituto-quindim-e-ateli%C3%AA-ara%C3%A7ari-apresentam-a-exposi%C3%A7%C3%A3o-tra%C3%A7os-das-inf%C3%A2ncias>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MARQUES, Lucas. Instituto Quindim recebe seminário internacional para discutir abordagens participativas na educação. **Instituto de Leitura Quindim**. Caxias do Sul, 2022. Disponível em:

<https://www.institutoquindim.com.br/post/instituto-quindim-recebe-semin%C3%A1rio-internacional-para-discutir-abordagens-participativas-na-educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 01 dez. 2025.

Matos, Sônia Regina da Luz. Infância youtuber mirim: tensões e desafios. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 13, n. 39, p. 484-504, 2023. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4259> Acesso em: 09 dez. 2025.

MATOS, Sônia Regina da Luz. **Um ateliê como experiência**. Trabalho de Conclusão de curso (Especialização em Linguagens Contemporâneas e Ensino) - Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Canoas, 2024a. Disponível em:

<https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/1955?show=full>. Acesso em: 09 dez. 2025.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Experiência literária com a cidade. **Ensino, arquivo e docência**. Lajeado. p.113-122. 2024b. Disponível em:

[www.univates.br/editora-univates/publicacao/427](http://www.univates.br/editora-univates/publicacao/427). Acesso em: 01 dez. 2025.

Matos, Sônia Regina da Luz. Literaturar a formação de pesquisadoras-alfabetizadoras. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 22, p 1-12. 2024c. Disponível em:

<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/706>. Acesso em: 09 dez. 2025.

MATOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER, Betina; CORAZZA, Sandra Mara. Docência e a aula como ensaio. **Educação UFSM**, Santa Maria, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021.

Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644439574>. Acesso em: 01 dez. 2025.

PASCOVSKA, Kveta. Entrevista. [Entrevista concedida a] Javier Sobrinho. **Revista Emília**, São Paulo, 18 fev. 2013. Disponível em: <https://emilia.org.br/kveta-pacovska/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Com Roland Barthes**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RAMOS, Adriana. **Relação família-escola e o diálogo necessário**. [Entrevista cedida a] Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa. Lajeado, 9 mar. 2021. Instagram:

@Atelie.prateado. Disponível em:

<https://www.instagram.com/tv/CMN3AJOBesu/?igsh=eGt4ZGQ2cDhqM2dz>. Acesso em: 01 dez. 2025.

RECH, Alessandra. Parceria entre institutos de Caxias do Sul leva projeto de biblioteca a Minas Gerais. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 4 dez. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2022/12/parceria-entre-institutos-de-caxias-do-sul-leva-projeto-de-biblioteca-a-minas-gerais-clb7pkiq500040170sg6km4yk.html>. Acesso em: 01 dez 2025.

RIBEIRO, Jonas. **Texto e texturas, leitores e sabores**. [Entrevista cedida a] Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa. Lajeado, 16 jun. 2020. Instagram: @atelie.prateado. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CBfsgf0BDrx/?igsh=czRIZTJiandqanA%3D&img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CBfsgf0BDrx/?igsh=czRIZTJiandqanA%3D&img_index=1). Acesso em: 01 dez 2025.

**ROGÉRIO**, Cristiane. Os 30 melhores livros infantis do ano - 2025. **Crescer**, Rio de Janeiro, 3 jun. 2025. Seção Literatura Infantil. Disponível em: [revistacrescer.globo.com](http://revistacrescer.globo.com). Acesso em: 01 dez. 2025.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

SANTOS, Francieli Karine dos. **Mini histórias: "plenas ao piano"**. [Entrevista cedida a] Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa. Lajeado, 20 maio 2021. Instagram: @atelie.prateado. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPJUgFOLi5f/?igsh=b2Y0YTJkMzRibmQw>. Acesso em: 01 dez. 2025.

SANTOS, Francieli Karine dos; COSTA, Maria Itelvina de Oliveira Prateado; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Experiência do estágio de formação de professores em Psicologia I: articulações entre Psicologia e Educação. *In: Percursos e experiências da Psicologia na e com a Educação no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, p. 146-149, 2022. Disponível em: [https://crprs.org.br/conteudo/publicacoes/ebook\\_percurso\\_final.pdf](https://crprs.org.br/conteudo/publicacoes/ebook_percurso_final.pdf). Acesso em: 01 dez. 2025.

SPANHOL, Simone Maria; MATOS, Sônia Regina da Luz. Ateliês de desenhografia: o desenho e a fotografia na escola. *In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RAMOS, Flávia Brocchetto. (org). Partilhando pesquisas em tempos de recomeço*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2024. p. 745-777. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/partilhando-pesquisas-em-tempos-de-recomeco-5504/> Acesso em: 09 dez. 2025.

SOARES, Lucília; CANÔNICA, Volnei. **Imagens narrativas e a ampliação do repertório**. Mediação de Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa. Instagram: @institutodeleituraquindim. Caxias do Sul, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/institutodeleituraquindim/p/DAWALu9u7oI/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Matriz Curricular**. Caxias do Sul, [2024].

Disponível em:

<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Anexo-II-PARFOR-Edital-13-2022-GABI.pdf>.

Acesso em: 01 dez. 2025.

WOOLF, Virginia. Objetos sólidos WOOLF, Virginia. *In: Contos completos*. Tradução de Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 111-116. Disponível em:

[file:///C:/Users/itelv/Downloads/Contos%20Completo%20de%20Virginia%20Woolf%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/itelv/Downloads/Contos%20Completo%20de%20Virginia%20Woolf%20(1).pdf). Acesso em: 09 dez.2025.

em palavras mas o meu corpo

homem, simples, becho,  
 uma dorinha, pedra, no  
 coração andarilho, um corpo mutante,  
 não me interessam, limites são  
 fronteiras, não importam o  
 da ética. Então um  
 becho, becho humano, arvore,  
 uma mente transgênera. Sou irmã, mãe, filha,  
 Sou filha.

IMAGEM 31

Local: CasAteliÊ.

Autora: Maria Itelvina de Oliveira Prateado Costa.

Materiais: caneta esferográfica preta, papel branco 120g/m².

Caxias do Sul/2024.